

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ARCHE - REVISTA DISCENTE DE ARQUEOLOGIA



ANAIS

CIDADES EM TRANSE:

Ancestralidades, envelhecimentos
e espaços urbanos



ARCHE
RIO GRANDE, RS
2024

Anais Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos
ISBN: 978-65-01-23479-3

ANAIS CIDADES EM TRANSE: ANCESTRALIDADES, ENVELHECIMENTOS E
ESPAÇOS URBANOS

ORGANIZAÇÃO

Louise Prado Alfonso
Gabriela Pecantet Siqueira
Lara Emmile Evangelista Valença

ARCHE
RIO GRANDE, RS
2024

© Autores, 2024.

Comissão organizadora do Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos:

Alice da Conceição Teixeira
Felipe Aurélio Euzébio
Franciele Fraga Pereira
Gabriela Pecantet Siqueira
Gerson Machado Rosa
Ingrid Adrielle de Souza Freitas Santana
Janaina Vergas Rangel
João Mansur Neto
Lara Emmile Evangelista Valença
Leticia Beck Fonseca
Marcela dos Santos Dode
Marina da Fonseca Lopes
Martha Rodrigues Ferreira
Melina Monks da Silveira
Milena Behling oliveira
Nina Acacio
Pedro de Moura Alves
Ricardo Pavéglio Sommer
Rudy da Silva Ribeiro
Veridiana Machado Rosa Oliveira

Capa: Gabriela Pecantet Siqueira

Diagramação, editoração e revisão: Gabriela Pecantet Siqueira e Louise Prado Alfonso

Organização: Louise Prado Alfonso, Gabriela Pecantet Siqueira e Lara Emmile Evangelista Valença

Os trabalhos que compõem a presente obra são de inteira responsabilidade de seus/suas respectivos/as autores/as. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação
Elaborada por Leda Lopes CRB: 10/2064

A532 Anais Cidades em Transe [recurso eletrônico]: ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos. / organização Louise Prado Alfonso, Gabriela Pecantet Siqueira, Lara Emmile Evangelista Valença. - Rio Grande : ARCHE, 2024.
98. : il. color.

36,4 MB, e-book (PDF)
ISBN: 978-65-01-23479-3
Evento realizado nos dias 1, 2 e 3 de junho de 2022 - Pelotas, RS.

1. Ancestralidade. 2. Espaços urbanos. 3. Etnografia. 4. Envelhecimento. I. Siqueira, Gabriela Pecantet, org. II. Valença, Lara Emmile Evangelista, org.

CDD: 305

SUMÁRIO

LINHAS INICIAIS.....	6
ARTIGO DE APRESENTAÇÃO.....	8
RESUMOS EXPANDIDOS.....	26
MESA 1.....	26
MESA 2.....	31
MESA 3.....	35
MESA 4.....	40
MESA 5.....	45
MESA 6.....	50
MESA 7.....	58
MESA 8.....	64
MESA 9.....	72
RAÍZES DA CIDADE.....	76
RAÍZES DA CIDADE 1.....	76
RAÍZES DA CIDADE 2.....	80
RAÍZES DA CIDADE 3.....	83
RAÍZES DA CIDADE 4.....	86
PALESTRA DE ENCERRAMENTO.....	89

LINHAS INICIAIS

RAÍZES E RESISTÊNCIAS

A figura da **árvore** possui distintos significados em diferentes culturas. No “Cidades em Transe: Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos”, a figura da árvore faz simbologia à vida, que é repleta de histórias, lembranças, ciclos e mudanças!



O envelhecimento é parte destas transformações – é um processo natural que muda nosso corpo e mente – e ganha diferentes contornos a depender do contexto e cultura de determinado grupo ou sociedade. Assim, para além do aspecto natural que envolve o processo do envelhecimento, existe uma realidade cultural que (re)define este momento: **quem é considerado/a/e velho/a/e? O que indica o início deste processo? O que significa envelhecer? O que é envelhecer pra ti? Será que podemos dizer que as coisas, as edificações, as cidades também envelhecem?** Com certeza é um processo que não é vivido da mesma forma por todas as pessoas. Envelhecer varia conforme a classe social, raça, gênero, orientação sexual, geração, bem como de acordo com experiências, vivências, com as relações que tecemos ao longo da vida, entre tantos outros aspectos possíveis.

Olhar com atenção para este processo de envelhecimento, ou melhor, para estes processos de **envelhecimentos** (já que o envelhecer é uma experiência em seu sentido mais plural) permite perceber uma relação com o próprio passado, com as origens, com as raízes, com as **ancestralidades**. Por isso, as ancestralidades também são evocadas aqui, pois são formas de perceber a forte presença do nosso passado no presente, seja quando falamos de famílias consanguíneas ou de afinidades, do passado de um grupo, de uma religião, de um modo de vida ou de uma crença. Falar em ancestralidades é uma forma de olhar para as pessoas que nos antecederam, que fizeram seus caminhos para que no presente cada um de nós pudesse caminhar. Ancestralidade é resistência, liberdade e união. Estas são raízes que estão espalhadas por meio de quem veio antes de nós e dão sustentação para que hoje sejamos flores.

Nesta 6ª edição do Cidades em Transe, buscamos apresentar e honrar estas narrativas que fazem os diferentes **espaços urbanos**. Falas que constroem e transmitem conhecimentos por meio de suas próprias vivências e sobrevivências, dando vida ao traçado urbano e as vias da cidade. A árvore, em suas inúmeras espécies, alturas e cores, enquanto símbolo deste evento, vem também representar a diversidade e a pluralidade de experiências!

Nossa história tem raízes e cada um de nós carrega marcas ao longo da vida, mas, principalmente, falar do tema **ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos** é falar de

resistência e de estar constantemente (re)construindo novos sentidos na vida... Que é uma eterna espiral!

Pedro de Moura Alves
Ingrid A. de Souza Freitas Santana
Martha Rodrigues Ferreira
Gabriela Pecantet Siqueira

ARTIGO DE APRESENTAÇÃO

PARA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE DISCUSSÕES SOBRE ANCESTRALIDADES, ENVELHECIMENTOS E ESPAÇOS URBANOS NO EVENTO CIDADES EM TRANSE

Gabriela Pecantet Siqueira*; Lara Emmile Evangelista Valença**; Louise Prado Alfonso***

*gabrielapecantet@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
**laraufpel@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
***louiseturismo@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

INTRODUÇÃO

A extensão universitária foi concebida oficialmente por uma perspectiva de transmissividade, predominando uma hegemonia universitária sobre demais saberes. Porém, nos anos 1970, sob influência do educador Paulo Freire, ocorreram mudanças paradigmáticas em relação ao conceito de extensão. As ações extensionistas passaram a buscar tecer relações mais horizontais, por uma concepção da via de mão dupla, reconhecendo o processo dialógico imbricado entre saberes acadêmicos e não acadêmicos (Nogueira, 2000; Melo Neto, 2001). A Universidade e a comunidade passaram a compartilhar conhecimentos, ambas se retroalimentando. Assim, hoje se considera nas ações de extensão as demandas e saberes da sociedade na qual se encontra inserida a Universidade.

Em 1987, foi criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), que definiu a extensão como “um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 28). A partir desse conceito o Forproex tem atuado no estabelecimento de diretrizes para a extensão, bem como a de sua concepção, inserção social e curricularização. A Constituição Federal de 1988 (CF/88) (em seus artigos 207 e 213), em conformidade com a definição do FORPROEX, reconheceu a extensão como parte inerente na formação universitária, juntamente do ensino e da pesquisa, possibilitando ainda o recebimento de apoio financeiro do poder público.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 1996, adaptando a redação do artigo 69 da LDB de 1961, passou a prever as práticas extensionistas como um dos fins da educação superior. A partir de então iniciou-se um movimento de regulamentação de ações e projetos extensionistas por várias instituições e universidades a fim promover a possibilidade de sua efetivação.

O Plano Nacional de Educação (PNE), em vigor no decênio 2014-2024, instituído pela Lei nº 13.005/2014, definiu dez diretrizes que devem guiar a educação brasileira neste período, e estabelece 20 metas a serem cumpridas na vigência. Dentre as estratégias definidas para alcançar as metas estabelece que as universidades devem “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (p. 1), meta que já estava presente no PNE do decênio de 2001-2010.

Cabe salientar o avanço ao longo do tempo do entendimento de extensão, ultrapassando ideias de transmissão, disseminação ou aplicação de conhecimentos universitários, e a expansão das ações desenvolvidas superando o formato de prestação de serviços e assistências. A concepção assistencialista que antes permeava a extensão universitária, sustentava a ideia de transmissão vertical (ou unilateral) do conhecimento, ignorando a cultura e os saberes da população. A relação da universidade com a sociedade passou a ser considerada estratégia de formação estudantil ao passo que possibilitou um novo canal para atendimento de demandas da população.

O texto da Política Nacional de Extensão Universitária (2012) reafirma a extensão universitária “como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (p. 11). Assim, o objetivo da extensão é promover o desenvolvimento social com o atendimento de necessidades localizadas – levando em conta os saberes e fazeres de grupos e comunidades mobilizados em seus cotidianos – aliada à difusão das pesquisas científicas geradas nas instituições de ensino superior.

Neste sentido, o evento *Cidades em Transe* ocorre em prol deste objetivo, desde o ano de 2017. O evento é organizado pelo projeto de pesquisa *Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que tem como pilar a articulação entre pesquisa, ensino e extensão. Ao longo dos anos o projeto debate junto a grupos e comunidades diversos temas, promove trocas de experiências e construções de saberes de forma coletiva, o que possibilita a aproximação ao dia a dia e às concepções dos espaços urbanos destes. Bem como, contribui para que discentes e pessoas pesquisadoras ampliem seus olhares sobre a cidade, que é “construída pelas mulheres trabalhadoras, pelas comunidades periféricas, pela comunidade LGBTQIA+, pelas Religiões de Matrizes Africanas, que em seus cotidianos fazem a cidade” (Alfonso; Siqueira; Ferreira, 2021, p. 10).

Os debates desenvolvidos acontecem no âmbito dos três projetos de extensão vinculados ao projeto de pesquisa *Margens* e que estão sempre presentes nas atividades propostas do evento, são eles: *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação*; *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*; e o *Mapeando a Noite: O universo Travesti*. O *Cidades em Transe* tem sido um espaço para fomentar diálogos entre público acadêmico e o não acadêmico, que na organização e execução do evento desempenham papel fundamental. A contribuição da

extensão universitária para a formação discente, de diferentes áreas do conhecimento, guarda alto potencial formativo. Mas como as ações de extensão universitária podem contribuir para o desenvolvimento da formação discente e para a comunidade? Nesta escrita voltamos nosso olhar para a sexta edição do evento *Cidades em Transe*, contextualizado pela extensão. Na primeira seção apresentamos o evento e suas edições de forma geral. Na segunda seção exploramos de forma mais específica as atividades, temas e subtemas da última edição do *Cidades em Transe*.

1. CIDADES EM TRANSE

As três primeiras edições do *Cidades em Transe* (2017, 2018 e 2019) ocorreram de forma presencial, porém as edições subsequentes (2020, 2021 e 2022) foram desenvolvidas em formato online em virtude da Pandemia da Covid-19. A primeira edição do evento ocorreu de 10 a 13 de novembro de 2017 apresentando como temática “Margens, Conflitos e Resistências” e com a realização de quatro rodas de conversas, (i) Entre elas: cotidiano e trajetórias, (ii) Intolerância religiosa: Religiões de Matriz Afroe suas relações com a cidade, (iii) Roda de Chimarrão no Passo dos Negros: Vidas às margens do São Gonçalo, e (iv) Corpos que importam: Presença Travesti nas salas de aula. As atividades foram desenvolvidas junto a grupos com os quais integrantes do projeto já estabeleciam diálogos pretéritos, constituindo um momento importante para o estreitamento das relações, bem como colocar em prática a observação atenta e escuta ativa com as interlocuções (OLIVEIRA, 1996).

Após um frutífero resultado da ação e em continuidade ao trabalho desenvolvido, no ano seguinte, foi realizada a segunda edição entre 5 a 7 de julho de 2018, no qual foi explorado o tema das “Margens em Transformações”. As rodas de conversas desenvolvidas foram¹ (i) Terra de Santo: Povo de Terreira em Convivência, (ii) Entre elas: O trabalho doméstico e suas transformações com o passar dos anos e (iii) Narrativas do Passo: olhares e memórias a partir do engenho. Já a terceira edição do *Cidades em Transe* ocorreu de 27 de maio a 2 de junho de 2019 com o tema “Cotidianos em conexão”, envolvendo duas rodas de conversas (i) Comidas e Orixás: Um piquenique no Mercado Central e (ii) Roda de Conversa com bergamota e chimarrão, e duas oficinas, (i) Oficina Bruxas e Pombas-Giras: A Construção da Mulher como Mal no Ocidente e a (ii) Oficina Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um país tropical: Discutindo arqueologias e sexualidades.

Conforme relataram discentes do curso de Antropologia da UFPel, ao longo do anos o *Cidades em Transe* permitiu ir além do que era lido e estudado nos artigos científicos ou discutido em sala de aula, pois através da prática extensionista possibilita que seja posta em ação e em relação os conhecimentos acadêmicos e os de vida. Conforme relatou:

¹ A roda de conversa Zoeira é legal ou dói? Vivências entre gêneros e sexualidade na escola, que iria ser realizada de forma fechada com a equipe do projeto Mapeando a Noite e estudantes do ensino fundamental de escolas públicas, foi cancelada visando a segurança das pessoas participantes, pois o contexto político na época foi caracterizada por diversos ataques às comunidades LGBTQIA+ (virtual ou presencialmente) (ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021).

(...) aprendi a organizar atividades junto das comunidades, trabalhar a escuta aberta, ouvir sem pré-julgamentos, a trabalhar o “olhar, ouvir e escrever” de Roberto Cardoso de Oliveira. O Cidades em Transe, além de ser um evento vinculado aos projetos do Margens, se transformou em uma concepção de formação, uma ideia, uma forma de fazer, uma possibilidade de ensinar e aprender na prática. Para além do “treino” de etnografar, o evento fornecia uma dinâmica de mobilidade para os integrantes, uma proposta de aguçar a percepção sobre a cidade de Pelotas, o trabalho começava ao sairmos de casa e nos deslocarmos até os locais das rodas de conversa. Em sua totalidade o Cidades em Transe ia além da proposta inicial, transformava um evento acadêmico em um evento horizontal e democrático. (Relato de experiência, 28 de setembro de 2023)

Ainda, outra pessoa integrante do projeto também compartilhou que:

(...) aprendi a observar, a falar, a escrever e principalmente ouvir. Aprendi ser mais humano, compreensivo, ser um antropólogo mais crítico (para comigo mesmo), um religioso mais "aberto", aprendendo que cada um tem suas verdades e saberes. (Relato de experiência, setembro de 2023)

A experiência proporcionada pelo evento permitiu um primeiro contato ou a continuidade de diálogos com comunidades que não necessariamente respiram os ares acadêmicos, mas que carregam saberes importantes para a construção da episteme científica. Para a Antropologia as trocas se dão de forma ainda mais fundamental, visto que sua especificidade envolve a compreensão dos sentidos e significados de diferentes grupos sobre distintos aspectos e dimensões da vida.

Em 2020 este processo teve continuidade, mas com adaptações. Com o advento da Pandemia da Covid-19² e a necessidade de mantermos o distanciamento social, o campo educacional de forma geral teve que se readaptar às novas circunstâncias, adotando principalmente o modelo do ensino remoto. Apesar do acesso a dispositivos e a internet em nosso país ser extremamente desigual, foi a alternativa mais viável a ser adotada frente a necessidade de evitar a contaminação e proliferação da doença da Covid-19. No ensino superior as atividades de ensino, pesquisa e extensão também migraram para o ambiente virtual. Assim, o projeto de pesquisa Margens realizou pela primeira vez o Cidades em Transe no formato *online*.

Com a temática Pluralidade do Morar, o Cidades em Transe aconteceu de 21 a 25 de setembro de 2020 e proporcionou discussões e trocas de experiências na construção de

² A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada no dia 31 de dezembro de 2019 a respeito da ocorrência de vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Após uma semana, no dia 7 de janeiro de 2020, houve a confirmação por autoridades chinesas de que se tratava de um novo coronavírus – denominado SARS-CoV-2 – causador da doença COVID-19, nunca identificado até então em seres humanos. Após dois meses a OMS, no dia 11 de março de 2020, declara pandemia mundial da COVID-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>.

saberes, como vinha sendo feito nos anos anteriores. O evento teve início com uma palestra de abertura – intitulada Direito à moradia: reflexões sobre práticas cotidianas, vínculos com espaço e arranjos temporais que ritmam o viver cotidiano de moradores de cidades gaúchas – proferida por Leandro Barbosa, 21 mesas redondas³, *lives* e filmes etnográficos (a programação completa está disponível em: <https://cidadesemtranse.wixsite.com/pluralidadedomorar>) (ALFONSO; SIQUEIRA; FERREIRA, 2021).

Ainda que o evento tenha ocorrido em um novo ambiente, com a utilização de ferramentas diferentes das que haviam sido exploradas até então, cumpriu sua tarefa em ser meio para manutenção de contato e interlocuções com os grupos com os quais trabalhamos através dos projetos de extensão, bem como no seu objetivo na formação discente. De acordo com uma das pesquisadoras que ingressou no projeto em 2020:

(...) evento Cidades em Transe é sempre muito especial, tenho por esse evento um carinho enorme, por conta das experiências e trocas que esse evento me proporcionou. A primeira vez que participei desse evento foi em 2020, participei como ouvinte e assisti a todas as mesas do evento – e olha que foram vinte e uma mesas, sem contar o evento de abertura e o corujão. Assisti a todos, e a família assistiu junto, foi uma excelente programação pandêmica.

Foi também nessa edição que organizei a minha primeira mesa em um evento, é isso mesmo, meu primeiro Cidades em Transe como ouvinte e com uma proposta de mesa, uma construção coletiva – que contou com a colaboração de vários colegas do Grupo de Pesquisa Margens, da qual faço parte desde 2020. Essa mesa foi de extrema importância no meu projeto de seleção para o mestrado.

Foi uma experiência muito enriquecedora, eu participei da organização do evento, organizei mesa, assisti mesas com temas diversos, aprendi muito. Depois nos dedicamos aos anais do evento, algo que eu também nunca tinha escrito, foi um período de aprendizagem e de troca com os colegas. (Relato de experiência, 26 de setembro de 2023)

³ Foram elas: Mesa 1 - Habitação pra quem?; Mesa 2 - Cidade-mato e os movimentos da vida; Mesa 3 - O morar no Pampa gaúcho, aspectos materiais e simbólicos do habitar fronteiriço; Mesa 4 - Crescendo com o Sagrado: Crianças de/no Terreiro; Mesa 5 - Pesquisar Religiões de Matrizes Africanas: é possível se distanciar do Sagrado que habita em ti?; Mesa 6 - Reflexões e debates sobre regularização fundiária em Pelotas; Mesa 7 - Reflexões sobre maternidades típicas em meio à pandemia do covid-19; Mesa 8 - Pessoas em situação de rua: perspectivas para além da invisibilidade; Mesa 9 - LGBTQI+, mulheres e o direito à cidade; Mesa 10 - Juventude em vulnerabilidade: formas de habitar fora do meio familiar; Mesa 11 - Morar entre águas Urbanas; Mesa 12 - Memórias e cozinha: reflexões sobre o espaço e a construção dos indivíduos; Mesa 13 - Histórias do habitar Pelotas – algumas experiências da disciplina de Projeto de Arquitetura VI (FAUrb-UFPel); Mesa 14 - Experiências plurais: relatos do morar fora da norma; Mesa 15 - Vivendo em meio ao caos as moradias estudantis; Mesa 16 - Os desdobramentos do morar na interface cidadania e turismo; Mesa 17 - O Morar Feminino na Pandemia: Mulheres e Jogos de Interação Online; Mesa 18 - Relatos sobre o morar: a Leitaria de Sezenando Souza dos Santos; Mesa 19 - (Sobre)Vivendo com seu Sagrado em contextos de Racismo religioso; Mesa 20 - Olhares sobre o passado das habitações coletivas: os cortiços das cidades de Pelotas e Rio Grande (RS); Mesa 21 - O Morar após a morte: cemitérios.

O evento e os projetos de extensão mostraram-se importantes na trajetória acadêmica de várias outras pessoas pesquisadoras, como percebemos em outra narrativa:

(...) ainda que eu tenha ido em uma reunião presencial, 2020 adentrou trazendo consigo a pandemia. Foi quando soube que estavam fazendo os trabalhos de maneira remota. E entrei de vez no projeto.

O Terra de Santo me proporcionou o privilégio de ser organizadora de mesa, mediadora, articuladora e de comissão científica. Me possibilitou pensar em pautas que não abarqueei em minha pesquisa, como mulheres de Axé, ancestralidade e envelhecimentos, crianças de Terreiros, etc. Me fez ter contato com parcerias maravilhosas do povo de Terreiro e ver a felicidade de cada um de meus interlocutores por se sentirem aceitos e pertencentes de maneira mais imediata, sem ter, necessariamente, que esperar por toda uma escrita e defesa de trabalho acadêmico. (Relato de experiência, 28 de setembro de 2023)

Já a quinta edição ocorreu de 16 a 20 de agosto de 2021, com o foco dos diálogos do evento foram os “Patrimônios, Conflitos e Contranarrativas Urbanas”. O evento teve início com palestra de abertura proferida pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani (USP) – intitulada A Cidade como patrimônio: Uma Aproximação Etnográfica –, com a palestra da Profª. Dra. Luciana de Castro Nunes Novaes (UFS), intitulada “Práticas Litúrgicas de Matriz Africana e a Existência da Afronatureza na Cidade, e a palestra com o Prof. Dr. Caetano Sordi (IPHAN/RS)⁴ intitulada “Duas Décadas do Decreto 3.551/2000: O Patrimônio Imaterial no Brasil e no RS. Também contou com a realização de 21 mesas redondas⁵, *lives*, uma oficina – intitulada Culturas de Matrizes Africanas: Há como Inserir-las na Educação? –, filmes etnográficos, com uma exposição de arte e apresentações de pôsteres virtuais (a programação completa está disponível em: <https://cidadesemtranse.wixsite.com/contranarrativas>). O formato online seguiu contribuindo com aprendizagens discentes:

Na edição de 2021, foi basicamente o mesmo processo, organizamos o evento, eu organizei uma mesa - ao vivo – a outra havia sido gravada

⁴ No período em questão, técnico antropólogo da Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul.

⁵ As mesas que compuseram o evento foram: Mesa 1 – Paisagens Culturais, Pequenas Localidades e Ambientes Rurais; Mesa 2 – Turismo e Contranarrativas; Mesa 3 – Patrimônio Fronteiriço Brasil-Uruguay; Mesa 4 – Domingos no Castelo: O Patrimônio e a Comunidade (2018-2019); Mesa 5 – Patrimônios Industrial Ferroviário: História, Cidade e Preservação; Mesa 6 – Tradição Oral, Cultural Afrodescendente e Patrimônio em Comunidades Quilombolas no Recôncavo Baiano; Mesa 7 – Patrimônios e Lutas Urbanas na Região da Estrada do Engenho em Pelotas; Mesa 8 – Transpologia e suas Reivindicações de Representações; Mesa 9 – Iabás em Foco: Mulheres de Terreiro e seus Caminhos nas Cidades; “Mesa 10 – Os Territórios Negros de Rio grande/RS (re)existem!; Mesa 11 – Cozinha e Patrimônio: Reflexões sobre o Lugar e o Cotidiano; Mesa 12 – Patrimônio, Museus e Comunidades: Por uma Museologia Colaborativa; Mesa 13 – Debates sobre Patrimônio e Cidade na Formação Universitária; Mesa 14 – pesquisa Etnográfica e Conflitos Socioambientais: Diálogos com Interlocutores; Mesa 15 – Patrimônio Cultural em Campos Minados: Pesquisa Etnográfica e Conflitos Socioambientais; Mesa 16 – Roda de Memórias da Fábrica Rheingantz; Mesa 17 – Narrativas Urbanas, Patrimônios e Comunidade LGBTQIA+; Mesa 18 – Ares da Modernidade: Arquitetura Art-Déco no Sul do Brasil; Mesa 19 – Patrimônio, Intersubjetividades e Afetos: Envolvendo-se com a Materialidade e Imaterialidade; Mesa 20 – Mulheres e Patrimônio e Mesa 21 – Filosofia Africana: Patrimônio Oral e Ancestral.

anteriormente. Assisti os colegas e cheguei a contribuir com uma gravação de áudio em uma mesa organizada pela Ingrid Santana. E o maior desafio foi ter participado pela primeira vez da Comissão Científica, onde auxiliei na análise dos pôsteres, mas eu fui incentivada por todas/es da organização do evento e da Comissão. Realmente aprendíamos juntas. (Relato de experiência, 26 de setembro de 2023)

Na sexta edição, ocorreu entre os dias 1º e 3 de junho de 2022 com tema “Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos” teve nove mesas redondas, palestras, espaço chamado Raízes da Cidade e filmes etnográficos (a programação completa está disponível em: <https://cidadesemtranse22.wixsite.com/ancestralidade>). Como nas duas edições passadas, ocorreu em formato virtual, porém, a escolha do formato do evento não foi por conta do mesmo motivo das edições passadas. No ano de 2022 a equipe optou por um evento *online* visto que vários membros da equipe não residiam mais em Pelotas e também por conta do alcance que o formato viabiliza. Dessa maneira, o formato do evento nos ajudou a gerar uma melhor organização, estabelecendo calma e gerando segurança a todas as pessoas participantes e palestrantes da do Cidades em Transe.

Seja no formato presencial ou *online*, entendemos que a extensão desenvolvida pelo projeto de pesquisa Margens com o Cidades em Transe alcançou importantes resultados. Em seu formato presencial foi construída por narrativas de grupos e pessoas que nem sempre são ouvidas, revelando “uma Pelotas diferente” daquela presente em discursos homogeneizadores, que desconsideram a pluralidade de uma cidade dinâmica e em movimento (Previtali; Alfonso, 2018). Com a necessária migração ao ambiente virtual, o evento pode atingir um amplo público que antes não era alcançado (Tabela 1), ultrapassando barreiras geográficas. Movimento que promoveu o acesso a oportunidades educacionais para pessoas em diferentes localidades, incluindo aquelas em áreas remotas ou com dificuldade de mobilidade. Além disso, a oportunidade de desenvolver habilidades digitais foram valiosas para integrantes do projeto, como comunicação e colaboração virtual e utilização de ferramentas digitais.

Tabela 1. Alcance do evento Cidades em Transe (2017-2022)

Cidades em Transe			
Modalidade	Edição	Tema	Alcance
<i>Online</i>	Cidades em Transe de 2020	Pluralidade do Morar	4.121 visualizações totais nas atividades desenvolvidas (Youtube) 2.081 acessos ao site
	Cidades em Transe de 2021	Patrimônios, Conflitos e Contranarrativas Urbanas	4.448 visualizações totais nas atividades desenvolvidas (Youtube) 2.926 acessos ao site

	Cidades em Transe de 2022*	Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos	4.194 visualizações totais nas atividades desenvolvidas (Youtube) 1.134 acessos ao site
--	----------------------------	--	--

* Nesta edição também conseguimos alcançar um público de forma presencial através do apoio da Bibliotheca Pública Pelotense (BPP). Pessoas que visitaram a BPP no mês de junho de 2022, contemplando docentes e discentes da rede de escolas públicas, puderam ter acesso com a exibição dos vídeos gravados para o espaço Raízes da Cidade. Conforme informado pela Bibliotheca, no referido mês, contou com a visita de 790 pessoas.

Fonte: Autoras. 2023.

Em todos os anos a temática central e correlatas tratadas no evento foram escolhidas de forma coletiva. Durante as reuniões do projeto de pesquisa Margens eram discutidos quais temas teriam relevância na época, bem como sobre os conceitos e suas articulações com as categorias já mobilizadas no âmbito do projeto. Após a realização da edição de 2022, em encontro para a avaliação do evento no Margens, foi levantado o tema do envelhecimento como importante para discussões futuras.

Hoje o Brasil enfrenta um rápido envelhecimento de sua população, fenômeno que tem implicações significativas em várias áreas, incluindo na da saúde, economia e políticas públicas. Ao mesmo tempo vivemos em um contexto onde a ancestralidade frequentemente enfrenta desafios na valorização devido a várias dinâmicas políticas, sociais e culturais da nossa sociedade. Discutir sobre os processos de envelhecimento, diante dessa realidade demográfica, promover diálogos com comunidades que reconhecem a importância dos saberes ancestrais se tornou crucial neste momento.

Assim, o evento de 2022 teve como tema Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos, com a finalidade de promover debates acerca das ancestralidades, fundamentados em processos coletivos de construção identitária, que são dinâmicos e adquirem distintos sentidos ao longo das trajetórias de vida. Assim como proporcionar reflexões sobre os envelhecimentos e suas relacionalidades, que envolvem direitos e deveres, relações de afetos, religiosidades, novas sensibilidades, questões de saúde, mobilidade e moradia e oportunizar o contato com diferentes perspectivas e construções simbólicas que os processos de envelhecimentos podem assumir em diferentes linguagens, para os mais diversos grupos, como movimentos sociais, grupos religiosos, indígenas e quilombolas, pessoas LGBTQIA+, periferias, mulheres, nos mais variados contextos urbanos.

2. DIÁLOGOS SOBRE ANCESTRALIDADE E PROCESSOS DE ENVELHECIMENTOS

O *Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos*, continuou promovendo debates com base nos objetivos construídos por sua organização desde a primeira edição do evento, com o propósito de discutir junto a diferentes comunidades e grupos interpretações e perspectivas sobre a cidade e intuito de visibilizar histórias, narrativas e modos de habitar plurais. O evento foi dividido em um total de nove

mesas, cada uma com seu respectivo olhar sobre o tema. No primeiro dia do evento foi realizada a Mesa 1, *Ruídos de uma pampa ancestral: conversa entre xucras*, que teve como convidadas Clarissa Figueró Ferreira, Andréia Nunes de Sá Brito e Marília Floor Kosby e a mediação de Juliana dos Santos Nunes, propos pensarmos as diversas miradas sobre a Pampa sul-brasileira, fazendo um debate sobre ser plural dentro de uma estrutura masculista, patriarcal e racista, que excluiu por muito tempo outros viventes que compuseram o saber-fazer, o andarilhar por esse território, tão plano quanto os campos pampeiros, vivaz feito as águas das lagoas e mares.

A mesa 2, que teve como título *Envelhecimento e Cidadania* e as pessoas convidadas foram Jorge Costa e Carla Santana, contando com a mediação de Adriana Portella. O objetivo da mesa foi tratar do envelhecimento populacional no Brasil com foco em como promover cidades amigas do envelhecimento para todes. Os diálogos atravessaram questões como o viver de pessoas com mais de 60 anos com dignidade nas cidades, inclusão digital destas considerando as facilidades que estas promovem nas sociedades contemporâneas.

No dia 1º de junho também foi realizado o primeiro *Raízes da cidade*, um espaço que foi destinado a falas mais curtas, mas potentes sobre ancestralidade, envelhecimentos e as cidades. A primeira fala foi do Babalorixá Juliano de Oxum, intitulada Ressignificando a História e o Legado do Povo Negro e de Terreiro através do Adesivo Demarcatório das Religiões de Matriz Africana e Afrodiaspórica no Mercado Central de Pelotas. Em sua breve, mas profunda exposição apresentou a importância do adesivo demarcatório como reconhecimento da contribuição das Religiões e Culturas de origens africanas na construção dos modos de vida pelotenses.

Mais tarde, no mesmo dia, foi desenvolvida a mesa 3, *Raízes Tradicionais: Comunidades, Ancestralidades e Envelhecimentos*, teve como palestrantes Carina Santana Ferreira, da comunidade quilombola Coxilha Negra (São Lourenço do Sul), Eder Ribeiro Fonseca, da comunidade Quilombola Vó Elvira (Pelotas - Monte Bonito nono distrito, localidade pedreiras) e Laisa Kaingang, da Terra indígena Guarita, e foi mediada pela Profa. Dra. Louise Prado Alfonso e Veridiana Machado. Durante o tempo da mesa, as pessoas interlocutoras trouxeram assuntos relacionados às suas vivências dentro de suas comunidades; como a ancestralidade pode ser percebida, como costumam serem vistos e tratados as pessoas mais velhas e suas relações com a agricultura; o impacto positivo e negativo da mídia e da tecnologia em suas comunidades; e, por fim, o impacto sofrido culturalmente pela pandemia.

Imagem 1. Primeiro dia do evento – Artes de divulgação da Fala de abertura, Mesa 1, Mesa 2, Raízes da Cidade 1 e Mesa 3



Fonte: *Print Screen* do Instagram do GEEUR.
Autoria: Colagens digitais de Gabriela Pecantet Siqueira.

O segundo dia do evento iniciou com a fala de Iansã Fonseca Elste, no *Raízes da cidade*, de título *Trajatórias do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Colégio Municipal Pelotense: 15 anos formando professores/as para uma educação antirracista*. Sua fala oportunizou reflexões sobre ancestralidade, respeito à diversidade e à importância do debate sobre questões étnico-raciais, sublinhando a atuação do NEABI do Colégio Pelotense ao longo do tempo, que se tornou importante espaço para diálogos.

Na mesa 4, *A categoria mulher e o verbo envelhecer*, contou com as falas de Luana Costa Bidigaray e Renata Vieira Severo e com mediação de Gabriela Pecantet Siqueira. A mesa promoveu importante contribuição para pensar na categoria mulher e os processos de envelhecimento a partir de um olhar interseccional, visto que se tratam de categorias vividas de maneira plural. O diálogo apresentou a velhice não como um momento definido cronologicamente, mas como um processo gradual vivido em sua dimensão social e individual, particularizado, para tanto as convidadas partiram de suas experiências no campo de pesquisa, uma desenvolvida em uma Pastoral da Saúde em Pelotas e outra com mulheres em processos de envelhecimento.

A tarde começou com a mesa 5, *Envelhecimento Ativo: algumas narrativas*, com a participação de Diego Rodrigues Gonçalves e mediação de Melina Monks da Silveira. Na

mesa foram apresentados os objetivos e o alcance do Projeto Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade (Cetres), que funciona há mais de 30 anos. Participaram também da mesa pessoas idosas que falaram sobre suas experiências de envelhecimento ativo e saudável em um programa de extensão universitária, que abrange atividades de promoção de saúde, educação e integração da comunidade acadêmica com a população idosa.

Na sequência ocorreu a Mesa 6, *Percurso Urbanos, memórias e o caminhar*, tendo como pessoas convidadas Anita Natividade, Frederico Duarte Bartz, Pedro Rubens Nei Ferreira Vargas, a mediação foi realizada por Ricardo Pavéglio Sommer. Na mesa, foi estabelecido diálogo sobre o caminhar nas cidades em diferentes contextos e temporalidades, com relatos sobre os Caminhos dos Operários em Porto Alegre, através da experiência de trajetos da memória da classe trabalhadora; o contexto histórico do Patrimônio Cultural Negro com reflexões a partir do Museu de Percurso do Negro, explanando a contribuição das comunidades negras na construção do Rio Grande do Sul; e, por fim, os Caminhos da Ditadura em Porto Alegre, que consiste em um projeto de divulgação histórica da ditadura civil-militar (1964-1985) na capital gaúcha.

Para finalizar o segundo dia ocorreu a mesa 7, *A bênção dos mais velhos: Ancestralidade e Envelhecimentos nos Terreiros*, contando como pessoas convidadas Marli do Bará; Carlos Alberto do Xangô; Luís Borba do Omolu; Cacique Istela, Vanice e Maria Cristina e a mediação de Ingrid Santana. A mesa teve como objetivo dialogar a respeito dos significados de ancestralidade e sua importância para as Religiões de Matrizes Africanas. Também se propôs a compreender, através das falas os significados do envelhecer nos Terreiros, sobre os acessos às cidades para cumprimento de funções Religiosas por fiéis de mais idade e as representações Sagradas destes envelhecimentos em Orixás e Entidades.

Imagem 2. Segundo dia do evento – Artes de divulgação do Raízes da Cidade 2, Mesa 4, Mesa 5, Mesa 6 e Mesa 7



Fonte: *Print Screen* do Instagram do GEEUR.
Autoria: Colagens digitais de Gabriela Pecantet Siqueira.

O último dia do evento começou com falas potentes sobre a importância da ancestralidade nas Religiões/Culturas de Matrizes Africanas com a Ialorixá Gisa de Oxalá, Babalorixá Paulo de Xangô, Rita de Ogum, André Eduardo de Oxum, Rubia de Iemanjá, no Raízes da cidade 3, intitulado CBTT contribuindo com uma Pelotas em transe. Na sequência foi realizada a Mesa 8, Coisas e lugares envelhecem?, contando como pessoas convidadas Franciele Fraga Pereira, Diego Lemos Ribeiro e Helene Gomes Sacco e com a mediação Milena Behling Oliveira. Na mesa foi apresentado que os objetos ou “coisas” fazem parte da vida social dos indivíduos, que estão repletos de sentidos e valores simbólicos, fazendo parte do rizoma da vida social.

A mesa 9, *Perspectivas sobre envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ no Brasil*, teve como convidadas/es/os Ludgleydson Fernandes de Araújo, Raphael Cardoso Brito, Lorena Oliveira e Sofi Sereno Gonçalves Repolês e a mediação por Felipe Aurélio Euzébio. A mesa suscitou reflexões sobre os processos e experiências relacionadas ao envelhecimento a partir da perspectiva de pessoas LGBTQIA+. A velhice é um aspecto da vida de pessoas LGBTQIA+ que muitas vezes fica no campo do “não dito”. Alguns questionamentos que guiaram o diálogo forma: Pessoas LGBTQIA+ envelhecem? E, como tratamos sobre velhice e diversidade sexual e de gênero no espaço urbano? Neste sentido, a mesa propôs um debate

sobre as vivências e potências do envelhecer “fora da norma” nos convidando a refletir sobre uma fase da vida que, muitas vezes, é esquecida pelas próprias discussões e demandas que permeiam os movimentos LGBTQAI+ no Brasil.

No *Raíces da Cidade 4*, *¿Valoración o “envejecimiento social” del patrimonio? Mirada desde una ciudad intermedia de Argentina*, contou a fala de Andrés Pinassi. A Mesa tratou sobre estudo patrimonial histórico na cidade de Bahia Blanca na Argentina que utilizou uma metodologia que agrega diferentes técnicas e inclui pessoas com diferentes faixas etárias. Por fim, na palestra de encerramento, intitulada *Possibilidades de envelhecimento na modernidade com base na tradição afrodescendente*, foi realizada pelo Mestre Guto Obafemi. A fala do Mestre instigou reflexões sobre os envelhecimentos, citando várias mesas que ocorreram no evento, falou sobre o respeito pela sabedoria das pessoas mais velhas na tradição afrodescendente, que é associada a uma acumulação de experiências e conhecimentos valiosos que são transmitidos às gerações mais jovens, explorou o que de fato é envelhecer e os benefícios na prática da capoeira.

Imagem 3. Terceiro dia do evento – Artes de divulgação do Raíces da Cidade 3, Mesa 8, Mesa 9, Raíces da Cidade 4 e Palestra de encerramento



Fonte: *Print Screen* do Instagram do GEEUR.
Autoria: Colagens digitais de Gabriela Pecantet Siqueira.

As mesas redondas, mais do que sua realização nos dias que ocorreram o evento, foram resultado de um processo que exigiu o planejamento das dinâmicas das conversas, pensar nas pessoas que seriam convidadas, convidá-las para participarem, escolher os

conceitos, temas e questões que seriam abordados, a elaboração de um roteiro, mas também a construção de um espaço de aprendizados para discentes e de escuta a pessoas externas ao mundo acadêmico. Para algumas foi a primeira vez que estiveram em mesa redonda de um evento vinculado a uma universidade, para outras também foi a primeira vez que coordenaram e mediaram estes momentos. Para tanto, o grupo Margens foi capaz de ser um ambiente importante para acolher inseguranças e apoiar cada passo dado. Nesse sentido, uma das organizadoras do evento nos fez o seguinte relato:

Particpei de um único Cidades em Transe, a experiência vivida me faz colocar-me à disposição para fazer parte de tantos quanto forem realizados. Este desejo parte da contribuição que o Cidades em Transe trouxe para a minha formação. As reuniões feitas para pensar nas mesas do evento, bem como os convidados e toda a temática que seria discutida, trouxeram uma interação e ao mesmo tempo aproximação e unidade com todos os envolvidos na organização deste evento, fazendo-me vivenciar a grande experiência de resultados satisfatórios através de uma equipe. Quando começamos a pensar o Cidades em Transe, eu estava submersa em meu tema de pesquisa (...) teoricamente e presencialmente (fazendo campo). A cooperação em articular interlocutores (...) para uma das mesas me ensinou a sair da zona de conforto de pesquisa, as filmagens com estas pessoas me fizeram conhecer melhor (...) a maior parte dos meus interlocutores (...) Assim quando retorno a fazer o campo para o mestrado tenho outras perspectivas que acrescentaram e agregaram no trabalho (...) A honra pelos mais velhos o respeito à ancestralidade e toda a historicidade que foi me permitida ouvir, foi fazendo com que aos poucos eu esquecesse da minha imagem na câmera (que me incomodava profundamente, reconheço o me achar feia como a causa), assim vencendo a insegurança e conseguindo administrar perguntas e o tempo que deveria ter a mesa, tal como precisamos fazer em campo. Depois do evento minha formação expandiu-se, para além de relacionamento entre colegas e orientadora, nos tornamos equipe; para além do altar das igrejas eu (re)conheci um congá; para além do complexo de inferioridade superação, ademais oportunizando aplicação e consequentemente experiências de metodológicas. (Relato de experiência, setembro de 2023)

Em sentido semelhante outra pessoa integrante do projeto Margens relatou que:

Tive oportunidade de dialogar com o público acadêmico e não acadêmico, a observar, a não ser tão afobada, a aprender e ensinar. O que o projeto sempre significou para mim ultrapassa qualquer pauta acadêmica, pois, em comparação com a mulher que outrora fui (assustada, medrosa, traumatizada) vejo o quanto essa caminhada foi edificante em todos os quesitos da minha vida. Me sinto honrada por ser membro desse grupo-família, onde eu sou porque somos. (Relato de experiência, setembro de 2023)

Ademais, as experiências e reflexões nas mesas redondas ainda puderam ser ampliadas com o espaço Corujão, destinado a apresentação de documentários e vídeos etnográficos relacionados a temática desta edição. A seleção das obras foram realizadas de forma coletiva pela equipe dos projetos de pesquisa Margens e de extensão Terra de Santo, Passo dos Negros e Mapeando a Noite (Imagem 4). Os links foram disponibilizados no site do evento (na aba “Corujão”) com as respectivas fichas técnicas. O principal objetivo com o Corujão foi trazer reflexões sobre a relação entre ancestralidade, envelhecimento e espaço urbano.

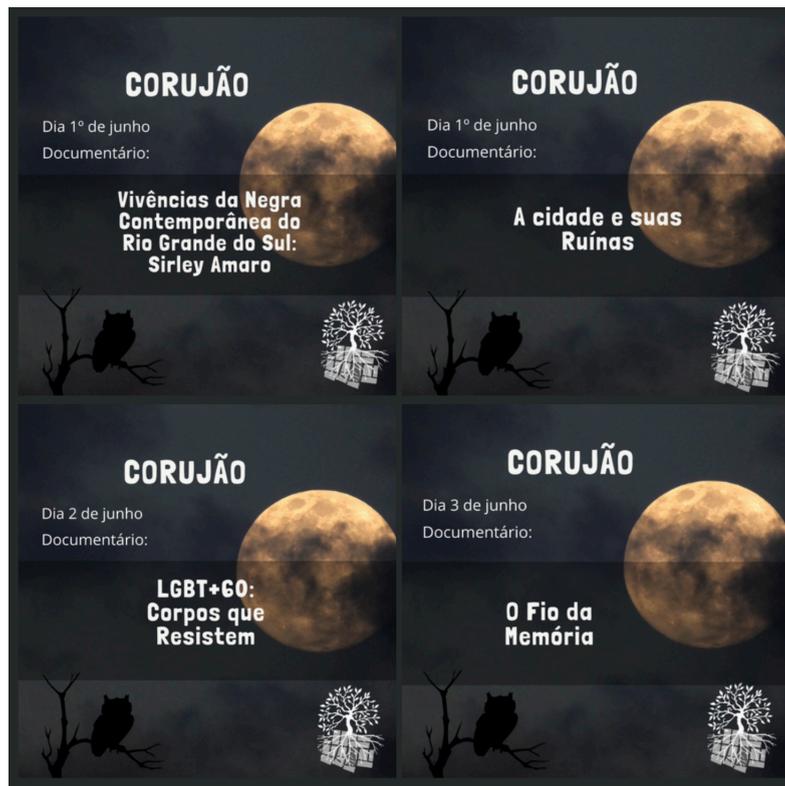
Para o primeiro dia do evento foram apresentados dois documentários, *Vivências da Negra Contemporânea do Rio Grande do Sul* (2020) e *A cidade e suas ruínas* (1998). O primeiro foi realizado pela ONG Movimentação e trata sobre a Mestra Griô Sirley Amaro, que nasceu em Pelotas em 1936, descendente de escravizados, carnavalesca e costureira de profissão. Os 41 minutos de duração do documentário da Mestra Sirley são poucos para contar sua relevância, mas apresentam muito bem sua atuação como educadora, ao descobrir a arte de contar histórias, por meio das próprias histórias e dos seus antepassados, na reconstituição dos saberes aprendidos nas vivências cotidianas. Contava histórias dos bailes de carnaval, das costuras e das antigas charqueadas em Pelotas (RS).

Já *A cidade e suas Ruínas*, produzido pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais, com direção de Ana Luiza Carvalho da Rocha, imagens de Rafael Devos e edição de Alfredo Barros, trata de um ensaio sobre memória coletiva e sobre o “estar na cidade” na busca de uma estética para a memória e das ruínas, com narrativas e imagens de casas e prédios antigos de Porto Alegre/RS em seus múltiplos planos.

No segundo dia apresentamos a primeira temporada (com seis episódios) da série *LGBT+60: Corpos que Resistem* (2018), que mostra a trajetória de idosos que enfrentaram a intolerância, abrindo caminhos para as novas gerações. São contadas as histórias de Martinha, João Nery, João Silvério, Anyky e Yone, que guardam em seus corpos as marcas de uma longa trajetória de resistência política e social. A temporada foi dirigida por Yuri Fernandes (jornalista, documentarista) e produzida pelo Projeto Colabora.

No último dia encerramos o Corujão com o documentário de longa metragem *O Fio da Memória*, produzido entre 1988 a 1991 e dirigido por Eduardo Coutinho. O documentário, dividido em duas partes, apresenta personagens negras e situações contemporâneas, através da religião, música e racismo, bem como aborda a cultura e identidade destas pessoas e principalmente sobre a escravidão, em meio ao Centenário da Abolição da Escravatura.

Imagem 4. Filmes e documentário etnográficos apresentados no Corujão



Fonte: *Print Screen* do Instagram do GEEUR.

O evento contou com a colaboração de inúmeras pessoas, pesquisadoras, estudantes de diferentes níveis de formação, de movimentos sociais, com as parcerias firmadas e tantas outras que somaram e possibilitaram diálogos enriquecedores. O Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos propiciou novos aprendizados, tanto em termos conceituais e teóricos, quanto de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evento Cidades em Transe ao longo dos anos contribuiu para a construção de reflexões, de trabalhos de conclusão de curso, de pesquisas de mestrados e doutorados, na elaboração coletiva de Anais do evento, no desenvolvimento de vários outros trabalhos e estudos que foram apresentados em diversos outros eventos acadêmicos, locais, regionais e nacionais. Destacamos aqui as participações de pessoas pesquisadoras do projeto Margens na Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIEPE) da UFPel, fortalecendo a produção de conhecimento na universidade e contribuindo na expansão da valorização de projetos de extensão. Ainda que alguns resultados tenham ganhado autoria individual, entendemos que foram fruto das potencialidades da produção conjunta, dialógica e transformadora gerada pela extensão, quando articulada ao ensino e pesquisa (FERREIRA, 2022). O Cidades em Transe se apresenta como um espaço dessa articulação, que ensina o fazer antropológico na prática e tece novos saberes.

O evento Cidades em Transe: Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos, após semanas de organização, reuniões e planejamento da equipe organizadora, possibilitou a concretização de um espaço para o aprofundamento da temática central sem cair em essencialismos. Resultado que acreditamos estar alicerçado pela potencialidade carregadas pelas abordagens multi, inter e transdisciplinares e que são basilares o projeto de pesquisa Margens e os de extensão Mapeando a Noite, Terra de Santo e Passo dos Negros. A própria temática explorada nesta edição possui dimensões que faz estas serem necessárias para que fosse compreendida em sua complexidade e foram fundamentais para as discussões.

O evento propiciou, somas e trocas para o desenvolvimento das atividades, que foram cuidadosamente planejadas. A Comissão Organizadora do evento foi constituída por pessoas de diferentes áreas do conhecimento, como Antropologia, Arqueologia, Arquitetura, História, Sociologia, o que possibilitou a constituição de uma rede com pessoas de diversas áreas do conhecimento e da sociedade em geral, enriquecendo debates e reflexões importantes sobre o tema por um diferentes lentes teóricas, conceituais e de vida.

Para as pessoas pesquisadoras envolvidas na organização, a sexta edição do Cidades em Transe foi um espaço para o desenvolvimento de diferentes habilidades atreladas à vida acadêmica. Destacamos o exercício do trabalho coletivo e cooperativo na tomada de decisões, como a escolha da temática do evento, datas de realização, número de atividades, escolha de mesas e as questões as quais tratariam – relacionadas a temática principal –, seleção de filmes e documentários etnográficos, bem como a indicação de possíveis palestrantes e pessoas convidadas para participação nas atividades do evento.

Nos três dias de evento foram realizadas nove Mesas Redondas e quatro Raízes da Cidade, contato com assuntos e diversas questões relacionadas à ancestralidade, envelhecimentos e espaços urbanos. Houve 4.194 visualizações no Canal do YouTube e 1.134 visualizações no site do evento (RELATÓRIO..., 2022). Conforme os formulários de presença das atividades enviados, mais da metade do público ouvinte não tinha conhecimento sobre as temáticas discutidas nas atividades e 99,4% manifestaram que compareceriam em atividades promovidas pelo projeto de pesquisa Margens futuramente.

Para pessoas que participaram do evento como convidadas e ouvintes, constitui-se um espaço para compartilhar conhecimentos e pontos de vista sobre os envelhecimentos e ancestralidades e como estas estão imbricadas aos modos de fazer-cidade nos mais diversos espaços urbanos, mas que também permitiu a escuta de narrativas e participação de diálogos. Nesse sentido, o fazer antropológico, que tem como característica principal a busca por compreender modos de vida de comunidades e grupos a partir das suas próprias percepções, permeou todo o Cidades em Transe e pode facilitar processos participativos, para garantir que diferentes vozes fossem ouvidas durante o evento. Tais práticas são essenciais para alcançar os objetivos elencados pelas políticas extensionistas nas universidades, visto que ajudam a evitar decisões unilaterais e a promover um evento mais inclusivo. A Antropologia contribui a sensibilizar e promover uma atuação respeitosa de pessoas estudantes e pesquisadoras junto a grupos com as diferentes identidades culturais.

Por fim, agradecemos a todas as pessoas envolvidas na construção e contribuição de mais uma edição do evento Cidades em Transe com profícuas reflexões e resultados. Em especial, agradecemos as autorias dos resumos expandidos que seguem nas próximas páginas pela contribuição do registro escrito do evento viabilizaram o trabalho científico. Com muita satisfação, apresentamos os Anais da sexta edição do evento com os textos e transcrições das palestras e resumos expandidos de cada uma das mesas realizadas.

REFERÊNCIAS

ALFONSO, Louise Prado; SIQUEIRA, Gabriela Pecantet; FERREIRA, Martha Rodrigues. Pelas margens das cidades em transe: entre bates, vivências e saberes. In: **Cidades em Transe e a Pluralidade do Morar**, Pelotas, 2020. Anais [...], Rio Grande: Arche Revista Discente de Arqueologia, p. 9-38, 2021.

BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 29 nov. 1968.

BRASIL. Lei nº 9.394, de de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

FERREIRA, Martha Rodrigues. **Margens: (des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão e etnografias coletivas**. 2022. 156 f. TCC (Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022..

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus: Forproex, 2012.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: Proex: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. Olhar, ver, escrever. **Revista de antropologia**. V. 39, nº1, 1996.

PREVITALI, W. F. ; ALFONSO, L. P. . Margens: entre a antropologia visual e o fazer documentário. In: SANTOS, A. B.; MACHADO, J. P. **Fenômenos culturais no amálgama social**. 1ed.Jaguarão: Claec, 2018.

RELATÓRIO FINAL DO EVENTO CIDADES EM TRANSE: ANCESTRALIDADE, ENVELHECIMENTOS E ESPAÇOS URBANOS. Pelotas: UFPel, 2022.

RESUMOS EXPANDIDOS

MESA 1

RUÍDOS DE UMA PAMPA ANCESTRAL: CONVERSA ENTRE XUCRAS

Juliana dos Santos Nunes*, Flávia Rieth**

*rodaviva.nunes@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

**riethuf@uol.com.br

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Para inaugurar, sem pedir licença, essa conversa de xucas, nada mais do que uma língua entre a selvagem e a xucra, pensando nos nossos sentimentos, corporalidades, emoções, poéticas explícitas, destes corações e carcaças, dessas mulheres de “constituição bruta” que andam por aí, nesses pagos sulinos.

Xucra

*Estou a serviço do que sinto
Em tempo integral
presto trabalhos forçados
às minhas emoções*

*Num dia desses de exaustão
dei por mim que estivera sendo
até então
escrava*

*Pensei naqueles que seriam os livres
e não me desesperarei
Os meus danos valem mais
que os ganhos deles*

*De tanto dar de comer ao sal meus garrões
e às picadas este couro escuro e frágil que me veste
Sei pela ferida
em que chão mora o repouso
qual querência abriga o meu gozo*

*Porém, pois, que ser cativa não é sorte
que se negocie com o destino*

*Tanto que, quando eu fujo
cheia de nortes
catando um tino
o meu coração capitão do mato
me captura
Açoita e para
Açoita e para*

*É o jeito que encontramos
de nenhum dos dois se perder
nessa planície escancarada que é a vida
de quem não busca esconderijo.
Os Baobás do Fim do Mundo (2015) -
Marília Floor Kosby*

2. METODOLOGIA

Essa mesa intitulada “Ruídos de uma Pampa Ancestral: conversa entre xucas” teve a intenção de trazer diversas miradas sobre a Pampa sul-brasileira, especialmente sobre aquilo que se convencionou chamar de “cultura gaúcha”: entre trajes típicos, músicas, lidas campeiras e todo um universo que compõem as narrativas oficiais sobre o Estado do Rio Grande do Sul e a história de suas gentes. Assim, entre os murmúrios, rumores e líquidos, o gauchismo foi sendo inundado e problematizado por tantos e tantas autoras, dentre essas as que compuseram essa mesa, *charlando*, desde essa pampa *gaúcha*, na tentativa de mostrar a poesia que *nosotras* carregamos, bem como nossa *maneira* fêmea de mirar para o que nos constitui enquanto viventes dessa cultura. Portanto, iniciamos um debate o qual envolveu esse todo complexo que é ser plural dentro de uma estrutura masculina, patriarcal e racista, que excluiu por muito tempo outros viventes que compuseram o saber-fazer, o andarilhar por esse território, tão plano quanto os campos pampeiros, vivaz feito as águas das lagoas e mares. Somos xucas, de quatro cantos distintos, mas que, dentro de nossas particularidades, andamos em bando, um bando de xucas, que trazem essas e esses ancestrais das margens: as Teinaguás redivivas, as onças brabas, a Ana Terra, o *mulherio*, os sonhos e os ventos, as lidas praticadas pelas fêmeas, suas vaquitas, gallinas, nossos “rompidiomas”, como cantou Chito de Melo, e todo um jeito de lidar, entre a vida e a morte, a passo no más e o resto todo sendo inundado por esses alargamentos.

A conversa entre xucas teve a participação de Clarissa Figueró Ferreira, Andréia Nunes de Sá Brito e Marília Floor Kosby. Com mediação de Juliana dos Santos Nunes. Foi transmitida ao vivo através do canal Cidades em Transe vinculado no youtube.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ondas verdes da pampa, que de lejos parecem corpos deitados à espera do sol, da geadada ou da librina que molha os pagos em brabíssimos tempos de invernações, do vento assobiando algum murmúrio perto das mei'águas, no fundo das cacimbas, onde encontramos nosotras nos espelhos dessas águas, nos campos afora, nos fundos dos grotões, juntando os restos, lavando pra fora, limpando e carneando, em cima de cavalo ou entre as vacas nos currais da vida.

Nessas lejanías, estamos agarradas à potência daquilo que constitui a maneira com a qual lidamos com as coisas desse mundo, ou seja, na força que imprimimos, deixando marcas d'águas em cada rincocito, das pegadas no chão lodoso, nas mãos manejadoras de cuidado, de lidas, de morte, de sangue, de algarimentos e outras quinquilharias que nos compõem fêmeas dentro de uma história que inventa o silêncio.

No entanto, se volarmos pelas províncias do passado, na tentativa de enxergar muito mais que um mundo uno, que em nada se parece com aquele que encontramos ao longo dos caminhos, obviamente, mesmo que pareça tardio, lá estamos entre as benzedeadas e parteiras, entre as carpideiras e fazedoras de chá, entre “as mulheres da guerra” e as ouvidoras de vozes, compondo não somente o espectro mágico, mas a brutal realidade dos campos sulinos.

Na corporificação das ancestrais - negras, indígenas, brancas - num fazer a pampa (AGIER, 2015) desde as nossas miradas, passamos pelos assaltos das vontades alheias, do silenciamento brutal, do estigma e estereótipo, arrancando de nós mesmas a própria existência, só, para tempos depois, poder contar essa história a contrapelo (BENJAMIN), com a rebeldia mantida abaixo de mau tempo.

E nesse murmurar, que foi virando sussurro, e esse sussurro que foi virando grito (BERGMAN, 1972), e esse grito transformado em ruído, foi evidenciando algumas “intrusas” (BORGES, 1970) sacrificadas pelo medo da ameaça à virilidade do centauro pampero, a tristeza da Maria que viveu numa charqueada, na fronteira, que um dia foi moça faceira e simplesmente foi deixando de existir, destruindo a mulher que ela possuía.

Na seara desses rumores, sussurros e ruídos, aparecem as xucas, aquelas que não se deixaram amansar pela doma do braço colonial, que transgrediram a ordem, marcaram com pisadas fortes esses rincões de meu deus, não porque eram deusas ou bruxas, mas porque eram humanamente vivas, donas do seu querer, assim como disse Marília em seu poema “prestando serviço em tempo integral ao que sentiam”, mesmo que vivessem as intempéries.

Essa condição xuca de existência, deixa de ser uma metáfora *gáucha*, relacionada aos animais que não se amansam ou os gestos de alguém grosseiro, para tornar-se estremecimento, desconforto, ruído, numa cultura e lugar no qual prevaleceu o símbolo do masculino, do cavalo, da virilidade. O não amansar-se é a persona mulher que brota dessa aridez e das queimaduras que os ventos do inverno deixam no rosto, dos rugidos de alguma jaguar, não mais mítica e sim encarnada ou, como disse Aldyr Schlee (2011), redivivas nos prostíbulos da beira da praia, senhoras de corpo presente!

Além dessas redivivas, também temos linhagens de lavadeiras que fui descobrindo nos recônditos da memória de minha abuela, aquelas mulheres que caminhavam lejanías

entre a zona rural de Jaguarão e o centro, com trouxas e mais trouxas na cabeça, que era o jeito de arranjar uns cobres e assim poder sustentar a família.

Essas ancestrais minha avó chamava de “mulheres de constituição bruta”, na verdade nomina todas as mulheres da família desse jeito, adicionando: “não adianta, somos todas mulheres de constituição bruta” e essas são nossas raízes velhas, as xucas primevas, o caldo ancestral da bruteza, da marca do garrão fêmeo, vivo, sulcados na pele da pampa.

Poderia dizer também das mulheres pescadoras, pampeiras das lagoas e lagoas, da “vida sofrida” na real realidade de estar entre o barco, a casa, a pesca e a imensidão das águas marrons e dulces daquela lagoa em fim de tarde, no inverno, conversando com as choronas que desejam chuva, das redes lançadas à sorte ou às ganas de vento e estrellas.

Quiçá pegar uma pena num violino violeta, aquele tocado em clave de Cla, que faz ruído em certos gauchismos, agora líquidos, ou talvez sempre foram, nas releituras e assombros, nos soluços impertinentes, causando alboroto e furdunço no fundo das tripas, entre o silêncio, a raiva e o chusmerio de ser xuca de pagos cibernéticos.

E quem sabe numa xuca lunar lunática, que anda a galope por aí, com aquele sotaque solto, de língua que não se doma e nem se prende dentro da boca, que é a dona da noite, das assombrações, que viu em cima de uma égua a mulher da pampa, que colhe ervas, faz fogo e junta os restos entre carcaças e podridão no céu, sol, sul de miradas desde as margens!

Dessa maneira, aqui, de perto do fogãozinho à lenha, entre gelumes e tremores, na boca da noite, aos quatro graus do mês de junho, sentindo o dolorido som do frio, o miado de minha gata, no poncho que abriga esse meu corpo, de poeta, de xuca, de gente algariada que “rompe seu idioma”, inventando uma língua, ou melhor vivendo essa língua com minhas companheiras de bando, porque, parafraseando Glória Anzaldúa (2009), não se pode domar uma língua xuca e vocês, caras e caros espectadores, jamais vão nos ouvir silenciar.

Dessa maneira começamos a discussão sobre o que seria essa pampa ancestral, tendo a perspectiva das mulheres na constituição do Estado do Rio Grande do Sul, tão masculino, na figura errante do gaúcho, ora marginalizado, ora tido como herói, mas que acabou sendo transformado em gentílico para todas e todos viventes de nossos pagos.

Tanto Clarissa, quanto Andréia, trouxeram suas experiências a partir das pesquisas que desenvolvem sobre as lidas, músicas e sentires, tendo na figura da mulher a centralidade para pensar na maneira como se pratica saberes e fazeres desde uma pampa que é ancestral, pero desconhecida, tendo sido canonizada a visão masculina sobre a história oficial de nosso Estado.

Para isso, evocaram-se as Xucas: lavadeiras, benzedoras, pecuaristas, agricultoras, pescadoras, musicistas, poetas, Ana Terra, Berenices e Teinaguás, para apresentar uma linhagem de mulheres construtoras de nossas “constituições brutas” como refere minha avó, que nada mais são do que a real realidade de mulheres que ocuparam, sagazmente, este pedaço de pago e fazem tão parte dessa antropologia-histórica, deixando suas pegadas em cada rincão deste Rio Grande do Sul.

4. CONSIDERAÇÕES

A mesa tem, até o presente, 284 visualizações, sendo uma das mesas mais acessadas da presente edição do evento, justamente pelo quão caro e sensível, para a maioria das mulheres do nosso Estado, esse tema que aborda nossa visibilidade dentro da história.

É possível acessá-la para visionagem e contato com o que se pretendeu desenvolver. Essa conversa só foi possível porque faz parte, no âmbito acadêmico e educacional, de nossas pesquisas de mestrado, doutorado e também poética, tendo em vista que todas as componentes da mesa são escritoras, ou seja, há diversas pesquisas, ainda em andamento, sobre a temática em foco. Recebemos muitos questionamentos que suscitaram um empolgante debate entre todas e todos que estavam assistindo.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Do Direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **MANA**. V. 21, n. 3, p. 483-498, Florianópolis, 2015.

ANZALDÚA, Glória. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**. N. 39, p. 297-309, 2009.

BERGMAN, Ingmar. **Gritos e Sussurros**. Filme. 1972.

BRITO, Andréia Nunes Sá (et. al.). A invisibilidade da mulher pampeana: subalternidade cultural e conservação da ordem social. **IV Congreso Argentino y Latinoamericano De Antropología Rural**. Mar del Plata, 2009.

BORGES, Jorge Luís. **La Intrusa. I informe de Brodie**. Buenos Aires: Emece Editores. 1970.

FERREIRA, Clarissa. **Gauchismo Líquido**: reflexões contemporâneas sobre a cultura do Rio Grande do Sul. Editora Coragem, Porto Alegre, 2021.

KOSBY, Marília Floor. **Os Baobás do fim do mundo**. Porto Alegre: Après Coup – Escola de Poesia, 2015.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos de Verdade**. ArdoTempo, Porto Alegre, 2011.

MESA 2

ENVELHECIMENTO E CIDADANIA

William Ribeiro Guimarães*

*wwiirg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na realização da sexta edição do evento “Cidades em Transe”, o eixo temático foi “Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos”. O evento foi promovido pelo projeto de pesquisa “Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas”, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, para fomentar a circulação de diferentes saberes, articulando o diálogo entre comunidade e academia.

O objetivo desta edição foi promover o debate, de modo horizontal, entre acadêmicos e não acadêmicos com temas acerca da ancestralidade, permeando diferentes nuances e percepções, por meio de diversas atividades, que promoveram diálogos plurais sobre as construções e vivências do envelhecer na cidade. Na Mesa 2, “Envelhecimento e Cidadania”, tivemos a oportunidade de conversar sobre o envelhecimento populacional no Brasil, considerando principalmente as cidades e as pessoas idosas como protagonistas do bem viver, ou seja, considerando a cidade como um espaço em que se possa envelhecer com cidadania.

A conversa teve a mediação da Professora e Doutora Adriana Portella (FAUrb/ UFPel), contou com a participação do Doutor Jorge Costa (UERJ) e da Doutora Carla Santana. Ambos são profissionais atuantes na temática do envelhecimento e apresentaram os trabalhos os quais desenvolvem junto à comunidade, de maneira informal e acessível, abrindo espaço para interlocução e reflexão dos convidados.

2. METODOLOGIA

A mesa foi organizada colaborativamente pelo projeto Margens, ao longo do primeiro semestre de 2022, mediada por Adriana Portella e com apoio técnico do estudante Ricardo Pavéglio Sommer. A atividade foi organizada de forma que cada participante fizesse uma fala de 30 minutos, aproximadamente, depois aconteceram debates entre os participantes da mesa e com ouvintes, a partir de perguntas enviadas pelo *chat* do *Youtube*. A mesa aconteceu dia 1º de junho de 2022, às 14 horas. O evento foi realizado de forma *online*, com transmissão da mesa ao vivo pelo canal do *Youtube* do evento “Cidades em Transe”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

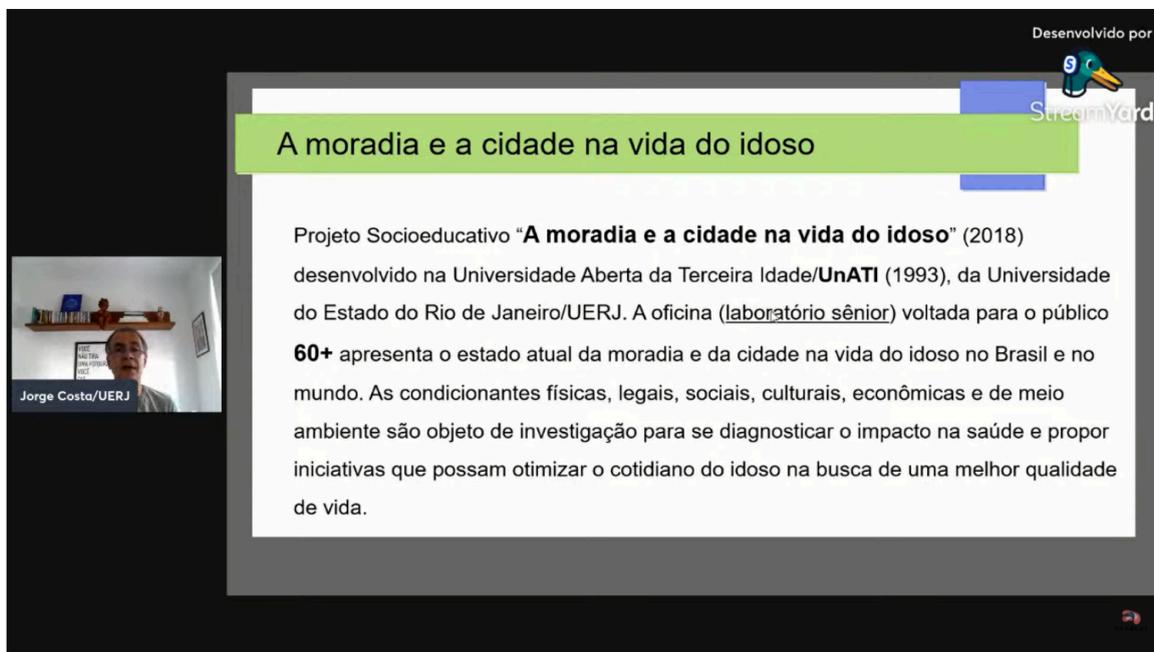
Primeiramente foi realizada a abertura da mesa e feitas as apresentações iniciais. Em seguida, iniciou sua fala o convidado Jorge Costa, arquiteto e urbanista, mestre em memória social e documento, doutor em psicologia social e que trabalha atualmente na Universidade Aberta da Terceira Idade - UnATI/UERJ. O convidado explicou sobre a Universidade para terceira idade, que completa quase 30 anos de existência e tem muita procura pela população

da terceira idade. Falou que há diversos eventos que ocorrem dentro da Universidade com o objetivo de debater a cidade para terceira idade e na implementação de políticas mais embasadas nas necessidades deste público alvo. Em sua fala, Jorge nos convidou a pensar “a moradia e a cidade na vida do idoso”, ressaltando a pertinência em se trazer para o campo da arquitetura a discussão sobre a cidade para os idosos, aproximando à temática da ancestralidade.

Um das primeiras ideias explicadas pelo convidado foi a linhagem familiar, que, relacionada a ancestralidade, nos faz refletir sobre o nosso envelhecimento, sobre como forjamos ao mesmo tempo que somos forjados pela cidade, como uma linha do tempo de memórias e afetos construídos entre a geração da família individual e do grupo (sociedade). Outra ideia que permeia seu pensamento é o “reinventar-se” como indivíduo. Este conceito é importante para entendermos a relação e o sentido da cidade para os indivíduos e a população 60+.

Além disso, explicou o projeto na qual participa ativamente, “A moradia e a cidade na vida do idoso”, que trata-se de um projeto socioeducativo desenvolvido na UnATI. Uma das oficinas desenvolvidas pelo projeto é o “Laboratório Sênior”, que pesquisa sobre a situação da população de terceira idade no Brasil e no mundo.

Imagem 1. MESA 2 - ENVELHECIMENTO E CIDADANIA: A moradia e a cidade na vida do idoso

A screenshot of a Zoom meeting. On the left, there is a small video window showing a man, identified as Jorge Costa/UERJ, speaking. The main part of the screen displays a presentation slide. The slide has a green header with the title "A moradia e a cidade na vida do idoso". Below the title, the text reads: "Projeto Socioeducativo 'A moradia e a cidade na vida do idoso' (2018) desenvolvido na Universidade Aberta da Terceira Idade/UnATI (1993), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. A oficina (laboratório sênior) voltada para o público 60+ apresenta o estado atual da moradia e da cidade na vida do idoso no Brasil e no mundo. As condicionantes físicas, legais, sociais, culturais, econômicas e de meio ambiente são objeto de investigação para se diagnosticar o impacto na saúde e propor iniciativas que possam otimizar o cotidiano do idoso na busca de uma melhor qualidade de vida." The slide also features a StreamYard logo in the top right corner and a small icon in the bottom right corner.

Fonte: canal do evento no *Youtube*.

Paralelamente ao projeto, há duas atividades que o complementam: dois ciclos de palestras abertos ao público geral. O primeiro, “Moradias: relatos da maturidade” no qual a ênfase se dá ao público longevo, que conta suas trajetórias de vida, relacionadas à cultura,

ciência e moradia. Já o segundo ciclo, chama-se “Cidades: caminhos para longevidade”, neste os convidados de diversas faixas etárias apresentam seus trabalhos, gerando um grande diálogo transgeracional.

Em síntese, expôs que há um aumento demográfico de longevos na sociedade mundial e uma necessidade de adequação e reinvenção dos espaços da cidade para a população 60+. Espaços que proporcionem uma participação ativa, haja vista que os processos afetivos e cognitivos se dão na cidade. Destacou, ainda, a valorização das narrativas, da escuta e da memória, como processos importantes para a subjetivação e cognição de todos os indivíduos. A valorização das narrativas se torna indispensável na história de vida particular dos longevos e na história coletiva, que está materializada nos espaços públicos, ou seja, na arquitetura.

Depois da exposição do convidado, a fala foi passada para a convidada, professora e doutora Carla Santana, que tem, também, formação em terapia ocupacional. Carla Santander iniciou sua fala explicando que em sua perspectiva como terapeuta, é muito importante relacionar arquitetura com o cotidiano, uma vez que como uma profissional que ajuda no processo de buscar o melhor cotidiano possível para seus pacientes, é fundamental pensar em como as pessoas vivem na cidade e sua relação com a mesma.

A convidada organizou sua fala destacando dez pontos para guiar as reflexões na mesa. Não se pretende enumerar todos, porém de modo geral, sua atividade como terapeuta, nos propõe a refletir sobre a necessidade da inserção da população 60+ na sociedade. Um dos pontos de destaque foi a inclusão digital, uma vez que vivenciamos ao longo da nossa história coletiva um avanço tecnológico no qual os idosos são sempre descartados e desqualificados como possíveis participantes das mudanças em vários níveis, seja trabalho, afetos, interações sociais de comunicação com tecnologia. Portanto, torna-se necessário a inclusão da terceira idade junto ao avanço tecnológico.

Esta maior inclusão tem se tornado uma necessidade para poder-se viver com autonomia e dignidade. O acesso à informação e as facilidades que a tecnologia pode ofertar deve ser um direito para todas as faixas etárias. E como bem aponta a convidada “ tecnologia é conceito, é método. Não somente um equipamento, é uma estratégia”. Portanto vemos a fala da convidada aliada à garantia de direitos por meio do acesso aos da cidade.

Imagem 2. MESA 2 - ENVELHECIMENTO E CIDADANIA: A moradia e a cidade na vida do idoso



Fonte: canal do evento no *Youtube*.

Após as apresentações dos convidados, tivemos uma roda de debate, com cruzamento das ideias apresentadas. A mediadora, Adriana Portella, iniciou a roda de perguntas, solicitando um panorama geral sobre a temática da gerontecnologia à convidada Carla Santana. Segundo a convidada, o conceito surge de uma necessidade de aproximar dois pólos distintos e que estão em crescimento: a tecnologia e o envelhecimento da população. Portanto, o principal objetivo é tornar a vida mais fácil e acessível conforme envelhecemos, por meio do acesso a serviços auxiliados pela tecnologia. Carla, aponta que “a tecnologia deve estar à serviço da sociedade em envelhecimento”.

Muitos foram os questionamentos levantados aos convidados. Acreditamos que em vários aspectos os diferentes projetos dos convidados se tocam. O entendimento que o processo de crescimento demográfico é uma realidade, portanto é inerente a construção de uma sociedade inclusiva para a população 60+. Também é consenso que há necessidade de termos um convívio participativo das diferentes gerações, intergeracionalidade, e o quanto é importante para constituição de uma velhice saudável e ativa. Com participação na sociedade, ou seja, envelhecer de modo ativo, a fim de minimizar os aspectos inerentes à idade avançada, que podem ser: demência, perda de identidade (subjetivo), dependência funcional.

REFERÊNCIAS

MESA 2 - ENVELHECIMENTO E CIDADANIA. [PRODUZIDO POR] CIDADES EM TRANSE. **Youtube**. 01 de junho de 2022: Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=r4w3y7DiMjM>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MESA 3

**RAÍZES TRADICIONAIS: COMUNIDADES, ANCESTRALIDADES E
ENVELHECIMENTOS**

Veridiana Machado Rosa Oliveira*, Carina Santana Ferreira**, Eder Ribeiro Fonseca***,
Laisa Kaingang****

*veridianamachadorosaoliveira@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

**carynasantana.f@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

***ederfonseca12@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas

****bio_Kaingang77@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas

1. INTRODUÇÃO⁶

Elaborar a proposta desta mesa foi algo desafiador, visto que a 6ª edição do “Cidades em Transe” teve como tema “Envelhecimentos, Ancestralidades e Espaços Urbanos”. A princípio, pensar em povos originários e espaços urbanos pode causar certa estranheza. A mesa “Raízes Tradicionais: Comunidades ancestralidades e envelhecimentos” cumpriu seu papel de nos fazer refletir e aprender sobre como comunidades indígenas e quilombolas vivenciam o envelhecimento, a ancestralidade e a relação com o meio urbano. Com representatividade e apresentando as subjetividades de diferentes povos, a mesa contou com três participantes, sendo: Carina Santana Ferreira da comunidade quilombola Coxilha Negra da cidade de São Lourenço do Sul -RS, mestranda em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Eder Ribeiro Fonseca da comunidade quilombola Vó Elvira, localizada no interior do Município de Pelotas, mestrando em Antropologia Social na UFPel, agroecólogo de formação pela Fundação Universidade Rio Grande, agricultor quilombola, participante do Gt Quilombola de Pelotas, integrante da Associação Brasileira de Agroecologia e um dos coordenadores do Gt de ancestralidade e etnicidade dos povos tradicionais do Brasil; e Laisa Kaingang, conhecida dentro do movimento indígena como Erê Kaingang (nome indígena), da Terra Indígena Guarita no noroeste do Rio Grande do Sul e doutoranda em Antropologia Social na UFPel.

2. METODOLOGIA

O convite para participação no evento foi feito às convidadas e ao convidado pessoalmente. Devido à insegurança e preocupação com encontros presenciais causados pela pandemia de COVID-19, que ainda nos assombrava, sugerimos que a realização da mesa

⁶ Eu, Veridiana, sou a primeira autora deste resumo e em muitas partes escrevo em primeira pessoa, mas considero as outras pessoas aqui mencionadas enquanto coautoras do texto, pois suas falas e formas de pensar o mundo são apresentadas nesta narrativa.

ocorresse online. Assim, no dia 14 de maio de 2022, às quinze horas, tivemos nosso encontro que ocorreu de forma totalmente remota pelo sistema google meet. A mesa foi iniciada com a apresentação de cada participante, seguida pela elaboração de perguntas efetuadas pela mediadora Veridiana Machado Rosa Oliveira, respondidas sequencialmente por cada participante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Não é correto, mas tem sido uma constante no Brasil, invisibilizar as lutas de indígenas e quilombolas por suas terras. E é pensando nisso que se faz oportuno lembrar da histórica expropriação dos territórios tradicionais, fazendo com que a “demarcação das terras indígenas e a titulação das terras que ocupam os afrodescendentes” (LEITE, 2000 p. 333) no Brasil seja algo que mereça mais do que nossa atenção. É preciso conscientizar a população da situação territorial das comunidades tradicionais, atentando para as especificidades desses povos, elaborando políticas de reparação histórica. Partimos assim, da compreensão e da defesa de que os direitos de povos indígenas e quilombolas a seus territórios, tanto quanto suas identidades culturais, precisam ser garantidos e respeitados. Tendo familiaridade com a luta e embasada nesses pressupostos, começo a mesa três com ouvidos e olhos atentos na expectativa de muito aprendizado.

Começo perguntando como a ancestralidade pode ser percebida no cotidiano da comunidade. O sorriso aparece, o assunto flui. Avós, tios, moradores que já morreram e pessoas mais velhas vivas das comunidades estão o tempo todo presentes nas falas carregadas de carinho e lembranças. Existe o reconhecimento da luta, desde tempos remotos, e o quanto isto impacta a vida das pessoas descendentes.

É maravilhoso ter o seu Vilson vivo conosco, nos dando força e a partir daí a gente entendendo o resultado desta luta, né?! a gente entende com a vivência e com ele estar conosco o que significa esta luta e a gente estar ocupando estes espaços que a gente ocupa nos dias de hoje (Carina).

O tempo de qualidade está dentro da categoria ancestral, e foi destacado na fala de Eder, os grãos sentados com seus netos em volta juntam-se à memória fraterna da avó, “*a minha vó era assim, ela sentava em um banquinho dela que eu guardo aqui e ficava cuidando os netos*”. Quando o assunto é ancestralidade, a organização familiar faz parte da conversa e mistura-se à organização da comunidade, onde laços se fortalecem através da maternidade e da paternidade compartilhadas ‘*quando uma criança nasce em uma comunidade quilombola ela não vai ter uma única mãe, um único pai, um único tio...*’ (Eder). Mostrando que a vida familiar e comunitária é uma formação carregada de ancestralidade. Durante o tempo em que conversamos sobre ancestralidade, ouvimos de Laisa Êre Kaingang que ela percebeu muitas similaridades entre esses relatos e as vivências de seu povo, então ela compartilhou que a ancestralidade “rege” a vida indígena, “*não existe povo indígena sem ter ancestralidade*”. *ta nas nossas crianças, ta nossos velhos ainda que vivem, ta nos homens nas mulheres ela ta aqui junto comigo na cidade grande*”. “*Os nossos povos são a nossa ancestralidade*” (Laisa Êre Kaingang).

A ajuda mútua estende-se a outras áreas do viver, como mantimentos que quando necessários são repartidos. A alimentação que ultrapassa o tempo é percebida como traço de ancestralidade, através de alguns alimentos citados, entre eles; a canjica e as ervas medicinais. Demonstrando que as formas de viver e conviver são heranças ancestrais.

Mediando a conversa, eu troco ideias com Laisa Êre e entramos no assunto dos mais velhos e de como é o tratamento a essas pessoas nas comunidades indígenas. Ela ressalta que *“ser velho, ser da comunidade, é uma honra pra nós e cada vez que um vai embora a comunidade perde um pouco, chora um pouco, mas a comunidade também agradece por ter tido a chance, né? de conviver”*. Continuo aprendendo. Neste trecho, o debate chega até as políticas públicas, as falas mostram a problemática delas serem pensadas sem o conhecimento da diversidade cultural. Laisa exemplifica mostrando exemplos de ações que atingiram os velhos do povo Kaingang, os projetos de casa de alvenaria, por exemplo, chegaram prontos e não satisfizeram necessidades da comunidade, desrespeitando a forma de habitar e a sabedoria Kaingang. Conseguem-se imaginar o atrito cultural desses povos com a forma de viver hegemônica que descarta os mais velhos, *os nossos velhos é nossa ancestralidade muitos vivos ainda, eles são os doutores, são eles que nos ensinam (...) através de aconselhamento simples eles conseguem direcionar toda uma vida acadêmica”*. Neste mesmo caminho, os mais velhos são tratados e pensados na comunidade quilombola Vó Elvira, valorizando a importância e sabedoria. As religiões afro e a ligação dos mais velhos com os pretos velhos apareceu nas falas. Em alguns casos, mesmo quando existe a troca de religião ao longo da vida, nota-se a manutenção de elementos e costumes religiosos das religiões afros no cotidiano.

O viver tradicional envolve também objetos que são parte fundamental na manifestação cultural desses povos, *“que nem diz a Laisa os mais velhos não gostam de luxos, a minha avó tinha um fogãozinho dela ali a lenha, né, uma casinha de tábuas e com os gatos na volta né, fazia as coisinhas, as ervas medicinais dela, e era feliz assim, esta luxuria que tem é colonial (Eder).”* Carina também reforça que na comunidade Coxilha Negra os mais velhos *“não vivem sem o fogão a lenha”*. Ainda discorre sobre a relação com as pessoas brancas *“a minha avó dizia assim; vocês tomem cuidado com o bicho branco e é isso, a gente toma cuidado a vida inteira, a gente continua aplicando isto nos nossos filhos, por mais que a gente vai viver fora, saia da comunidade. As pessoas mais velhas dentro das três comunidades têm um traço em comum, são cuidadas, observadas, respeitadas, honradas e ouvidas. Ouvindo-os constatamos que é nos relacionamentos com as pessoas mais velhas que se tem base para a preservação de traços culturais.*

Começo o próximo bloco questionando sobre os impactos da mídia nas comunidades. Entre as pessoas participantes, existe uma dualidade nas opiniões entre os benefícios do instrumento midiático e os malefícios desses nas comunidades. Em falas muito coerentes, percebo que o uso da mídia como ferramenta de visibilidade não é descartado, por identificarem a importância de o lugar de fala sobre as comunidades tradicionais ser ocupado por pessoas das próprias comunidades. Evidenciam também a importância da mídia para seus estudos e para a sensibilização dos mais jovens. Carina, a primeira a compartilhar suas

reflexões, reconhece a importância de as pessoas quilombolas estarem inseridas neste meio. “*Se a gente não colocar na mídia a nossa história alguém vai colocar, e vai colocar pela lente pelo olhar pela visão dele...*”. No entanto, chama a atenção para certos “segredos”, saberes que devem ser mantidos somente entre os membros da comunidade.

Para Laisa Êre a mídia é um instrumento necessário, neste ponto ela deixa explícito tratar-se de uma opinião pessoal e não coletiva.

Quando eu venho pra uma academia venho pra escrever, eu venho escrever sobre o povo Kaingang, com autorização dos meus ancestrais da minha comunidade e não digo especificadamente da minha comunidade, mas do povo Kaingang, que habita historicamente a região Sul, pra isso eu preciso da mídia, pra isso eu preciso me armar destas ferramentas tecnológicas...“há uma tentativa de exterminar o meu povo moralmente, que é assustadora, então eu uso muito a mídia pra dizer, não para ai vocês estão falando no local de fala que não é de vocês [...]”.

Para o quilombola Eder Ribeiro “*a força da mídia é fundamental, aliada com a educação então...*” este meio deve ser usado para valorizar atores. Entende-se que a mídia na valorização dos saberes é oportuna, se de fato acontecer uma comunicação justa com as comunidades. Porém, não é o que normalmente acontece, então a comunidade protege-se através dos segredos bem guardados.

Quando o assunto é agricultura, nossa interlocutora Carina verbaliza “*a gente não consegue lembrar da vida sem agricultura*”. A diferença no paladar entre um vegetal colhido do quilombo e um comprado no meio urbano é sentida e apontada. Para ela, a causa está no agrotóxico que inexistente nas comunidades quilombolas. Para Eder, as mulheres são parte fundamental da agricultura “*Não entra veneno nos quilombolas por conta das mulheres que são agroecológicas*” (Eder). Destacam ainda que a compra de frutas é incompreendida nestas comunidades, visto que este é um alimento sempre plantado e colhido nos dois quilombos participantes da mesa. A maior parte da alimentação destas comunidades é sustentada pela agricultura da própria. Alguns chás são plantados no território, outros nascem naturalmente, e alguns deles são utilizados diariamente pelos moradores e moradoras quilombolas. Na comunidade indígena Kaingang, a lavoura é uma forma utilizada pelas famílias para plantações de batata, feijão, milho e mandioca. Para Laisa “*a maioria das terras, infelizmente, são afetadas pelo agronegócio, em função mesmo desta riqueza de terra...*” (Êre Kaingang). O impacto do Agronegócio influencia na alimentação cultural, um exemplo é que uma das plantas usadas pelos povos Kaingang é vista como veneno, então quando vistas nas lavouras são mortas. “*Pra cultura da sociedade de fora o fuá ela é veneno, enquanto pra nós ela é a mais sagrada dos nossos alimentos, então a gente já não consegue acessar muito porque eles passam secante nas lavouras*”. Outros elementos culturais como *as plantas do mato*, são preservadas por estes povos, são buscadas no mato por pessoas específicas, especializadas, visto que o reconhecimento da planta e qual dela deve ser usada para uma determinada situação vem de um saber ancestral.

Nosso encontro vai terminando e o impacto da pandemia passa a ser relatado, são descritos episódios de fome em uma das comunidades quilombolas. Destacam a preocupação com os mais velhos, *“perder os mais velhos é perder o coração dos quilombos”* (Eder). Para o povo Kaingang, além de perdas dos mais velhos, a parada da venda dos artesanatos foi mencionada com um dos principais problemas para a subsistência das comunidades, além da dificuldade de não poder viver o luto e a morte da forma cultural neste período, o que foi marcante e doloroso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, as pessoas participantes, por durante uma hora, trinta e três minutos e trinta e cinco segundos, nos passaram lições sobre a resistência e persistência dos povos indígenas e quilombolas. A ancestralidade, o envelhecimento e os enfrentamentos no espaço urbano foram trazidos, junto com a (re)invenção de estratégias de sobrevivência ao lidar com diversas situações vivenciadas por estas comunidades tradicionais. A riqueza cultural das comunidades, a fala natural e sabia das pessoas interlocutoras fez desta mesa uma das mais elogiadas do evento. A mesa teve mais de uma centena de visualizações e gerou comentários no chat como: *“Muito interessante conhecer a história relatada pela vivência de cada um. parabéns”*; *“que riqueza essa formação, fez eu lembrar de coisas que a minha vó fazia e dizia...os doces, as rezas, as benzeduras. Esses saberes, essa oralidade não podem se perder!! Parabéns pelas falas!”*

REFERÊNCIAS

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v.4, n.2. Lisboa, 2000.

Mesa 3 - Raízes Tradicionais: Comunidades, Ancestralidades e Envelhecimentos
<https://youtu.be/xYyqrM4gV9c>

MESA 4

A CATEGORIA MULHER E O VERBO ENVELHECER

Gabriela Pecantet Siqueira*, Luana Costa Bidigaray** e Renata Vieira***

*gabrielapecantet@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

**luanacbidigaray@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

***renata.vieira@ufpel.edu.br

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

1. INTRODUÇÃO

A mesa intitulada “A categoria mulher e o verbo envelhecer”, no 6º Cidades em Transe, contemplou a temática do envelhecimento de mulheres. A categoria mulher foi tratada a partir da sua pluralidade, visto que abrange uma diversidade de experiências, fazendo com que o processo de envelhecimento seja vivenciado de diferentes formas. Já o envelhecimento foi considerado enquanto um processo natural, no qual ocorrem diversas mudanças biopsicossociais próprias e que estão associadas à própria passagem do tempo, variando de acordo com as pessoas, por fatores internos fisiológicos e por fatores externos, como o estilo de vida, ambientes e condições de saúde.

Como afirma a antropóloga Guita Debert (1992), a velhice não é um momento definido simplesmente pela cronologia, ele é um processo gradual em que o contexto histórico, social, cultural, bem como a trajetória de vida de cada pessoa deve ser considerada. As formas de envelhecer das mulheres na contemporaneidade são delineadas por um modelo que envolve o estímulo à atividade, à sociabilidade e a aprendizagem de novas habilidades. Ao mesmo tempo que coexistem opressões que tensionam os seus envelhecimentos, como o machismo, racismo e outros fatores. Estas são questões que influenciam nas suas relações, papéis, limitações, mas que também se entrelaçam as resistências, rupturas e articulações de redes de sociabilidade, durante os seus envelhecimentos.

O presente resumo visa apresentar os principais pontos discutidos na mesa entre as autoras, a partir do ponto de vista da Sociologia. A mediadora do encontro foi Gabriela Pecantet Siqueira, com graduação em Direito, graduanda em Antropologia e mestranda em Sociologia (PPGS/UFPel); as convidadas foram Luana Costa Bidigaray, com graduação em Direito, mestra e doutoranda em Sociologia (PPGS/UFPel), e Renata Vieira, com graduação em Ciências Sociais, mestra e doutoranda em Sociologia (PPGS/UFPel).

2. METODOLOGIA

A mesa foi gravada pela plataforma *Google Meet* e disponibilizada ao público no dia 2 de junho de 2022, às 10h, no canal do evento no *Youtube*⁷. O encontro teve uma duração de 1h 24 min, e, além da apresentação inicial da mesa e das convidadas, foi dividida em três momentos. No primeiro, as pesquisadoras compartilharam sobre como entraram em contato com a temática e sobre as diferentes teorias sobre envelhecimento. Em seguida, cada convidada tratou de temas mais específicos sobre envelhecimento e gênero, a partir de suas pesquisas atuais. Por último, foi realizada uma última rodada, no qual a mediadora levantou alguns questionamentos às convidadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento do diálogo, a pesquisadora Luana Bidigaray compartilhou um pouco sobre como e quando começou seu interesse em pesquisar a respeito de mulheres em processo de envelhecimento. Em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado “Responsabilidade Civil dos familiares por maus tratos a pessoas idosas”, na graduação em Direito, pesquisou sobre as denúncias contra violência a idosos. Seu campo de investigação foram duas instituições, uma em Pelotas (Centro de Referência de Assistência Social - CREAS) e a outra em Porto Alegre (uma delegacia de proteção a idosos).

No mestrado seguiu estudando sobre o envelhecimento, mas por um viés sociológico e com recorte de gênero. Seu campo de pesquisa foi uma associação de aposentados em Pelotas, que ofertava diversos serviços especializados, de assistência médica, odontológica, de advocacia, para comunidade da terceira idade. O espaço também ofertava atividades sociais e culturais, como encontros para realização de artesanatos e pintura em tela, por exemplo. Foram nestes encontros que realizou observações participantes e percebeu uma diversidade de mulheres: haviam aquelas com 70/80 anos de idade, que carregavam as marcas do envelhecimento no corpo; as que tinham 60 anos, mas não se consideravam idosas; e, mulheres com 45/55 anos que participavam das atividades porque tinham uma identificação etária com o grupo.

Nesta pesquisa, Luana adotou a abordagem interseccional, privilegiando a questão de gênero, para compreender a diversidade de experiências e processos de envelhecimento destas mulheres. Compartilhou também a necessidade de articular entendimentos interdisciplinares para compreender os envelhecimentos como a antropologia e a gerontologia. Além disso, contou que foi na pesquisa de dissertação que a categoria trabalho e as trajetórias laborais destas mulheres lhe chamaram a atenção, questões que passaram a fazer parte de sua pesquisa no doutorado. Com isso, considerando o recorte etário de mulheres entre 45 e 60, que estão a envelhecer, e considerando as recentes Reformas Previdenciárias, têm levantado problematizações em torno dos projetos de aposentadoria e de envelhecimento.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=to-gpi24yCM>>.

Em seguida, a pesquisadora Renata Vieira, narrou que seu contato com o tema do envelhecimento de mulheres ocorreu mais recentemente, com a pesquisa que realiza no doutorado. Mas nas pesquisas que desenvolveu no trabalho de conclusão de curso e na dissertação já trabalhou com o recorte de gênero. O estudo atual é realizado junto a um grupo de mulheres com mais de 60 anos e que atua há 26 anos na Pastoral da Saúde na comunidade João XXIII. Este grupo oferece a prestação e acesso à saúde, independente de quem a procura, seguindo o princípio de humanização da saúde. Realizam atendimento de enfermagem, distribuição de medicamentos, entre outros serviços, que envolvem uma dinâmica de construção e manutenção de saberes transmitido entre estas mulheres. Dinâmicas que também envolvem questões de reconhecimento e identidade.

Destacou também que os envelhecimentos podem ser divididos em três tipos: biológico (com mudanças físicas e orgânicas nos indivíduos), social (mudanças de papéis sociais dentro do seu círculo social) e psicológico (alterações de ordem intelectual, comportamental e emocional). Quando se pensa em velhice, imagina-se a fase mais próxima ao fim da vida de um indivíduo, este é o aspecto biológico, que também apresenta consequências psicológicas e sociais. Neste momento há uma percepção e reflexão sobre si, que reflete no modo como as pessoas se relacionam e como administram seu tempo, podendo influenciar, conseqüentemente, nas mais diversas dimensões de suas vidas.

Assim, existem diversas abordagens e teorias para compreender o envelhecimento. No campo sociológico elas estão divididas, basicamente, em três gerações. A primeira inclui as teorias das atividades, que entende que a vida e a experiência dos indivíduos idosos considerando marcadores de idade, gênero, classe social e raça. A segunda apresenta as teorias da continuidade, abordando elementos da própria gerontologia, partindo dos conceitos de ação social, poder e significados sociais para compreender o processo de envelhecimento. Já na terceira geração estão as teorias do construcionismo social, trazendo uma preocupação estrutural, como a distribuição de recursos econômicos e reconhecendo os significados do envelhecimento dentro da estrutura social em que os atores estão envolvidos. Na pesquisa, Renata considerará a releitura que as mulheres da Pastoral fazem da sua própria vida e do engajamento que possuem no grupo, que proporciona a elas um envelhecimento ativo.

No segundo momento Luana iniciou falando sobre a pesquisa que desenvolve no doutorado. Neste, a pesquisadora trata a respeito das formulações e reformulações dos projetos de aposentadoria e de envelhecimento de mulheres nascidas nas décadas de 1970 e 1980, que possuem hoje idades entre 50 e 60 anos, e que estão a envelhecer num contexto em que entrou em vigor uma recente Reforma Previdenciária. Para isso, considera o envelhecimento populacional no país – com crescente aumento e a feminização da velhice –, a atual configuração do mercado de trabalho brasileiro e a Reforma Previdenciária de 2019.

Atualmente, conforme dados do IBGE de 2018, o país tem superado a marca de 30.000 milhões de idosos, onde mais da metade são mulheres. O mercado de trabalho tem apresentando uma proporção de mulheres com idades entre 45 a 65 anos cada vez maior, que

envelhecem sob condições diferentes, tendo em vista as distintas ocupações, tipos de vínculos, tempo de inserção, marcadores sociais da diferença, entre outros fatores.

Nesse contexto, a Reforma da Previdência de 2019, que entrou em vigor no governo Bolsonaro, fruto de contexto neoliberal e é bem mais nociva que as reformas de 1998 e 2003, trouxe como principal mudança a fixação de idade mínima, com acréscimo de mais dois anos de vida laborativa para as mulheres, além da necessidade de tempo mínimo de 15 anos de contribuição. Estes são fatores que afetam os gerenciamentos de vida e organização do tempo das trabalhadoras de formas diferentes, produzindo efeitos distintos nos seus campos de possibilidades e nos projetos de suas velhices e de suas aposentadorias (VELHO, 1994).

Após, a pesquisadora Renata falou sobre a Pastoral da Saúde em que realiza sua pesquisa, juntamente com um grupo constituído de dez mulheres (principais responsáveis pela organização e articulação do grupo), destacando a importância deste espaço na região e a atuação delas. Seu objetivo com o estudo, que articula os conceitos de identidade e sociabilidade, é compreender as dinâmicas das mulheres voluntárias, todas com mais de 60 anos, e como elas se reconhecem e reconhecem o grupo e quais os aportes de reciprocidade no interior do grupo.

A pesquisadora falou sobre como o trabalho do cuidado e do afeto permeiam as atividades desta rede de mulheres, ao passo que a reciprocidade também traz a essência do que se compreende da atuação voluntária neste grupo: “dar-receber-retribuir”, onde há uma “doação de si” à Pastoral da Saúde e sua causa. Já o reconhecimento pode ser visto a partir da caracterização de estima social. Além disso, as perspectivas e práticas (re)produzidas constroem, por meio da diferença e da relação com o outro, a noção de identidade. As teorias sociológicas do envelhecimento nessa investigação ajudam a jogar luz na pluralidade e semelhanças nos processos de envelhecimento das voluntárias no grupo.

Imagem 1. Mesa 4 - A categoria mulher e o verbo envelhecer



Fonte: canal do evento no *Youtube*.

Por fim, na última rodada a mediadora da mesa fez alguns questionamentos às convidadas a respeito dos desafios enfrentados na pesquisa, sobre as consequências do

contexto da Pandemia da Covid-19 no campo de pesquisa e estas passaram a dialogar a partir das exposições já feitas e relatando outros aspectos.

4. CONSIDERAÇÕES

O diálogo proposto revelou-se essencial para desconstruir o tema do envelhecer frequentemente envolto em estereótipos e desvalorização. A relevância dessa mesa se manifesta, sobretudo, na criação de um espaço para discutir o processo envelhecimento, um assunto que, em nossa sociedade, ainda enfrenta tabus, uma vez que muitas vezes é associado a um processo contrário à saúde, como condição indesejada ou classificada como uma espécie de doença. Contudo, durante a atividade, percebemos um retorno positivo do público, o que sugere uma disposição para reavaliar essas percepções e promover uma compreensão mais humanizada e menos estigmatizada do envelhecer. Durante a realização do diálogo tivemos um retorno positivo do público ouvinte, que através do *chat* fez questionamentos e comentários. Ana Paula Lima Silveira, por exemplo, parabenizou as ministrantes “pelas excelentes contribuições”, e Ingrid Santana agradeceu pela “riqueza dessas falas!”.

REFERÊNCIAS

DEBERT, G. G. Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. **BIB**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 33-49, jan./jun. 1992.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

MESA 5

ENVELHECIMENTO ATIVO: ALGUMAS NARRATIVAS

Melina Monks da Silveira*, Diego Rodrigues Gonçalves**

* melimonks@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

** diego.rodrigues@ucpel.edu.br

Universidade Católica de Pelotas, Brasil

1. INTRODUÇÃO

A “Mesa 5 - Envelhecimento Ativo: algumas narrativas”, foi a quinta mesa da 6ª edição do evento Cidades em Transe promovido pelo Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR. O evento Cidades em Transe nasce como um espaço para discussões e trocas de experiências na construção de saberes entre o público acadêmico e não acadêmico. A edição intitulada “Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos” teve como objetivo promover debates acerca das ancestralidades, fundamentados em processos de construção identitária, bem como dos envelhecimentos e suas relacionalidades, que envolvem direitos e deveres, relações de afetos, religiosidades, novas sensibilidades, questões de saúde, mobilidade e moradia.

O evento também buscou oportunizar reflexões sobre as diferentes perspectivas e construções simbólicas que os processos de envelhecimentos podem assumir em diferentes linguagens, para os mais diversos grupos, como movimentos sociais, grupos religiosos, indígenas e quilombolas, pessoas LGBTQIA+, periferias, mulheres, nos mais variados contextos urbanos do evento Cidades em Transe,

A mesa “Envelhecimento Ativo: algumas narrativas” teve como proposta apresentar os objetivos e alguns pontos de alcance do trabalho do Projeto Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade (Cetres) da Universidade Católica de Pelotas. Através de relatos de idosos e suas experiências de envelhecimento ativo e saudável, limites e possibilidades. Foi realizada na tarde do dia 02 de junho de 2022 e está disponível no Canal do *Youtube* do evento Cidades em Transe.

2. METODOLOGIA

A mesa foi organizada colaborativamente pelo projeto Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas e o Projeto Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade (Cetres) da Universidade Católica de Pelotas, ao longo do primeiro semestre de 2022. A mesa foi mediada por Melina Monks da Silveira e teve como apoio técnico a estudante Nina Acacio. A atividade foi organizada de forma que cada participante fizesse uma fala de 20 minutos, depois aconteceram debates entre os participantes da mesa e com ouvintes, a partir de perguntas enviadas pelo chat do Youtube.

O evento foi realizado de forma online, com transmissão da mesa ao vivo pelo canal do Youtube do Evento "Cidades em Transe". Para participar da mesa, foram convidados integrantes do Projeto de extensão Cetres, um programa de extensão universitária que abrange quatro projetos de extensão e que propiciam atividades de promoção de saúde, educação e integração da comunidade acadêmica com a população idosa. A mesa iniciou com a apresentação do Projeto pelo convidado Diego Gonçalves. Logo após iniciaram as falas dos integrantes do Projeto e depois foram abertas perguntas e o debate com o público.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a abertura da mesa e apresentações, a primeira fala foi feita pelo Assistente Social Diego Rodrigues, bacharel em serviço social e mestre em política social e direitos humanos pela Universidade Católica de Pelotas e atua como assistente social na área de promoção à saúde do idoso no âmbito da extensão Universitária na Universidade Católica de Pelotas.

Iniciou então a apresentação: "ATENÇÃO EM SAÚDE INTEGRAL DA POPULAÇÃO IDOSA: Estratégias de promoção da saúde do idoso frente ao crescimento da população idosa na América Latina". Ele abordou sobre a necessidade de se pensar e se discutir políticas públicas específicas para o grupo da população idosa, assim como outros grupos, que necessitam de políticas públicas pensadas para as suas características e as suas necessidades. A proposta da mesa foi de entender melhor a saúde integral dos idosos e o envelhecimento ativo a partir de algumas narrativas. Diego destacou a importância do evento para que se possa conectar o que se pensa enquanto profissional e um espaço de promoção política pública. Também destacou a importância de ouvir os usuários, as pessoas beneficiadas do projeto que são os sujeitos das estratégias dessas ações de políticas de atenção e saúde integral da população idosa e suas estratégias de promoção.

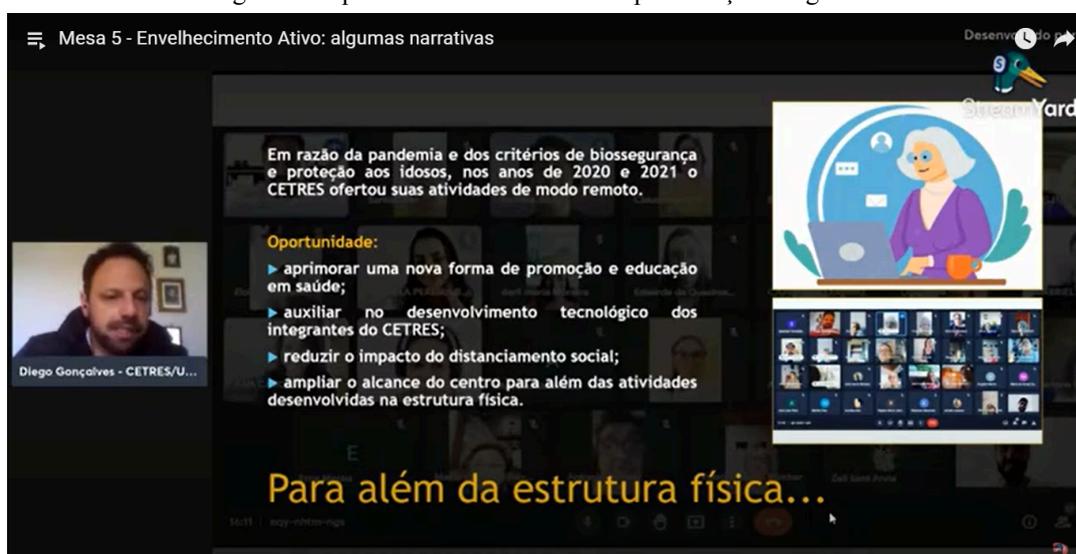
Diego falou sobre a questão da saúde frente ao crescimento da população idosa na América Latina, que tem dado centralidade ao se pensar ações para a população idosa na América Latina. Nas últimas três décadas, quase triplicou o número de população idosa no Brasil. Isso faz com que se pense o público idoso não mais como um público eventual pessoas que entraram na fase do na fase idosa, mas sim como um grupo permanente, que tem a sua longevidade maior que vai e que vai viver mais em sociedade a partir dos 65 anos, fazendo que permaneça mais tempo na sociedade. Grupo esse que está crescendo e é necessário que se tenha o olhar das ações dos programas das políticas públicas voltado para esse grupo para dar respostas às necessidades e as demandas específicas dos mesmos. Por essa razão, o projeto tem discutido a questão do crescimento de idosos no Brasil, que hoje é dez por cento da população e ainda vai aumentar.

Diego ainda traz uma questão sobre enquanto profissionais e estudantes né de diversas áreas, como que lidam com o fenômeno que é um grande aumento da população idosa no Brasil destacando que, a América Latina, apresenta um nível de desigualdade social

bem maior de relação a outros países do mundo, onde o envelhecimento também cresce, mas o estado de bem-estar social e as políticas públicas voltadas para o conjunto da população, inclusive os idosos, têm melhor respostas porque a desigualdade social não é tão latente como na América Latina e no Brasil.

Sobre o projeto, Diego explicou que durante a pandemia as atividades foram realizadas em formato remoto, o que proporcionou aprimorar uma nova forma de promoção e educação em saúde, auxiliar no desenvolvimento tecnológico dos integrantes do projeto, reduzir o impacto do distanciamento social e ampliar o alcance do Centro para além das atividades desenvolvidas na estrutura física (Imagem 1).

Imagem 1. Captura de tela – Mesa 05 - Apresentação Diego



Fonte: MESA 5 - ENVELHECIMENTO ATIVO: ALGUMAS NARRATIVAS (2022)

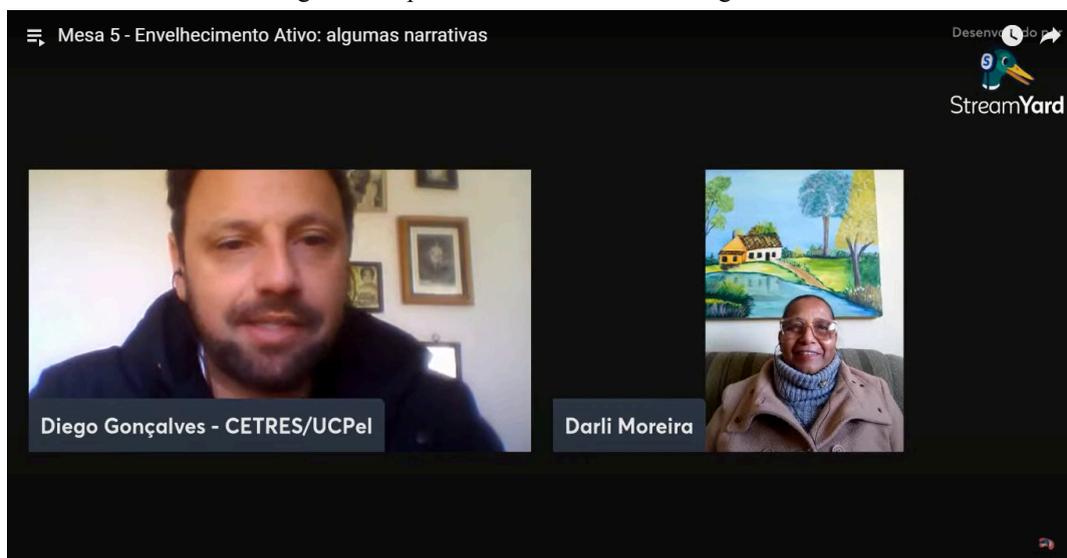
Em 2020, o CETRES ampliou sua atuação e aproximou com cursos de graduação da UCPel e com projetos como a Universidade Aberta da Maturidade (UAMI), cuidado e autoestima, Ambulatório Multiprofissional e Geriatria e Vivendo e Aprendendo.

Em 2022 o Projeto teve o retorno das atividades presenciais, com oficinas de Dança cigana, contação de histórias, Tricô e crochê, Grupo musical e ginástica (Projeto Vida Ativa). Essas atividades têm como objetivos a inovação na promoção de saúde e cidadania ao idoso, desenvolvimento de atividades que propiciam saúde e protagonismo social para os participantes, garantem novas perspectivas de vida, novos horizontes com inúmeras possibilidades que independem da idade, empoderam os sujeitos a lidarem com seus desafios cotidianos com mais recursos, disposição e saúde

A atividade teve a participação dos idosos, usuários do Cetres, o que demonstra a efetiva participação e o protagonismo que o Cetres propõe e trabalha na sociedade. A integrante do projeto, Darli Moreira (Imagem 2), destacou que “é sempre importante que a gente traga o assunto idoso nas redes sociais, porque o idoso tem várias dificuldades. No

momento em que a gente se sente um pouco abandonado, apesar de muitos, assim como eu, ter uma família, lar e ter amigos, mas tem momentos em que o idoso se sente um pouco só. E estar aqui falando sobre isso é muito importante. Importante para a sociedade em geral, em aprender a escutar mais os idosos e saber que a gente tem muita capacidade ainda e muito a ensinar. um idoso tem uma vida inteira de aprendizagem. Nós estamos num mundo de transição, convivendo com jovens, crianças que estão começando a entrar no mundo, que está totalmente diferente. Essa conexão entre idoso e jovem é muito importante, tem que haver essa conexão para que possamos entender eles e eles nos entender. O idoso aprende muito e também ensina muito".

Imagem 2. Captura de tela – Mesa 05 - Diego e Darli



Fonte: MESA 5 - ENVELHECIMENTO ATIVO: ALGUMAS NARRATIVAS (2022)

Maria da Graça, também integrante do projeto, conta que algo importante da Oficina de contação de histórias é: "O nosso maior recurso são as pessoas, os nossos depoimentos. Nós desenvolvemos a criatividade na oficina de contação de história". Ela fala que as participantes acreditavam que não seriam capazes, mas fizeram e se encantaram com a experiência.

O Cetres possui uma dinâmica de funcionamento, estrutura e ações práticas de grande relevância e reconhecimento social há mais de 30 anos. Além disso, desenvolveu recentemente um programa de extensão universitária que abrange quatro projetos de extensão que propiciam atividades de promoção de saúde, educação e integração da comunidade acadêmica com a população idosa.

Após a exposição das/o convidadas/o, foram respondidas as dúvidas do público, que interagiu com diversas perguntas. A mesa teve duração de 1 hora e 30 minutos, o vídeo da atividade está disponível na página do evento Cidades em Transe, no Youtube, e já possui 202 visualizações.

REFERÊNCIAS

MESA 5 - ENVELHECIMENTO ATIVO: ALGUMAS NARRATIVAS. [PRODUZIDO POR] CIDADES EM TRANSE. **Youtube**. 02 de junho de 2022: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mQ7CZaBp3d4&list=PLk693KW7SoeKl8bBE5SSb_37rQvC2EDKr&index=4. Acesso em: 09 out. 2022

MESA 6

PERCURSOS URBANOS, MEMÓRIAS E O CAMINHAR

Ricardo Pavéglia Sommer*

*ricardopaveglia.sommer@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo procura apresentar as discussões propiciadas pela Mesa 6 - Percursos Urbanos, memórias e o caminhar, realizada no dia 2 de junho de 2022, durante a 6ª edição do Evento Cidades em Transe: Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos. O evento anual é promovido pelo Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. A mesa teve como convidadas: Frederico Duarte Bartz, Pedro Rubens Nei Ferreira Vargas e Anita Natividade Carneiro.

2. METODOLOGIA

O evento foi realizado de forma online, com a transmissão da mesa ao vivo pelo canal do Youtube Cidades em Transe, onde obteve mais de uma centena de visualizações. A proposta da mesa foi dialogar sobre o caminhar nas cidades em diferentes contextos e temporalidades, a partir de relatos sobre: os Caminhos dos Operários em Porto Alegre, envolvendo a experiência de trajetos na memória da classe trabalhadora sobre o contexto histórico do Patrimônio Cultural; o Museu Percurso do Negro, explanando a contribuição das comunidades negras na construção do Museu e do Rio Grande do Sul; e, os Caminhos da Ditadura em Porto Alegre, resultado de um projeto de divulgação histórica que conta com um mapa digital com mais de duzentos lugares ligados à Ditadura Civil Militar, no período de 1964 a 1985, na capital gaúcha. A mesa teve duas etapas distintas: a primeira foi uma exposição individual de cada convidado sobre seu tema de pesquisa e a segunda foi um bloco aberto para perguntas e comentários do debatedor.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Os trabalhos da mesa foram abertos pelo primeiro convidado Frederico Duarte Bartz. Iniciou a sua fala afirmando que tratar memória e patrimônio é um ato fundamental neste período que estamos vivendo, onde muitos acontecimentos da história são negados. A partir disto, afirma que no passado existia um esforço constante de apagar o passado vinculado aos grupos populares. Assim, trazer este passado de resistência, de luta para o tempo presente é crucial. O caminho dos Operários de Porto Alegre, trata-se de uma ação de extensão que o próprio convidado coordena, tem formato de curso e é oferecido pela Biblioteca da Faculdade

de Arquitetura da UFRGS. Este já foi oferecido em duas modalidades a presencial e a virtual. É composto por aulas e trajetos guiados, envolvendo locais históricos de moradia, trabalho, solidariedade e de luta da classe trabalhadora.

O período abordado durante os trajetos transcorre do final do Império até o Estado Novo (1887-1937), momento em que trabalhadores e trabalhadoras com diferentes tradições e experiências organizativas formaram associações, participaram de diversas mobilizações e construíram uma intensa vida cultural no Centro e nos Arrabaldes de Porto Alegre. Ele destaca que o período selecionado foi crucial para a cidade, pois houve um salto de 50 mil para 250 mil habitantes. A cidade neste período se organiza de maneira informal, em arrabaldes como o bairro Floresta, Cidade Baixa, Azenha, Bom Fim, Colônia Africana, Navegantes, Parthenon etc. Ele destaca a assinatura da Lei Aurea em 1888, logo após, a Proclamação da República no ano de 1889, ainda durante a década de 1930 a presença de comunistas e antifascistas no meio operário até sua repressão a partir de 1935, abrindo espaço para o sindicalismo católico, até o Golpe do Estado Novo no ano de 1937, quando vão modificar as condições de organizações da classe trabalhadora.

Para ele a constituição do Movimento dos Operários é diversa, assim, quando se fala em Movimento dos Operários, não se trata apenas de representação, sindicatos, onde trabalhadores industriais se organizavam, mas sim de organizações de classe, sinônimo de classe trabalhadora organizada. Como exemplo, o Sindicato de vários ofícios, categorias, partidos políticos, sociedades beneficentes, escolas, clubes esportivos, trabalhadores das fabricas, transportes, comércio, funcionários públicos, agricultores, sociedades femininas, sociedades étnicas, sociedades operárias vinculadas a religiões, entre outras.

O convidado contextualiza que no final do século XIX a Classe Trabalhadora se organiza no centro de Porto Alegre e que, ao longo do tempo, acontece a expansão para a ocupação de outras regiões da cidade. Após a década de 1930, existiu um contínuo processo de deslocamento da classe trabalhadora “especialmente dos trabalhadores mais pobres”, das regiões centrais da cidade de Porto Alegre. Corroborando a contribuição que teve o crescimento da cidade, da sua economia, as grandes obras, como a construção do Viaduto Otávio Rocha e a abertura da Avenida Borges de Medeiros, onde acabaram intensificando a destruição de bicos e cortiços, onde vivia parte significativa destes trabalhadores. A remoção da população negra de seus territórios tradicionais, como a Ilhota e o Areal da Baronesa, parte de uma política urbana que reforçava o racismo, e que também significou o afastamento de operários da região central. Tão logo, ocorreu a perseguição aos imigrantes e entidades étnicas durante o Estado Novo, o que por sua vez, ajudou a desestruturar redes de solidariedade existentes nas zonas industriais. Consequentemente, com o deslocamento das indústrias e a desestruturação de bairros fabris, afastou-se o proletariado industrial das regiões próximas ao centro.

No decorrer do século XX as memórias da classe trabalhadora e de suas organizações foram se apagando, principalmente nos bairros de classe média, tornando assim, invisíveis os sinais desta presença na formação da cidade. Assim, pode-se constatar que com o

crescimento da cidade, a necessidade de infraestruturas qualificadas, como a abertura de vias, ocasionou a destruição das edificações em que a classe trabalhadora se reunia, nos arrabaldes da cidade.

Finalizando a sua fala, contextualiza O Caminho dos Operários no tempo presente, argumenta a importância do resgate das lutas das classes trabalhadoras do passado, as contrapõe com o cenário atual onde classe trabalhadora se tornou um termo desprezado, a partir do domínio do liberalismo, colocando em dúvida a credibilidade das instituições, destruindo direitos, vidas. Para ele, hoje existe a negação da importância que teve a classe trabalhadora na história da construção da cidade e a sua presença no tempo presente significa resistência contra um esforço político com intuito de destruir a classe trabalhadora. Ainda, relaciona o período da ditadura militar brasileira, com o tempo presente, com a retirada de direitos, o aumento da pobreza, desregulação do mercado de trabalho. O convidado argumenta sobre a importância de se contrapor fatos históricos para demonstrar a importância das lutas dos operários no passado, suas formas de resistência até presente, contra os processos de gentrificação dos territórios centrais, a especulação imobiliária, a destruição do patrimônio histórico, a modernização das áreas centrais de Porto Alegre visando lucros aos grandes empresários, gerando a destruição da memória coletiva das populações menos favorecidas.

O segundo convidado, Pedro Rubens Nei Ferreira Vargas iniciou a sua contribuição apresentando reflexões a partir do Museu de Percurso do Negro, ressaltando a importância do caminhar qualificado pela cidade, um caminhar e perceber as conexões estabelecidas entre a geografia da cidade, o urbanismo, as formas de viver das pessoas. Destaca a importância de um caminhar compartilhado, correlacionando o percurso negro ao caminhar da classe trabalhadora em Porto Alegre. Contextualiza que o percurso do Museu do Negro está localizado no centro da cidade pois foi financiado pelo Programa Monumenta, do Ministério da Cultura do Brasil e patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID. O programa favorecia a reforma e o resgate do patrimônio cultural urbano nos centros históricos, em todo o Brasil. Mas ressalta que os territórios negros em Porto Alegre têm uma expansão mais abrangente do que o centro histórico, como exemplo cita o bairro Ilhota, o bairro Mont Serrat e ressalta que todo o processo de periferização das camadas negras ocorreu, principalmente, nos mesmos arrabaldes citados anteriormente por Frederico.

Na sequência descreveu que o projeto do Museu de Percurso do Negro nasceu para dar visibilidade ao povo negro e lutar contra o apagamento geográfico e territorial da memória negra na cidade de Porto Alegre. Exemplifica com um território que foi Colônia Africana na cidade, que nesse processo de apagamento passa a se chamar Rio Branco. O próprio Parque da Redenção, até hoje conhecido como Redenção, devido ao centenário da Revolução Farroupilha passou a chamar Parque Farroupilha. O nome Redenção naquele local refere-se ao movimento Partenon Literário de 1884, que se chamava redenção dos cativos.

A proposta do itinerário do Museu é colocar marcos físicos em lugares significativos, como forma de reposicionar a memória na história de Porto Alegre, tendo como consequência

positiva, a recuperação da autoestima da comunidade negra. A retomada desta memória, ao mesmo tempo, causa um estranhamento por parte da população que não negra corroborando com a socióloga Gilda Mello Waldman (2007), que apresenta o conceito de memórias em conflito, ele destaca e para ela um museu não deve apenas conservar coisas do passado, mas buscar a reinterpretação da realidade social e cultural no presente. Ele, novamente, amarra sua fala com a apresentação anterior, afirmando que existe uma luta para que o passado tenha um sentido único, que na verdade não tem, existe um conflito de memórias. Menciona que a partir dos anos 1980 um caráter estratégico, uma sociedade que acaba sendo representada por fraturas, como os trabalhadores operários, negros, ciganos, público LGBTQIA+, os povos indígenas, utilizando como a auto representatividade como um instrumento estratégico. Ele diz que um museu de percurso fala de sujeitos e não apenas dos objetos. Para ele, Patrimônio nos permite estratégias de reinterpretação do passado, é uma contestação dessa história hegemônica sobre os territórios, uma disputa de sentidos. Cita como exemplo a derrubada de estátuas que representam racistas e/ou genocidas.

Ele diz que o projeto Monumenta buscava uma proposta contra a gentrificação dos centros históricos. Porto Alegre foi a única cidade que teve um projeto para a etnia negra, em razão da organização do movimento negro local. A partir do ano 2001 a cidade de Porto Alegre passa a ser considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) uma cidade histórica pelo seu desenho urbano, com funções diferenciadas. O projeto mostra Porto Alegre enquanto uma cidade histórica, então a população negra passa a ser histórica, a compor o cenário da cidade, uma ancora com o território. O Museu foi pensado em contraposição ao formato de um Museu Tradicional com acervo linear que comumente conta a história negra. O museu foi pensado em roda, em círculo, valorizando as memórias individuais dos griôs em conjunto com artistas e jovens que seriam os monitores. A partir de pesquisa histórica e antropológica, e de encontros de um conselho gestor com griôs, a própria comunidade negra elegeu o que seria importante e deveria compor o percurso negro.

A primeira obra a ser executada seria o Tambor, localizado no antigo Largo da Força, atualmente a Praça Brigadeiro Sampaio. Ela foi executada no ano de 2010, na cor amarela devido a cidade de Porto Alegre pertencer à Oxum, Orixá que reina sobre as águas doces. A unidade visual respeitou as cores do Pan-africanismo, envolvendo as cores verde, vermelho, amarelo e preto, tendo desenhos de figuras representando Porto Alegre no século XVIII até o século XX, desde Quilombolas, Escravos de ganhos, Capoeiristas, Lanceiros Negros. Um segundo marco, a Pegada Africana, está localizada no Largo da Quitanda, atualmente a Praça da Alfândega, Rua da Praia de Porto Alegre, voltada para, leste para Meca. O autor deste artefato foi o artista não negro Vinicius Vieira, inaugurado no ano de 2011. O convidado ressaltou que o conselho gestor teve o cuidado de na seleção dos artistas que não tivesse exclusividade de artistas negros, instigando um cruzamento de olhares, a formação de jovens também envolveu parceiros das mais diversas etnias. O terceiro artefato, o Monumento do Bará do Mercado, localizado no centro do Mercado Público de Porto Alegre, foi assentamento pelos próprios negros que construíram o Mercado. Ainda um último marco, o

Painel Africano, localizado em frente ao Chalé da Praça XV, representando o movimento negro, a passagem deste ancestral negro que permeia a cidade de Porto Alegre. Ele destaca que as obras nunca foram vandalizadas, então entende que há o reconhecimento da comunidade com aquela história ali representada.

A última convidada foi a Anita Natividade Carneiro, apresentou o Projeto Caminhos da Ditadura, desenvolvido ao longo da sua graduação, com início no ano de 2016. A proposta inicial foi um mapa digital com o objetivo de marcar os locais de memória, resistência da repressão em Porto Alegre, no período Ditatorial Brasileiro, nos anos de 1964 a 1985. Representando diversas camadas temporais da Capital Gaúcha, atualmente são mais de 200 locais mapeados, em cartografia desenvolvida na disciplina da graduação de Introdução à Prática Estágio de História, ministrada pela professora Carmen Zeli de Vargas Gil, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O mapa digital foi desenvolvido na ferramenta google my maps, com a proposta de contrapor as tradicionais narrativas sobre esse período, com viés político e econômico do poder, destacando os ditadores presidentes, invisibilizando a espacialidade do evento histórico. O projeto foi financiado por uma bolsa de apoio científico da Fundação de Amparo à pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), também com a colaboração de uma bolsa de popularização à ciência financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Destacou a importância dos Mapas digitais para o ensino de história. A convidada contextualiza que além do mapa digital proposto, foram realizadas duas caminhadas guiadas com paradas nos locais demarcados. Uma primeira para estudantes de arquitetura destacando um olhar diverso para a cidade, apresentando espaços que não existem mais no tempo atual, mas que naquele período estratégico para a ditadura e outros lugares que foram usados de forma diferente da sua finalidade inicial. Como o Colégio Bom Jesus Sevigne, localizado no Centro Histórico de Porto Alegre, utilizado na Ditadura Militar, espaço que originalmente não foi pensado para esta finalidade.

Outra proposta foi um trajeto no âmbito do estágio de uma disciplina de educação patrimonial para estudantes da Escola Anne Frank, localizada no bairro Bom Fim de Porto Alegre, que foi pensado para caminhar nos pontos próximos à escola, com a narrativa de patrimônio, memória da ditadura, tanto de forma oral, como a partir dos monumentos presentes nos arredores. Com o intuito de dar maior visibilidade ao projeto desenvolvido, foi criada uma rede social através da plataforma do Instagram, com o nome Caminhos da Ditadura em Porto Alegre, debatendo mitos da ditadura, memórias de mulheres, personalidades negras que lutaram contra a Ditadura, buscando tirar da invisibilidade questões de gênero e raça no período da Ditadura Militar. A ideia se relaciona a uma pesquisa do Jornal Folha de São Paulo denominada “Não Esquecer é Resistir”, onde através de entrevistas foi questionado a um grupo de pessoas sobre acontecimentos da Ditadura Militar, constatando que a grande maioria desconhece eventos como a Guerrilha do Araguaia, o Milagre Brasileiro. Além disto, o Projeto Caminhos da Ditadura está inserido também no grupo Memórias e Trajetos de Porto Alegre, ela ressalta que o projeto do convidado Frederico

também faz parte deste grupo, como também o Histórias da Ponta Grossa, o Museu das Ilhas de Porto Alegre, Pedal pela Memória e os Territórios Negros. Vários projetos que se uniram para fortalecerem-se.

Finaliza a sua contribuição na mesa compartilhando que o seu tema proposto na dissertação do mestrado desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta uma narrativa diferente pois envolve a pesquisa-ação, criou um grupo de trabalho visando a construção coletiva de um trajeto de memória sobre a ditadura. Este grupo multidisciplinar foi selecionado cuidadosamente, elaborou um trajeto de memória que já havia sido aplicado quatro vezes. O Projeto Marcas da Memória é composto atualmente por oito pontos distribuídos na cidade de Porto Alegre, demarcados por placas. O trajeto procura debater temas como direitos humanos, patrimônio, memória, mas também direito à cidade pois valoriza pessoas que têm ocupado a cidade em diferentes períodos e são invisibilizadas.

Encerrada a fase de exposições individuais, as pessoas participantes ampliaram os debates sobre suas pesquisas. O convidado Frederico Bartz contextualizou que o Caminhos dos Operários surgiu em 2015, e que também pretende debater o Direito à Cidade, a Ocupação Urbana e o Direito ao espaço Público, onde as questões relativas à Classe Trabalhadora não estavam presentes. Reforça que, como sindicalista, tem a preocupação da preservação desta memória. Em sequência, o convidado Pedro Vargas complementa que foi um fator determinante para a implantação do Museu de percurso sua formação em história, que possibilitou a identificação da invisibilização da etnia negra na construção da cidade de Porto Alegre. Como última contribuição a convidada Anita Natividade afirma a proposta de apresentar a História da Ditadura em Porto Alegre parte do questionamento: Qual é a história contada deste período ditatorial? Todas as falas se aproximam ao pensarem outras narrativas para a cidade, de forma colaborativa, e consideram a Educação, as redes de ensino, como um propício para diálogos e reflexões críticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema proposto para debate na mesa pretendeu colaborar com a construção de outras abordagens sobre a história de Porto Alegre. As três caminhadas o Caminho dos Operários, o Museu do Percurso do Negro e o Caminho da Ditadura. Apresentam narrativas e vozes de grupos que foram silenciados ao longo do tempo. Todas as propostas também apresentam outra perspectiva sobre ensino-aprendizado, mais dialógica e inclusiva.

O resgate das experiências pessoais e coletivas é a única forma de evitar a tentação das modas pedagógicas de contar a história do Brasil. Ao mesmo tempo, é preciso combater a mera reprodução de práticas de ensino, sem espírito ou esforço de mudança. É preciso estar aberto ao diálogo, sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas aplicadas (NÓVOA, 2001).

Destaca-se ainda, a partir das falas, a necessidade de uma revisão no processo de reconhecimento e seleção patrimonial, daquilo que deve ser preservado, propondo reflexões sobre história, memória, censura e o apagamento de uma parcela significativa e heterogênea da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARTZ, Frederico Duarte. **O horizonte vermelho: o impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do sul, 1917-1920.** Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre. 2008.

BARTZ, Frederico Duarte. Os caminhos operários e a memória da classe trabalhadora em Porto Alegre. **Revista História e Luta de Classes.** Marechal Cândido Rondon, v.28, 2019.

CARNEIRO, Anita Natividade. Página digital, Rede Social Instagram. Caminhos da Ditadura em POA.

CARNEIRO, Anita Natividade. **Caminhos da Ditadura em Porto Alegre: ensino de história através da tecnologia digital.** Trabalho de conclusão de graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre. 2018.

MELLO WALDMAN, Gilda. **Memórias (in)cógnitas.** Contienidas en la historia. Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias Em Ciencias y Humanidades. México. 2007.

NÓVOA, António et al. Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com Antonio Nóvoa. **Educação & realidade**, v. 36, n. 2. Porto Alegre.

PROJETO MARCAS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA ORAL DA ANISTIA NO BRASIL. Universidade Federal do Pernambuco, UFPE. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Página <<https://www.ufrgs.br/nph/acervo/fundo-marcas-da-memoria/>>

PROJETO MEMÓRIAS DA PONTA GROSSA, PORTO ALEGRE. Rede Social Facebook. < <http://www.historiasdapontagrossa.poa.br/>>

PROJETO MUSEU DAS ILHAS DE PORTO ALEGRE. Rede Social Instagram. < https://www.instagram.com/museu_das_ilhas/>

PROJETO PEDAL DA MEMÓRIA, PORTO ALEGRE. Laboratório de Estudos sobre os usos políticos do passado, LUPPA/ UFRGS. Página < <https://www.ufrgs.br/pedalpelamemoria/>>

PROJETO TERRITÓRIOS NEGROS, PORTO ALEGRE. **Laboratório de Ensino de História e Educação**, LHISTE, UFRGS. Página
<<https://www.ufrgs.br/lhiste/extensao/territorios-negros/>>

MESA 7

A BÊNÇÃO DOS MAIS VELHOS: ANCESTRALIDADE E ENVELHECIMENTOS NOS TERREIROS

Ingrid Adrielle de Souza Freitas Santana*, Veridiana Machado Rosa Oliveira **

*ingridsantana_25@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil

**veridianamachadorosaoliveira@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil

1. INTRODUÇÃO

O objetivo primordial das Universidades Públicas brasileiras consiste em levar a tríade Ensino, Pesquisa e Extensão à sua potencialidade máxima. Evocando tanto os conhecimentos tidos enquanto acadêmicos com os “não-acadêmicos”. A isto, o **Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas**, vinculado ao GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos), se dedica e se empenha. O projeto Margens, a partir de seus projetos de extensão, articula diferentes grupos que, ao mesmo tempo, são distintos, porém são parte de uma mesma constelação: os grupos em processos de exclusão.

O **Projeto de extensão Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas**, antes de 2020, tinha as rodas de conversa em locais como praças, Mercado Público de Pelotas e Terreiros como a abordagem metodológica mais frequente para realização do evento Cidades em Transe. do. Também, por este mesmo motivo, havia um maior enfoque na cidade de Pelotas. A partir da pandemia do Covid-19, tanto o formatado evento foi modificado como também seus alcances e abordagens metodológicas. 2020 também foi o ano que a autora 1 deste texto adentra o projeto e, por ser residente da cidade de Rio Grande, as lideranças que iniciamos nossas parcerias ultrapassam, pouco a pouco, as fronteiras de Pelotas. Em 2021, com a entrada de nossa colega no projeto, que é de Jaguarão, as fronteiras “municipais” tornam-se mais frágeis, e os alcances do evento chegaram a nível internacional, já que pudemos disponibilizar nosso trabalho nas plataformas digitais.

Desde o final do ano de 2021, nos encerramentos das atividades do Projeto de Pesquisa **Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas**, havíamos decidido que o tema para o evento anual **Cidades em Transe** em 2022 contemplaria envelhecimentos em suas distintas formas. A mesa vinculada ao **Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas** foi uma das primeiras a ser concebidas. Muito porque entendemos a importância da Ancestralidade nos Terreiros e a constante fala de nossas/os/es interlocutoras/es/ies em edições anteriores que, antes de iniciarem suas respectivas falas, diziam “a bênção dos mais velhos”.

Em 2022, iniciamos a organização, de fato, do evento, propondo mesas, atividades, horários, formatos, etc. Mas, mais importante que a mesa em si, pedimos licença para comentar sobre os processos de construção, desconstrução, transformação, união que vivenciamos ao preparar esta mesa. Como mencionado, a autora 1 (Ingrid) reside em Rio Grande e, mesmo com a flexibilização do ir e vir impostos pela pandemia, não se sentia plenamente à vontade para a realização das conversas que não fossem não virtuais. Já a autora 2 (Veridiana), se propôs a ir e realizar três das entrevistas contempladas na mesa de forma presencial.

Assim sendo, na 6^o edição deste evento, intitulado **Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos**, ocorrido de 1^o de julho a 3 de julho de 2022, a mesa de número 7 **A bênção dos mais velhos: Ancestralidade e envelhecimentos nos Terreiros** foi proposta e executada.

O nosso objetivo era evidenciar como, para as Religiões/Culturas de Matrizes Africanas, os processos de envelhecer não apenas fazem “parte do ciclo da vida”, mas são observados com grande acolhimento e reverência. A Ancestralidade, tema constante no diálogo com povos de Religiões/Culturas de Matrizes Africanas, necessitava estar contemplado, pois o culto desta Ancestralidade demonstra toda uma ontologia própria e característica destes grupos (SANTANA, 2019). Mas, mais que isto, pudemos contemplar as diversidades, o ensino, a pesquisa, o exercício de alteridade e identidade por nós mesmas no grupo e nas nossas relações diversas com os nossos distintos Sagrados.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, a autora 1 (Ingrid), estaria à frente da mesa e foi ela quem moderou a mesa. Mas, como mencionado acima, a autora 2 (Veridiana) se uniu neste projeto e na execução desta mesa. Tornou-se, portanto, uma mesa de formato misto, com entrevistas gravadas de maneira online pela autora 1 e entrevistas presenciais pela autora 2. Contamos também com o auxílio de Rudy do Xapanã, que é liderança religiosa parceira de nosso projeto e que nos auxiliou na edição dos materiais que levantamos e conseguiu os unir em formato de vídeo para apresentação na plataforma do **Youtube**, onde nosso evento foi transmitido.

Nesta mesa, a Mãe Marli do Bará foi entrevistada via a plataforma **zoom** e Pai Carlos Alberto do Xangô, Luís Borba do Omolu e a Cacique Istelamar (e suas filhas de corrente) foram entrevistadas/os presencialmente com o auxílio de nossa orientadora, a profa. Dra. Louise Alfonso e de Gerson Rosa.

Utilizamos de um “roteiro” de perguntas para que houvesse certo “padrão” daquilo que devíamos questionar. Entretanto, a fala livre, as informações, visões mostraram diversidade já característica das Religiões/Culturas de Matrizes Africanas.

Após obtermos os vídeos, foi o momento de edição, auxiliado pela profa.Dra. Louise e teve sua edição mais minuciosa por Rudy Ribeiro do Xapanã.

Para além da metodologia da mesa, em si, devemos aqui destacar a metodologia dos projetos que fazemos parte: as trocas constantes, os exercícios de escuta, de aprendizado e trocas.

Dizemos isso, tendo em vista que nosso grupo Margens é, em sua essência, seu nome. Explicamos: a maior parte de nós, dos projetos, somos da comunidade LGBTQIAP+, de Terreiros, negras/os/es, ou simplesmente corpos que não se ajustam tão bem, em nossos universos de pesquisa, à hegemonia de uma ciência moderno-ocidental capitalista. Além disso, somos de diversas formações, com distintas vivências. Arquitetas/os/es, geógrafas/os/ues, arqueólogas/os/ues, antropólogas/os/ues, etc. E o que poderia parecer, a princípio, uma grande massa com linguagens distintas, aprendemos a escutar o que a/o/ie outra/o/e tem a dizer e compreender estas linguagens. O Ensino, a Pesquisa e a Extensão parte de dentro do projeto.

Estamos reforçando o caráter educativo aqui, pois, justamente nesta mesa, percebemos o processo. Aqui temos duas autoras mulheres, uma negra de pele clara e uma negra de pele escura, ambas do projeto de pós-graduação em Antropologia da UFPel, ambas trabalhando com o tema “religião”. Porém, as “religiões” não poderiam ser mais apartadas, teoricamente. A primeira autora é de Matrizes Africanas, de Batuque, de Nação Oyó-Jeje. Para a mesma, cada um dos eventos e organizações dos mesmos é, também, um ato de identidade, um apelo demarcatório para que os povos de Terreiro sejam ouvidos. Já a segunda autora adentrou o programa de pós-graduação com um projeto de pesquisa um tema vinculado à religião, a proposta se dá em torno de racializar o Pentecostalismo, tendo pouco contato com as Culturas/Religiões de Matrizes Africanas. As lembranças que a autora 2 têm remontam de sua infância, e já com histórico de caminhar entre Pentecostalismo e as Culturas/Religiões de Matrizes Africanas. Em sua adolescência, também a segunda 2, após sua mãe firma-se no pentecostalismo, o contato que a mesma passou a ter com as Religiões de Matrizes Africanas foi “através das paredes”, ouvindo, em madrugadas os Pontos, as Entidades e movimentos dos Terreiros próximos a sua residência.

Vale a pena ressaltar que, apesar do estranhamento, não apenas em um exercício de alteridade antropológica, mas também de nós duas enquanto duas mulheres com trajetórias, ao mesmo tempo, similares, mas também muito diferentes, impediu nossas constantes trocas. Seja a respeito de sentimentos, sensações, experiências pessoais, “dicas”, etc. Bem como, jamais anulou o respeito supremo que tivemos um pela outra. Parece supérfluo, mas em um mundo que até pouco tempo, não havia espaços seguros para a fala e a escuta sem julgamentos, isto foi também um exercício para ambas. As identidades e alteridades, tais quais os limites municipais que outrora permaneciam na cidade de Pelotas nos primórdios dos Cidades em Transe, se dissolveram.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A temática do vídeo se inicia nas falas, saudando os mais velhos e dando Axé para quem é de Axé e finalizando com a súplica de que Oxalá, Pai da Misericórdia, nos abençoasse sempre. A mesa teve duração de 2 horas, 9 minutos e 55 segundos e foi transmitida na quinta-feira (dia 2 de julho de 2022) às 19:30, onde foram apresentadas as diversidades entre cultos, significados de Ancestralidade e os processos do envelhecer nos Terreiros.

No total, tivemos 88 visualizações no **YouTube**, não houve (relativamente) tantas participações, mas mais elogios e agradecimentos da comunidade. Esta foi, de fato, uma mesa mais “lenta”. E foi proposital. Para nós era importante essa *cadência*, pois a mesma me remete o que significa Oxalá e também as/os Pretas/os Velhas/os. Desta vez, por exemplo, ao invés de trilhas sonoras “impactantes” e imagens que remetessem ao período escravista e o constante sofrimento do povo negro, preferimos expor a imagem de uma senhora, com o mar ao fundo e o som de água (típica do “Povo Velho” ou “Povo de Praia”, compostos no Batuque Gaúcho pelos Orixás Oxum, Iemanjá e Oxalá).

Houve falas, como a da Cacique Istelamar, que se focaram diretamente em um bom envelhecer nos Terreiros, ofertando exercícios de fisioterapia para a terceira idade em seu Terreiro. Houve também a abordagem das memórias pelo Pai Carlos Alberto, que remontam a um passado mais amplo que sua própria *existência*, mas fazem parte das constelações diretas de sua *vida*. Luis, por sua vez, além das memórias, traz o desgosto das inúmeras ingratidões (falas que costumam ser constantes pelos povos de Terreiros). Já Mãe Marli nos traz um outro significado para a palavra “ancestral”, não a reivindicando necessariamente a um antepassado do Terreiro ou a uma descendência direta, mas um sentido diferenciado para o termo.

O processo educativo que nós, autoras acadêmicas tivemos, fosse a respeito do olhar a/o/e outra/o/e, fosse entender que esta ancestralidade e esses envelhecimentos dos Terreiros fazem parte de nós, seja para a autora 1, que *é* de Terreiro, seja para a segunda autora que não é, mas que (re)encontra laços mais fortes que denominações é o resultado mais significativo do processo de construção desta mesa. Para a autora 1, que é de Terreiro e pesquisa, vivencia e divulga sobre o tema, e reivindica seu status de Outsider within (COLLINS, 2016), o estranhamento de uma outra pessoa, cristã, ir, escutar, fazer campo e compartilhar seus resultados, foi um resultado que, de fato, apenas a tríade Ensino, Pesquisa e Extensão pode proporcionar, quando feita com respeito e, sim, com afeto. Abaixo, deixaremos a experiência de campo da autora 2, Veridiana Machado. Pois, percebemos que, muitas vezes, o ensino pode partir da/o/e outra/o/e, mas a “extensão” e “pesquisa”, também pode ser a respeito de nós mesmas/os/es.

A seguir, o relato da autora 2 deste texto sobre sua experiência:

Estar em campo me deixou nostálgica. Até porque o Terreiro do idoso procurado para a entrevista (Pai Carlos Alberto) também ultrapassavam minhas paredes. No caminho, lembrei de quando passava em sua esquina e avistava despacho, do laço familiar mantido mesmo em Religiões opostas (muitas vezes passava com minha mãe e ela parava para conversar pela cerca). É um outro lugar onde ele mora, mas me sentia voltando, retornando, curiosa, pensativa, preocupada se seria lembrada e o convite para a entrevista, aceito.

O senhor Carlos Alberto, aceitou e foi através da filha dele que descobri outros dois Terreiros próximos a sua casa. Estes, também, conseguimos trazer para a mesa do evento. Foram feitas duas visitas, uma de primeiro contato e outra para a conversa, em nenhum dos três lugares houve resistência ao convite. Nos dias das conversas (feitas em dias diferentes),

em dois dos lugares, estive com coordenadora (profa Louise Alfonso). No terceiro eu e um integrante do projeto, em todas o celular foi usado para a gravação, durante o ouvir, o celular foi utilizado também como ferramenta e valorização etnográfica.

Guardo em meu diário de campo estes três encontros, e, enquanto escrevia, preservando memória, conseguia lembrar dos sentimentos. Em alguns momentos, me senti ansiosa. Em outros, com medo, mas, em nenhum instante, fechada ao que esta experiência poderia trazer e somar em meu trabalho acadêmico.

Eu tive em muitos instantes a sensação de estar única e exclusivamente em meu lugar de pesquisadora e estudante e isso de certa forma me orgulhava, afinal é importante conhecer e entender a “religião de origem” (CONTINS, 2004) de meus interlocutores pentecostais. Neste sentido, eu estava indo bem, eu conseguia perceber não só o trabalho qualitativo, mas também a separação da vida pessoal.

Conforme o tempo com participantes passava, tudo ficava mais compreensível, em certa altura, sem muita demora (como no início das conversas), eu já sabia, quando o nome citado era de uma Entidade ou de uma pessoa.

Felizmente, minha sensibilidade apareceu, tive algumas reflexões pessoais, uma delas sobre ancestralidade: me vi refletindo, em vários momentos, enquanto seu Carlos Alberto falava. O quanto ele lembrava os meus, o quanto a cor da pele, a casa humilde, o olhar buscando memória, fazia parte de mim também.

E, isto, no pessoal, ultrapassou a esfera “religiosa”. Tive uma sensação de pertencimento e, por isso toda a história de sua vida religiosa, chegou aos meus ouvidos de forma diferente. Nas/os outras/os interlocutoras/es visitadas/os, eles, surpreendentemente, tiveram atitudes iguais: me apresentaram seu Congá... Eu nem lembrava como era e nem sabia o que esperar antes da cortina ser aberta. Artefatos, simbologia e tudo que faz parte da fé e das Culturas/Religiões de Matrizes Africanas, trouxeram recordações da minha avó, minha mãe e (não sei o porquê) daquelas/es bem antes delas. Desfiz preconceitos e estereótipos, me refiz como estudante e mais uma vez aprendi, com o outro, com os mais velhos, com os negros, com os meus. (Veridiana Oliveira. Bisneta da Isabel. Neta da Alda. Filha da Lucia)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, este é um resultado que, para além da nossa mesa, nossos números, comentários e qualquer perspectiva quantitativa, é mais conciso em si mesmo. Por vezes, números não conseguem transcrever o impacto que realizamos em nossos projetos. É indicativo, mas não se “fecha” em si mesmo. O orgulho, para nós, pertencentes às comunidades negras (de Terreiros ou não) de acessar as/os/es as/os/ies nossas/os/es, que, infelizmente, foram destinadas/os/es a invisibilidade, a negação, ao não-nome é um caminho sem volta. Nosso tema foi a árvore nesse evento. E, com orgulho, apresentamos que mesmo nossas sementes estando em locais diversos, circunstâncias diversas, com processos distintos, nossa árvore ancestral permanece. Ela é firme. Muitas vezes, precisamos de caminhos para encontrar as nossas raízes e encontrarmos nossas árvores. E, talvez, este seja o mais belo resultado de uma boa pesquisa de extensão.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, nº 1. Janeiro/abril 2016.

CONTINS, Márcia. Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos. **Logos**, ano 11, n. 21, p 151-174. Rio de Janeiro, 2004

Mesa 7 A Bênção dos Mais Velhos: Ancestralidades e Envelhecimentos nos Terreiros. Disponível em: <https://youtu.be/g0Ob-fVNVQU>

SANTANA, Ingrid A.S.F. **Codínome Macumba: a vida na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá e Suas Estruturas Sagradas.** Dissertação de Mestrado, UFPel, 2019.

MESA 8

COISAS E LUGARES ENVELHECEM?

Diego Lemos Ribeiro* , Franciele Fraga Pereira**, Helene Gomes Sacco***, Milena Behling Oliveira****

*dlrmuseologo@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

**franfragap@gmail.com

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia, Sul-riograndense, Campus Avançado
Jaguarão, Brasil

***sacco.h@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

****milena.brs@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Os objetos ou “coisas” fazem parte da vida social dos indivíduos, eles estão repletos de sentidos e valores simbólicos, além disto, os mesmos podem nos ajudar a relembrar de um acontecimento ou lugar. Sendo assim, são parte de uma paisagem, fazem parte do rizoma da vida social. Esses objetos muitas vezes se abrigam em casas, essas que também podemos tratar como coisas, à luz dos pensamentos de Ingold (2012). As casas possuem também valor sentimental ligadas a seus moradores e muitas vezes as histórias de suas vidas humanas e não humanas se entrelaçam. Tudo isso nos ajuda a lembrar de quem somos e a contar as nossas histórias. Esses objetos também têm o poder de despertar memórias adormecidas, vejamos o tamanho da potência dessas “coisas” que fortalecem os vínculos com os lugares e guardam nas suas sutilezas as emoções e nossos afetos.

Na sua sexta edição do evento Cidades em Transe, o grupo de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas” propõe o debate acerca do tema “Ancestralidades, Envelhecimentos e Espaços Urbanos” (PROJETO DE PESQUISA “MARGENS: GRUPOS EM PROCESSOS DE EXCLUSÃO E SUAS FORMAS DE HABITAR PELOTAS”, 2022). Esse resumo relata brevemente a oitava mesa do evento que teve como objetivo: explorar os diversos olhares e narrativas para as coisas, lugares e seus processos de envelhecimento.

2. METODOLOGIA

A metodologia consistiu na fala de abertura oficial do evento, apresentando a atividade e os seus convidados. Após isso, cada convidado fez sua explanação por cerca de

20 minutos, e ao final, foi disponibilizado um momento para debate entre os participantes. A atividade foi realizada de maneira remota, utilizando-se do Google Meet para gravação e posteriormente foi divulgada no canal do YouTube do Grupo Margens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira fala foi feita por Franciele, em sua fala, a pesquisadora compartilhou sua experiência de pesquisa ao estudar as *Villas* e Casas de Catálogo em Pelotas-RS, tema que compôs seu trabalho de dissertação em mestrado. As referidas edificações são residências produzidas principalmente no início do século XX, e possuem uma série de particularidades próprias à época em que foram concebidas (PEREIRA, 2021). Entretanto, a pesquisa não se limitou apenas ao estudo da materialidade desses objetos. Buscando entender como se dá a relação entre essas edificações e suas/seus habitantes, a pesquisa realizou contatos com algumas de suas/seus moradoras/es.

O diálogo com as/os entrevistadas/os surpreendeu a pesquisadora pela densidade dos dados coletados e a afetividade demonstrada nas falas. “Era praticamente impossível falar da casa sem falar das suas vidas em família ali”, comentou. As interlocutoras/es comentam desde histórias engraçadas, costumes e tradições familiares, até histórias tristes e de pesar. Sobre esse tema, uma das falas aponta:

A minha filha quando morreu do acidente de automóvel foi em setembro, ai **eu tava sentada nessa salinha** com as gurias que moravam ali, da família T., e eu disse “eu tenho que fazer o natal aqui em casa, netos e tudo isso, mas tá me doendo tanto não sei como que eu vou fazer, **se eu pudesse tá escondida** [...].

Por se tratarem de edificações construídas há quase cem anos atrás, essas residências já começam a dar sinais de sua idade avançada. Recorrentemente as/os interlocutoras/es relatam a necessidade de lidar com esses acontecimentos, acerca disso o interlocutor O.P. relata: “A gente tem que escolher o que a gente quer que o cupim ataque primeiro, e vai lidando com isso”.

Nesse sentido, essa “coisa” que é a casa, demonstra também as suas interações com as/os habitantes (INGOLD, 2012). Ela se abre ou se fecha, conforme o clima ou as estações do ano; ela se modifica, aumentando seu tamanho para receber um novo familiar ou troca suas funções quando alguém querido se vai; mesmo que de maneira não verbal ela interage constantemente com seus moradores.

Ao estudar as relações intrínsecas entre materialidade e imaterialidade é possível entender os fortes significados simbólicos que esses bens têm com suas/seus habitantes. Então, a partir desse ponto é possível entender cada uma dessas residências como uma grande teia de emaranhados e conexões (INGOLD, 2012). Pois, segundo Meneses (2018), assim como o habitar faz a residência, a residência faz o habitar.

A segunda fala, na mesma direção que a primeira, tem como premissa que as coisas

possuem alma, ânimo e vitalidade (GONÇALVES, 2003). Desse modo, as materialidades não se limitam ao papel de coadjuvantes da vida social; ao contrário, criam nexos e atuam de forma determinante na dramaturgia da vida. Assim, por agirem em nós, estas reminiscências resultam por nos mobilizar, nos provocar, nos afetar; do mesmo modo, despertam em nós boas ideias (DOHMAN, 2013) e, não seria exagero dizer, que nos fazem viver melhor.

O modo como distribuímos os objetos em casa, nossos guardados, nossas caixinhas secretas de banalidades, todos esses traduzem uma certa criação do museu-do-eu. A forma como guardamos, cuidamos, organizamos, classificamos e comunicamos por intermédio das coisas, mesmo que de forma inconsciente, falam sobre nós (e conosco). Mesmo que a racionalidade moderna insista em criar grandes divisores entre as pessoas e as coisas (LATOURETTE, 1993), nunca deixamos de nos comunicar com estas de forma íntima e muitas vezes indizível.

Desta perspectiva, as materialidades que nos cercam nos formam, nos compõem como sujeitos sociais. Tal como afirma Meneses (1998), os objetos da cultura material configuram-se como a extensão de nós. Não à toa costumamos sentir tamanho desconforto ao jogar as coisas fora, seja quando nos mudamos de residência ou quando somos acometidos por tragédias que nos fazem operar seleções sobre as coisas que guardamos e descartamos. Em outros termos, a trajetória de vida das coisas se mescla com a nossa própria. O desconforto a que nos referimos pode ser compreendido como uma reação à agência das materialidades, visto que nossas coleções, privadas ou institucionais, “[...]criam conexões que são delas próprias. E, por vezes, são elas – através de sua agência – que determinam as ações humanas, e não o contrário” (SOARES, 2014, p. 23).

Para colocar esse pensamento em situação, convém mencionar dois casos específicos: a conversa com um velho pescador artesanal, em Pelotas-RS, e o caso de uma Igreja em risco, situada em Morro Redondo-RS. O primeiro evento ocorreu em outubro de 2017, na ocasião da Semana Integrada dos Cursos de Museologia e Conservação e Restauração da Universidade Federal de Pelotas. Trata-se de uma experiência vivenciada por um dos autores, na qual discentes dos Cursos foram levados à Colônia de Pescadores Z-3, para conversar com o Sr. Élio, um antigo pescador da região. Ao chegar lá, torna-se evidente que Sr. Élio, ao falar sobre a sua vida, o faz manuseando a rede de pesca, incessantemente. Ao perguntá-lo sobre o sentido daquela rede, ele responde imediatamente: “meu filho, esta rede é mais antiga do que eu. Não fui eu quem fez a rede, foi ela quem me fez”. A partir de então, tornam-se claras as ideias de extensão de si e de que há uma tessitura que une na mesma trama sujeito e objeto.

O segundo caso é igualmente provocativo para se pensar a alma das coisas e sua vitalidade (ou o eminente risco de morte simbólica). Trata-se do caso da Paróquia Nosso Senhor do Bonfim, localizada na cidade de Morro Redondo/RS. Em setembro de 2021, um dos autores foi contatado por um senhor que reside ao lado da Igreja desde a sua infância. Ao chegar na paróquia, observamos que as imagens religiosas, altar, piso, pintura e estrutura do edifício estavam aparentemente muito bem conservados e íntegros. Contudo, este senhor nos colocou uma questão que nos pareceu pujante: a memória da Igreja estava esmaecendo com o tempo. Ele nos conta com tom de preocupação que não há muitos documentos sobre a paróquia, senão a memória dos idosos – que, por sua vez, estes insistem em envelhecer e

morrer. Revela também, com igual tom de inquietude, que muitos jovens estão emigrando ou perdendo o interesse no local, o que gera o receio de um lapso no vínculo memorial entre as gerações, que por sua vez poderia acentuar a amnésia social sobre os referenciais da memória do local – e mais especificamente da paróquia.

Em ambos os casos, por diferentes perspectivas, parece-nos inequívoco que as coisas, de redes a igrejas, são determinantes em nossas vidas. Essas materialidades agem sobre nós, determinam atitudes, nos afetam, nos emocionam e nos mobilizam. Mais do que meras representações, os objetos que possuímos, ou aqueles que residem em ambientes institucionais, nos formatam no mesmo grau em que são formatados por nós (MILLER, 2013). Retomando a pergunta que acima esta comunicação – as coisas envelhecem? – diríamos que, tal como nós, as coisas envelhecem, se machucam, se quebram e correm risco. Portanto, a pergunta que desta se desprende, seria: como fazer para que as coisas envelheçam bem e de forma saudável?

A terceira participação na mesa partiu da perspectiva da Arte na criação de obras a partir do inventário e apropriação de objetos. Intitulada *Lugar Inventado: entre o modo de vida e a vida das coisas, teve o foco na apresentação do processo de criação e a reflexão de um conjunto de trabalhos que partem da percepção dos objetos como dotados e vida. Mais que isso, na criação dos trabalhos procura-se uma inversão do ponto de vista, procurando imaginar como os objetos nos pensam. O tempo nos objetos é visto nesta pesquisa como falas, narrativas visuais da vida impressa nas coisas.*

Alguns fatores são determinantes no momento de criação dos trabalhos. Um deles é jamais criar nada do zero, sempre partir do que já existe. Dentro desta metodologia de criação, os objetocoisas participam ativamente apontando pistas na criação do que virão a ser. A noção de objetocoisa foi cunhado pela pesquisadora Helene Gomes Sacco, criando um diálogo entre a ideia de Coisa apontada por Tim Ingold (2012), como coisas que vazam em emaranhados vitais, como teias que as ligam a tudo, como conexões com o meio e as pessoas criando assim novas composições, configurações e formas de existência. Mas também interessa à artista e pesquisadora a noção de objeto: enquanto forma, desenho, design, tipologias, consumo e hábitos cotidianos... A junção dos conceitos foi uma forma de olhar para dentro e para fora dos objetos.

Outro viés da pesquisa é o interesse pelos lugares, suas durações e forças criadoras. Interessa à artista a força que funda os lugares e também aquela que os sustenta. O que faz um lugar durar? Certamente está relacionado aos vários gestos diários incididos no território, desde o simples varrer e abrir as janelas, mas também as construções de sentido que se dão na configuração entre as pessoas, suas coisas e seus lugares, a vida tecida nessa relação. Michel Serres (1994) no livro *Atlas*, se pergunta: o que é a vida? Em seguida responde: não sei onde ela habita. Mas ao inventar o lugar os seres vivos respondem a essa questão. Dessa forma, as obras desenvolvidas que variam de instalações artísticas, proposições inventariantes, e publicações artísticas, procuram se aproximar do que gera a pergunta de SERRES. Uma questão que parte de um desejo de entender através da arte o que nos liga aos objetos e aos lugares. Prolongamentos da memória, extensão de uma experiência que já foi pessoal e pode

ser múltipla, estratégia de tentar reter o que o tempo todo nos escapa, mas apostando sempre na força das coisas como deflagradoras de uma conversa interna, aquela que nos faz pensar no sentido da vida e da nossa relação com o que nos cerca.

Ecléa Bosi, em *O Tempo vivo da memória*, nos aponta a capacidade das coisas de despertarem memórias. Destaca o tempo como um componente que acresce as coisas de valor e aponta o conceito de Objetos Biográficos de Violette Morin. Aqueles objetos que envelhecem com seu possuidor (2018,p.26). Essas reflexões atravessam os trabalhos de forma mais ou menos objetiva, e buscam propor esse diálogo interno entre obra e sujeito participante, que repensa sua rotina, hábitos de consumo e até mesmo as estratégias de reter algo do extravio gerado pelos acontecimentos da vida. Dentre a produção apresentada sobre a relação de objetos e lugares, a artista destacou dois trabalhos. O primeiro trabalho, chamado Casa-movente (fig. 1), trata-se de uma casa sobre rodas, uma construção arquitetônica realizada a partir de uma lista de objetos lembrados pela artista de sua infância.

O segundo trabalho foi realizado a partir de objetos encontrados nos antiquários de Pelotas e que buscam da forma mais reduzida possível a construção de um lugar. A Sala Mínima (fig. 2 e 3), propõe uma conexão entre esse pequeno extrato de memórias e o prédio onde a obra foi apresentada, o Casarão nº6 da Praça Coronel Pedro Osório. Por fim, a pesquisa salienta a importância da memória como tática de sobrevivência frente à aceleração do ritmo de vida do mundo contemporâneo. Então, ao fechar repete-se a pergunta que gerou essa mesa: as coisas e os lugares envelhecem? Sim, e que bom! Pois de outra forma uma vida inteira não seria sequer percebida.

Figura 1: Casa-movente. Construção a partir de objetos cotidianos.



Fonte: Acervo da artista Helene Sacco, 2009.

Figura 2: Sala mínima. Intervenção com objetos de antiquários de Pelotas, no interior de uma parede.



Fonte: acervo da artista Helene Sacco, 2013.

Figura 3. Sala mínima. Intervenção com objetos de antiquários de Pelotas, no interior de uma parede expositiva.



Fonte: acervo da artista Helene Sacco, 2013.

A quarta e última participação foi da mediadora da mesa, onde a mesma trouxe exemplos de duas atividades realizadas na cidade de Morro Redondo. Mais especificamente em um museu. Assim também ressaltando como as falas anterior a potência dos objetos. Neste caso os objetos ajudam no afloramento de memórias e trazem junto com eles lugares, esses que ajudam a contar o vivido e seus afetos.

O Museu Histórico de Morro Redondo, aqui abordado, surgiu no ano de 2006 pela motivação da comunidade, mais especificamente pela vontade de memória de três idosos, Sr. Antonio Reinhard, Sr. Osmar Franchini e o Sr. Ervino Buttow. Os objetos que fazem parte do acervo do museu foram inicialmente adquiridos por uma campanha de doação realizada pelo rádio por um dos fundadores, Osmar Franchini. Assim, a maioria das coleções são formadas por objetos que ajudam a contar a história local, representando a vida e os costumes ligados ao rural.

No museu é desenvolvido um projeto de extensão por meio da Universidade Federal de Pelotas, que se localiza na cidade vizinha. Com diversas ações visando, em síntese, à interação do Museu com a comunidade local. Todas as exposições e ações educativas realizadas no Museu tem a participação da população, principalmente dos idosos, pois são protagonistas de diversas ações, como o Café com Memórias. Esta atividade utiliza objetos do acervo do Museu para a evocação de memórias individuais em confluência com as memórias coletivas do grupo; já que se manifestam por meio de relatos orais, de músicas, de brincadeiras e de outros.

A partir dos relatos identificados na atividade café com memórias foi possível perceber que esses objetos fazem parte de lugares, eles compõem os espaços da cidade. Desta forma, propomos uma nova atividade, chamada caminhada da percepção, nela os idosos caminham com grupos pela cidade, narrando sobre os lugares, como eles eram, que atividades eram desenvolvidas no local. Esses lugares muitas vezes já sofreram transformações do tempo, mas permanecem vivos por meio da memória.

Essas memórias dos lugares estão relacionadas às vivências e às práticas sociais do cotidiano. Os lugares de memória não possuem valor histórico, monumental ou de belas artes. Os valores são associados à vida, como estas referências os atingem no íntimo, afetivamente. São memórias de fatos que colaboraram para a concepção da história de vida de cada indivíduo, fatos ligados a quadros sociais (HALBWACHS, 1990) como família, igreja, lazer, trabalho.

Figura 4. Café com memórias.



Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo

Figura 5. Caminhada da Percepção.



Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo

Diante disto, percebemos a importância de termos museus que desenvolvam trabalhos em conjunto com suas comunidades, ajudando na preservação, divulgação, rememoração e na educação patrimonial. Desta maneira, colaborando para que essa rede de memórias que compõem a cidade e os sujeitos permaneçam pulsantes.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê editorial, 2003.

DOHMAN, Marcus. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], p. 25–44, 2012.

LATOOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **As falsas dicotomias do Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, 25 out. 2018. Manuscrito. Disponível em: <https://www.academia.org.br/videos/ciclo-de-conferencias/dicotomias-no-campo-do-patrimonio-cultural>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Memória e Cultura Material**: documentos pessoais no espaço público. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, n.21, 1998.

MESA 8 - COISAS E LUGARES ENVELHECEM? Direção: Projeto de pesquisa “Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”. [S. l.: s. n.], 2022. (2:01:03). **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hzgt-UoMR68>. Acesso em: 23 jun. 2022.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEREIRA, Franciele Fraga. **A arquitetura Feminina: O cotidiano e os ambientes residenciais nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas-RS**. 2021. 180 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1uCj3Mj-AUDoRsuU5eXFBd3ZFzn0J9syH/view>. Acesso em: 7 abr. 2022.

PROJETO DE PESQUISA “MARGENS: GRUPOS EM PROCESSOS DE EXCLUSÃO E SUAS FORMAS DE HABITAR PELOTAS”. **Cidades em Transe 2022**. Pelotas, 2022. Site do Evento. Disponível em: <https://cidadesemtranse22.wixsite.com/ancestralidade>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SOARES, Bruno César Brulon. As Coleções De Museus Criam Conexões: Percursos Da Musealização No Musée Du Quai Branly. In.: **Anais Da Vi Semana Nacional De Museus Na Unifal**, Mg 6: Xxii-Xxxvi, 2014.

MESA 9

PERSPECTIVAS SOBRE ENVELHECIMENTO DE PESSOAS LGBTQIA+ NO BRASIL

Lara Emmile Evangelista Valença*, Gabriela Pecantet Siqueira**

*laraufpel@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

**gabrielapecantet@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

1. INTRODUÇÃO

O evento “Cidades em Transe: Ancestralidades, envelhecimentos e espaços urbanos”, nasce como espaço para discussões e troca de experiências entre o público acadêmico e não acadêmico. É organizado anualmente pelo projeto de pesquisa “Margens: grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). No ano de 2022, foi realizada a sexta edição, que teve como proposta fazer um debate sobre ancestralidade, fundamentados em processos de construção identitária, assim também dos envelhecimentos e suas relacionalidades.

No dia 3 de junho do ano de 2022, foi realizada a Mesa 9, que teve como título “Perspectivas sobre envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ no Brasil”. Seu principal objetivo foi gerar reflexões sobre experiências de pessoas LGBTQIA+ em processos de envelhecimento. Durante o encontro, a velhice foi considerada enquanto um aspecto natural da vida de pessoas LGBTQIA+, mas que muitas vezes é um assunto invisibilizado ou esquecido. O que leva a dois tipos de questionamentos: Pessoas LGBTQIA+ envelhecem? E como é tratado o assunto velhice, diversidade sexual e de gênero no espaço urbano? São questionamentos importantes, pois é necessário uma maior visibilidade sobre esse assunto.

As pessoas convidadas a participarem da mesa foram: Ludgleydson Fernandes de Araújo, psicólogo e Doutor em Psicologia pela Universidad de Granada (Espanha); Raphael Cardoso Brito, psicólogo e mestrando em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Lorena Hellen de Oliveira, bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestra em Antropologia Social pela mesma instituição; e Sofi Sereno Gonçalves Repolês, bacharel em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social pela UFMG, atualmente doutorando em Saúde Coletiva na Escola Paulista de Medicina - UNIFESP.

2. METODOLOGIA

A mesa foi mediada por Felipe Aurélio Euzébio, mestrando no programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e transmitida no *YouTube*. Cada participante teve o tempo de 30 minutos de fala e no final abriram para dúvidas e debates. O encontro durou 2 horas e 32 minutos, e teve sua transmissão no dia 3 de junho de 2022, atualmente com 134 visualizações e 21 curtidas. Felipe iniciou a mesa com uma introdução sobre a proposta do evento Cidades em Transe no geral e o tema desta edição, explicando os assuntos que iriam ser abordados na live. Após isso, se apresentou como mediador e apresentou cada pessoa que foi convidada, abordando seus títulos acadêmicos e seus feitos. Depois das falas de cada participante, a live foi aberta para perguntas do público que estava acompanhando, gerando um pequeno debate.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro palestrante, Ludgleydson Araújo, iniciou sua fala destacando a importância da realização de uma mesa redonda no evento tratando da temática dos processo de envelhecimento de pessoas LGBTQIA+, que é extremamente invisibilizado, inclusive dentro da comunidade. Sublinhou a relevância do encontro, sobretudo, por acontecer no mês de junho, em que se discute, debate e sobre políticas públicas, conquistas de direitos e desafios da comunidade LGBTQIA+ em todo mundo. Em seguida, contou que iniciou estudos sobre velhice e LGBTQIA+ em 2015, mas na época já tinha uma trajetória de pesquisa no tema da velhice de 15 anos. O pesquisador trouxe importantes considerações sobre a escassa produção na literatura no Brasil sobre a velhice LGBTQIA+, ausência de dados nacionais oficiais sobre identidade de gênero e orientação sexual da população e compartilhou reflexões sobre a ciência ter uma característica tão heteronormativa a ponto das próprias pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ não se sentirem a vontade para estudar o tema. Foi a partir destas constatações que o convidado iniciou estudos com os alunos da graduação e da pós-graduação. Neste caminho, o primeiro desafio encontrado foi ter acesso a idosos LGBTQIA+, pois são tão invisibilizados a ponto de não sabermos onde estão, o que leva e se a reflexão sobre como as pessoas Gays, Lésbicas, Transexuais chegam à velhice. Relatou que além do estudo da velhice, o envelhecimento também é um conceito igualmente aprofundado, uma vez que poucas pessoas Trans e Travestis chegam à velhice – em virtude da violência e do preconceito fortemente presentes nas vidas de pessoas LGBTQIA+.

A velhice é muito homogeneizada pelo senso comum, mas também nos vários ramos do conhecimento científico. Uma das abordagens usadas para romper com esta visão, pelo pesquisador, é a interseccionalidade, a qual revela a múltiplas estruturas, institucionais, de opressões que operam nas desigualdades, marginalização, quando considerados marcadores sociais da diferença como a classe, raça/etnia, gênero e geração. Além disso, o palestrante destacou o fato de que falar de velhice e envelhecimento ainda é um tema tabu. As próprias pessoas idosas não conversam muito sobre, o que torna o tópico de velhice e sexualidade também proibido. A sexualidade é tratada como se desaparecesse na velhice, visto que acabou a época reprodutiva, perspectiva que faz parecer que a velhice é assexuada e coloca barreiras para se discutir sobre orientação sexual e cuidados de prevenção necessários, por exemplo. Neste sentido, instituições que deveriam desempenhar papel ativo nestas questões muitas vezes adotam posturas discriminatórias. São necessárias políticas públicas e espaços adequados para tais discussões, conforme Ludgleydson “Não podemos falar sobre anos de vida sem falar em vida aos anos”.

Raphael Cardoso pontuou que vivemos uma época em que a juventude é vista como um valor, deixando de ser uma categoria – dilema já muito explorado pela pesquisadora Guita Debert, e onde a velhice é lida como uma doença autoinfligida, onde tornar-se velha/o/e é dizer que de alguma maneira a pessoa não soube se cuidar, o que recai sobre quem é LGBTQIA+ de maneira muito mais severa. O pesquisador reforçou o aspecto levantado pelo professor Ludgleydson, de que não podemos pensar nos processos de envelhecimento sob prisma homogeneizadoras, pois as experiências são heterogêneas. Quem vive melhor a experiência da velhice? Alguns dizem que mulheres são mais vulneráveis pelo sexismo, outros vão dizer que o homem. Se por um lado ser LGBTQIA+ existe uma maior vulnerabilidade, a velhice pode se revelar uma experiência positiva diante da ausência do conflito presente na juventude em sair do armário, tornando-se uma fase mais propícia a lidar com dilemas. Por outro lado, os heterossexuais têm mais filhos e são cuidados por estes, ressalvadas exceções. Com estas perguntas o pesquisador buscou relativizar as vivências na velhice, bem como apontar a importância de políticas públicas que atendam as pessoas velhas, estimulem o envelhecimento ativo, e que tratem de questões específicas de cada letra dentro da comunidade LGBTQIA+.

Lorena Hellen de Oliveira contou que se aproximou da temática ao participar do Núcleo de Direito Humanos e Cidadania LGBT (NUH/UFGM), entre os anos de 2015 e 2016, em uma pesquisa sobre mapeando de vulnerabilidades de travestis e transexuais profissionais do sexo em Belo Horizonte. A partir desta pesquisa passou por situações que a fizeram perceber como o processo de envelhecimento tomava “roupagens” muito específicas naqueles contextos, diferentes das formas convencionais estabelecidas socialmente sobre o que é velhice. Então, no mestrado desenvolveu um estudo que deu origem a dissertação intitulada “Travesti envelhece, não vira purpurina”. Para o estudo considerou a concepção de geração e de compartilhamento de vivências, a construção da velhice a partir das dinâmicas de diferenciação, a idade cronológica (como categoria etária) e experiências particulares de travestis e transexuais, pois “a geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas que vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (DEBERT, 1998, p. 19). A pesquisadora compartilhou que as narrativas traziam a ideia de pertencimento geracional. Nick Lima, uma de suas interlocutoras, apresentou a travestilidade como uma categoria de luta, onde o envelhecimento somava ainda mais neste aspecto. Duas situações específicas conformaram muito essa experiência do envelhecimento, que foram os desafios colocados pela epidemia da HIV/AIDS, com perdas, lutos e estigmas envolvidos, e a ditadura militar, com uma severa violência policial.

Outra questão importante suscitada por Lorena foi a velhice enquanto uma categoria relacional. No seu campo de pesquisa notou que quem ocupava determinados corpos, em determinados espaços, e quem estava mais às margens, eram as mais velhas. Havia uma distinção de vivência e das corporalidades das novinhas e as travestis da velha guarda (ou travestis das antigas). As novinhas contavam com novas tecnologias de transformações corporais, mais atualizadas, menos invasivas, diferente das mais velhas, que utilizavam silicones industriais, o que demarcava gerações diferentes, que não necessariamente passa pelas mesmas questões com o avançar da idade. Os efeitos das tecnologias estéticas e de transformação corporal sobre as performatividades de gênero das travestis ao longo do tempo:

(...) denunciam o insucesso no corpo e na idade, enquanto as ninfetinhas são o reverso da moeda. São jovens, valor cultuado entre elas (...), que podem ter acesso a toda uma tecnologia estética que não estava disponível até muito recentemente, o que as torna ‘mais bonitas’ e melhor sucedidas em seu processo de transformação (PELÚCIO, 2009, p. 102).

Entre outras considerações a pesquisadora destacou que através das entrevistas realizadas e do trabalho etnográfico, foi possível concluir que as “histórias de vida” narradas pelas interlocutoras eram, principalmente, “histórias de sobrevivência”.

Já Sofi Sereno Gonçalves Repolês fez sua fala trazendo perspectivas sobre envelhecimento transmasculino, cuidado e saúde. Para ele o estudo sobre envelhecimento é visto como uma oportunidade de mergulhar nas trajetórias de vida de seus interlocutores e conhecer as narrativas em torno das transformações experienciadas nas diferentes fases da vida, na multiplicidade de velhices, nas formas de envelhecimento e nos eventos particulares que marcam essa passagem em cada contexto. As Ciências Sociais e Humanas em saúde, áreas pelas quais tem formação, aproximam-se da questão considerando sua articulação com contextos socioculturais específicos, correlacionados a elementos subjetivos experienciados e narrados. Assume-se a relevância de aspectos simbólicos e culturais – marcados por múltiplos eixos de diferenciação (BRAH, PHOENIX, 2004), como etnicidade, gênero, classe, dentre outras – que compõem e qualificam as múltiplas formas do envelhecer. Tais intersecções, que se materializam em corpos e experiências, trazem implicações para as trajetórias de vida, assim como particularidades para os processos de adoecimento e cuidados com o corpo e a saúde (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009).

4. CONCLUSÕES

A Mesa-redonda 9 foi de extrema importância, demonstrou cuidado com a temática abordada, contribuiu muito para as reflexões e debates propostos pelo evento. O diálogo despertou interesse do público ouvinte, gerando reflexões como: “Esses dias em aula um colega fez a pergunta, quantas Drags frequentam sua casa? Agora com a fala do Prof. lembrei dessa pergunta e pensei em quantas pessoas idosas LGBTQIA+ eu conheço”, “Os desafios são ainda maiores para as pessoas LGBTQIA+, uma vez que essas pessoas sofrem diariamente com o preconceito, exclusão, violação de seus direitos e dificuldade de acesso à saúde, à educação, ao mercado de trabalho”. O diálogo tecido na mesa foi um grande sucesso e recebeu diversos elogios do público ouvinte, ressaltando a importância da discussão dessa temática: “É um tema cada vez mais relevante na discussão de políticas públicas”, “Mesa extremamente potente e relevante”, “Parabenizo aos ministrantes pelas excelentes contribuições, mesa super pertinente”, “Que mesa importante! quatro falas que além de nos trazerem dados interessantíssimos, estão nos fazendo pensar caminhos para nossas ações no projeto”.

REFERÊNCIAS

BRAH, Avart; PHOENIX, *Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality*. **Journal of International Women's Studies**. Vol. 5: Iss. 3, Article 8. 2004.

DEBERT, Guita. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV. p.49-69. 1998.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Revista Latinoamericana**. Rio de Janeiro, p. 125-157, 2009.

RAÍZES DA CIDADE

RAÍZES DA CIDADE 1

RESIGNIFICANDO A HISTÓRIA E O LEGADO DO POVO NEGRO E DE TERREIRO ATRAVÉS DO ADESIVO DEMARCATÓRIO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E AFRODIASPÓRICA NO MERCADO CENTRAL DE PELOTAS⁸

Babalorixá Juliano de Oxum

O Mercado Público de Pelotas é um espaço que simboliza a troca e a comunicação, para as Religiões de Matriz Africana faz referência ao Bará do Mercado, senhor dos caminhos e das ligações entre Orum e Àiyé, o céu e a terra. No dia 1º de julho de 2021 foi instalado um adesivo no centro do Mercado Público pelotense, como instrumento demarcatório da tradição de matriz africana e afro diaspórica no município. Pelotas é ancestral e o adesivo foi uma maneira de ressignificar a história do povo de terreira e também de potencializar a Lei n.º 10 639/1996 – que instituiu a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira nas diretrizes e bases da educação nacional – mantendo viva e acesa a herança ancestral da princesa batuqueira do sul.

Esse legado da Pelotas ancestral surge com as primeiras charqueadas, que abarcaram milhares negros escravizados, que trouxeram em suas bagagens culturais, ancestrais, religiosas, musicais e culinárias. Essa em especial com grande influência na constituição de uma cidade considerada capital nacional do doce. Pelotas e Rio Grande são duas cidades no extremo sul do estado, principais responsáveis por dar sentido ao Batuque e a Umbanda. A região conta com mais de 3.000 terreiros atualmente, se não mais, e Pelotas é uma das cidades mais negras do estado. Hoje temos a Lei n.º 10.639/2003 para ser implementada nas escolas e no Dia do Patrimônio de Pelotas como formas de promover um não apagamento da história do povo de terreiro. Ao encontro destas iniciativas, nos últimos anos, o Conselho Municipal do Povo de Terreiro de Pelotas tem lutado por efetivar e potencializar políticas públicas que promovam esse reconhecimento.

Neste sentido, o assentamento do Bará, com a demarcação que a Gisa de Oxalá, da Comunidade Benficiente Tradicional de Terreiro (CBTT), foi fundamental, mas o objetivo era avançar ainda mais. Assim, o Conselho encaminhou um projeto de lei à Câmara Municipal de Pelotas no dia 6 de janeiro de 2021, para que o centro do Mercado Público fosse demarcado e para que tivesse um dia específico determinado ao Orixá Bará. No ano seguinte do encaminhamento, no dia 12 de junho de 2022, fomos recebidos em um espaço de poder, onde muitos da população negra, muitos das nossas raízes africanas, não podiam entrar por muitos anos, por conta do preconceito, pela diferença de cor, de raça, para sancionar a lei municipal n.º 7.025/2022, que cria o dia do Orixá Bará. Pelotas mais uma vez protagonizando e resgatando a sua memória e a sua história através da religião de Matriz Africana, sendo a primeira cidade do

⁸ Fala transcrita e adaptada por Gabriela Pecantet Siqueira, com base no Raízes da Cidade, realizado no evento, no dia 1º de junho de 2022, às 16h30min. A fala na íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VmZ__JKFsgk>.

estado do Rio Grande do Sul a ter um dia referenciado a um Orixá do Panteão Africano. Pelotas traz todo esse legado, início de muita conquista que vem por aí.

No dia 1º de julho de 2021, a pedido do Conselho Municipal do Povo de Terreiro, foi solicitado à Secretaria de Cultura de Pelotas o Adesivo Demarcatório da Tradição de Matriz Africana e Afrodiaspórica, no centro do Mercado Central. É importante ressaltar que o Mercado faz parte da rota turística da cidade e é tombado como patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN. Na região mais central do Mercado, há uma tampa que dá acesso a um túnel. Há relatos sobre a existência desse túnel, que conecta a Casa da Banha, em que muitos negros escravos usavam para se deslocar em segurança por baixo da cidade até o porto.

Assim, solicitamos ao IPHAN a liberação necessária e pedimos à Secretaria de Cultura que os arquitetos realizassem a avaliação para a colocação de um adesivo demarcatório. A arte desenvolvida para o adesivo remete às características culturais de Pelotas, fazendo uma referência a Porto Alegre, que tem uma demarcação no seu Mercado. Inspirado no ladrilho do Mercado Central de Pelotas, elaborei um primeiro esboço com sete chaves. Minha cunhada, Letícia Ortiz, aprimorou o design gráfico, destacando as tijoletas ao redor em tons de vermelho e verde. No entorno, incluímos símbolos que representam liberdade, religiosidade e africanidade. Depois, com apoio da Prefeitura, também foi elaborado um QR Code, pelo qual o público poderia acessar a história do adesivo.

A ação potencializa a Lei nº 10.639/2003, fortalece nossa cultura local, que inclui a tradição doceira e a herança do samba, mas também homenageia pai João Carlos de Oxalá, uma referência essencial para o Batuque no Rio Grande do Sul, e faz parte da história narrada ao se acessar o QR Code. O pai João Carlos foi fundamental para a Nação Cabinda em Pelotas, dando início a essa comunidade e promovendo seu fortalecimento. Embora a religião tenha raízes em diversas tradições, como Nagô e Jeje, é a influência Cabinda que se destaca em Pelotas.

Mas sentimos que ainda era preciso ir além, principalmente porque o adesivo não estava assegurado por lei ou decreto municipal. O Conselho, no dia 27 de outubro de 2021, se reuniu com a Prefeitura para solicitar a instalação no mesmo local de uma placa reconhecendo o papel do Conselho e inaugurada no dia 8 de dezembro de 2021. A data foi escolhida para ser celebrada em conjunto com outra ação voltada à Orixá Oxum, organizada no Mercado, pois Pelotas também é uma cidade cercada de água doce e água doce remete a Oxum. Então, a gente fala que Pelotas é a terra de Oxum.

É fundamental falarmos sobre nossa ancestralidade e a importância do povo de terreiro, que nos conecta ao que nos rodeia: o som dos tambores que reverenciam os Orixás, os caboclos e os pretos velhos. Precisamos sempre destacar essa herança, pois as tentativas de apagamento de nossa memória, história e ancestralidade são incessantes. Temos uma herança que ninguém poderá apagar: a oralidade. Este é um legado vital que nos foi transmitido, fundamental para a preservação dos saberes e rituais da tradição do povo de terreiro.

Hoje, graças a Ogum, senhor do ferro e das tecnologias, temos novas maneiras de preservar nossa cultura. No entanto, a luta contra o racismo e a discriminação continua. Antigamente, nossos ancestrais, os negros escravizados, não tinham acesso à escrita ou à tecnologia. Hoje, graças a esses avanços, podemos registrar nossas histórias e vozes por meio

de notebooks e celulares, garantindo que nossa mensagem seja ouvida, dentro de um determinado limite, porque a tradição tem ritos e momentos para o povo de terreiro, do Batuque, da religião, que são restritas, nem tudo a gente pode mostrar. Mas a maior parte a gente pode sim passar e ser um grande correio Nagô, passar para a universidade, para que a gente possa ser ouvido, por exemplo. Ainda mais porque ainda existe um grande racismo religioso que nos impede de avançar em publicações (teses e artigos), avançar no acesso aos espaços digitais, e até mesmo na televisão e rádio. Então, a gente vem avançando muito e toda a oportunidade que tivermos para falar, a gente fala. Falar é uma referência ancestral. A oralidade é uma herança ancestral que ninguém poderá nos tirar, e jamais nos silenciarão.

Enquanto houver figuras como Pai Juliano, Pai Paulo e Mãe Giza, e outros amigos e irmãos, que atuam como verdadeiros escudos do povo negro, nossa cultura continuará viva. Eles preservam e disseminam a riqueza da cultura mantendo a historicidade e a memória de nossos ancestrais. Através deles, Dandara, Zumbi e outros permanecem vivos, resistindo a todos os processos de desconstrução que enfrentamos. A luta pela valorização e preservação de nossa cultura é constante e, por meio da oralidade, garantimos que nossas histórias e ensinamentos nunca sejam esquecidos.

Assim, no mesmo dia 12 de junho de 2022, quando estive junto avançando com a lei 7.025, também aprovamos a lei 7.052/2022 que concedeu o nome de Umbandista Vanderlei Silveira ao trecho da Estrada do Engenho, entre as ruas Tiradentes e Paulo Guillain, na Balsa. Vanderlei Silveira, foi um dos criadores da festa de Iemanjá da Balsa, um dos bairros mais antigos do município de Pelotas. Antigamente a Balsa era formada por vários barracões e ali ainda tem resquícios da escravidão no município, por ali chegavam muitos negros escravizados e em muitos locais do bairro há correntes onde os negros eram colocados pra venda e troca.

Pelotas tem uma ancestralidade e uma cultura rica, tanto na cultura doceira, quanto musical e religiosa. Então quero parabenizar todo o grupo Margens, estudantes e professores, que não deixam ela morrer através de suas pesquisas e deste espaço em que falo no evento. Na religiosidade estamos sempre aprendendo, aprendendo com os Orixás. Ninguém sabe tudo. Cada dia tem uma novidade e um aprendizado. O Bará é o senhor dos caminhos e dos cruzeiros. Ogum é senhor do ferro e do aço. Ayrá que tem a leveza da borboleta, mas também é a força da mulher-búfalo. Xangô é o senhor do equilíbrio, o senhor da fala, o senhor do fogo, aquele que tem a sua gamela farta, a boa mesa. Odé, o senhor da caça, o caçador. Otím é a senhora que carrega o jarro d'água potável. Obá, senhora feminista dos orixás, mulher empoderada, senhora da navalha que corta o bem e o mal, mulher ferrenha. Ossanha, senhor das folhas, senhor que carrega em sua cabeça o poder do ensinamento. Xapanã, senhor da morte e da vida, aquele que traz a transformação, é o início e o fim. Oxum, senhora das águas doces, mãe, dona de pelotas, princesa batuqueira do sul, por carregar essa cultura doceira, por carregar essas águas doces, senhora da fertilidade. Sem o Oxum nada brota, nada tem a fertilidade. Iemanjá, mãe das mães, mãe dos Orixás, senhora advogada das cabeças e também é rainha de Oxalá. E Oxalá, pai de todos os Orixás, que têm o papel fundamental de trazer a paz, de trazer a beleza, de trazer o manto branco.

Cada um tem a sua força, a sua energia e todos nós temos um papel fundamental nessa ligação sagrada. E vocês, na universidade, têm um papel que é ser um grande Correio Nagô.

Contribuem para não deixar morrer essa religião milenar, que muitas vezes é silenciada, e através do processo, do trabalho, da diversidade, fomentar a religião e buscar valorizar aqueles que vieram antes e aqueles que vão vir.

A nossa religião é uma religião que é de todos, que acolhe a todos. A nossa região é a região do cuidar, do amar e do acolher. O terreiro é o espaço de cuidado, de acolhimento. E eu quero que vocês se sintam acolhidos através desse vídeo. Mais uma vez agradeço a professora Louise e a todos envolvidos. É sempre um prazer estar aqui, contribuindo e não deixando morrer essa cidade, essa ancestralidade, essa memória negra e ancestral da Princesa Batuqueira do Sul.

Axé!

RAÍZES DA CIDADE 2

TRAJETÓRIAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE: 15 ANOS FORMADO PROFESSORES/AS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA⁹

Iansã Fonseca Elste

O Colégio Municipal Pelotense atende a estudantes desde a educação infantil até o ensino médio e ainda possui o curso normal e EJA. Dentro desse contexto é de suma importância o estímulo pelo debate sobre as questões étnico-raciais e de gênero. O que fundamentou a implantação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/CMP), uma vez que a prática pedagógica apresenta uma limitação de materiais didáticos que contemplem a história da África, a história afro-brasileira, a história indígena e também as questões de gênero.

Originalmente o NEABI/CMP, nasceu em 2007, a partir da Lei n. 10.639/2003 que estava voltada apenas para as questões étnico-raciais. A proposta de sua criação foi da professora Maritza Flores Ferreira Freitas, com o objetivo de ser um núcleo para trabalhar em conjunto com a coordenação pedagógica os temas citados. A importância do NEABI reside no fato de ser um espaço de troca pedagógica, de compartilhamento de vivências e de conhecimentos, com ênfase no respeito à diversidade e às questões étnico-raciais. Os professores e estudantes recebem propostas de intervenção de uma educação anti-racista e diversa, visto que as minorias merecem respeito.

O NEABI atua há 15 anos, e por ele já passaram cinco coordenadoras: a professora Maritza Flores Ferreira Freitas, a professora Ana Borges, a professora Maria Graciane Pereira de Pereira, a professora Maria Raquel Vieira e atualmente Iansã Elste. O NEABI do Colégio Municipal Pelotense busca viabilizar e fortalecer o trabalho de formação continuada junto aos professores e alunos, possibilitando ações pedagógicas que contemplem a Lei n. 10.639/2003 e Lei n. 11.645/2008. É uma das funções do núcleo perpetuar a ancestralidade, manter as tradições e resgatar a memória desses povos.

Em 2021, foi desenvolvido um projeto que direcionava os estudos e pesquisas para promoverem as reflexões sobre as questões étnico-raciais e de gênero na sala de aula, no qual foram ouvidos professores, grêmios, bailarinos, com o intuito de contar a história afro-brasileira e indígena em primeira pessoa. No mesmo ano, em parceria com projeto de extensão Terra de Santo (UFPel), foi discutido a respeito de práticas, reflexões pedagógicas e questões étnico-raciais e de gênero no Colégio Municipal Pelotense através do NEABI. Cabe destacar a relevância da extensão universitária como forma de contribuir na qualificação do ensino fundamental e médio, como o debate possível, através de um projeto cultural e o curso de formação de professores intitulado “As questões étnico-raciais e de gênero no espaço da sala de aula”.

⁹ Fala transcrita e adaptada por Letícia Beck Fonseca, com base no Raízes da Cidade, realizado no evento, no dia 2 de junho de 2022, às 9h. A fala na íntegra está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y6wUVYRHd48>>.

Assim, com o diálogo, com as trocas e as narrativas, através da história oral, é possível avançar com a inserção dessas temáticas nas escolas. A história oral que é uma das maneiras de resistência das culturas afro-brasileiras e indígenas, uma vez que essas foram silenciadas por muito tempo pela história oficial, permite que a memória e o conhecimento ancestral permaneçam nas histórias contadas pelos griôs, por pajés e índios, mais velhos das tribos. Daí a importância de espaços para que as vozes dessas pessoas ecoem, para que possamos pensar a história através da multiplicidade de olhares. Por essa perspectiva o projeto busca subverter a história tradicional de Pelotas, que retrata as charqueadas e a escravidão, mostrando que o povo negro de Pelotas é produtor de cultura local, através dos doces, das danças, das religiões de matriz africana, do carnaval, que o povo tem uma cultura riquíssima, que foi por muito tempo silenciada.

Em Pelotas a resistência desses povos sempre esteve presente, mantendo suas histórias e culturas oralmente por gerações. Para pensarmos em resistência e ancestralidade, vale lembrarmos do poema de Maya Angelou intitulado: Ainda assim eu me levanto.

*Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.*

*Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.*

*Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.*

*Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh' alma enfraquecida pela solidão?*

*Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.*

*Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.*

Minha sensualidade incomoda?

*Será que você se pergunta
Porquê eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?*

*Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.*

*Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.*

RAÍZES DA CIDADE 3

CBTT CONTRIBUINDO COM UMA PELOTAS EM TRANSE¹⁰

Ialorixá Gisa de Oxalá,
Babalorixá Paulo de Xangô,
Rita de Ogum,
André Eduardo de Oxum,
Rubia de Iemanjá

A ancestralidade leva a tudo que uma pessoa de Religião de Matriz Africana faz em seu dia a dia, porque a gama de conhecimentos e a dor que se vive dessa Matriz vem da ancestralidade. A Oculta, por exemplo, que é onde a gente firma e se enraiza nessa Matriz, é a pedra que se pega no rio e com o qual se faz um rito, o rolar é o que indica a nossa direção, nosso caminho do dia a dia. Pela visão da tradição vivemos o presente, porque alguém já esteve aqui, assim estamos falando de ancestralidade, da ancestralidade da nossa casa, da dos Orixás e de quem veio antes de nós. O dia a dia carrega o poder ancestral que nos transmite conhecimento, a capacidade de observar e decidir, de poder modificar vidas e modificar também as nossas vidas, por isso que crescemos e por isso que evoluímos, por conta desse poder ancestral que nós carregamos. Todos os indivíduos dessa terra têm o poder ancestral que caminha juntamente conosco.

Toda árvore é sustentada por uma raiz, e podemos relacionar a raiz a nossa vida e a ancestralidade. Estamos aqui por algum motivo, então hoje nós temos uma ancestralidade e daqui 100 anos podemos ser nós a ancestralidade do próximo. A ancestralidade é uma energia positiva, como uma proteção, pois cada decisão que a gente toma, tem aquela voz no pé do ouvido da gente, que nos guia para uma decisão melhor e correta. Na nossa vida temos que pensar, observar, analisar e sempre com empatia, se por no lugar do outro, o que envolve muita coisa, a questão da religião, a cultura, o social, e conforme vamos conseguindo analisar, vamos conseguindo desenvolver nosso papel, pois hoje em dia temos que saber desenvolver um bom trabalho, uma boa cultura e uma boa experiência em tudo. Temos que entender que para nos tornarmos seres que se alimentam de ancestralidade, temos que conhecer como a gente nasceu, que maneira fomos colocado nessa vida e nesse lugar, pois se a gente for pensar no nascimento, a gente nasce de um grito, de um susto e aí o bebê nasce e é levado para o colo da mãe, recebendo um afago. Então quando a gente vai falar de ancestralidade temos que pensar também de que maneira a gente se alimenta dessa ancestralidade.

Dentro da vida e da religião, o nosso alimento, não só o alimento material como a comida cultural, nos torna um ser ancestral. Buscamos dentro e fora do terreiro aprender a buscar entender que somos religiosos em busca de uma conexão ancestral todos os dias e entender que tipo de alimento nutrimos nossa mente, corpo e espírito. Tentamos colocar isso em prática diariamente, ser uma pessoa boa com irmãos e colegas. Nós somos o que nós ingerimos e quando a gente vai preparar o alimento estamos colocando toda aquela carga em cima da comida que iremos servir.

¹⁰ Fala transcrita e adaptada por Lara Emmile Evangelista Valença e Gabriela Pecantet Siqueira com base no Raízes da Cidade, realizado no evento, no dia 3 de junho de 2022, às 9h. A fala na íntegra está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CBHBeyykuYY>>.

A ancestralidade influi na nossa vida diária, não só do lado espiritual, mas também no social, nos transporta na transformação de tudo, dos seres, das pessoas que adentram nossa casa. A experiência, a sabedoria, a paciência, a humildade são todos os fatores que nos são permitidos por ela e se nós somos o que nós ingerimos, então toda energia que colocamos no preparo do alimento estamos colocando também nele a nossa energia ancestral. E quando esse poder ancestral vem de dentro de um terreiro, onde a gente transforma nossos espaços e transforma a nossa vizinha e nosso entorno, então a gente recebe a sabedoria, empatia, paciência e humildade, e isso não nos torna seres menores, muito pelo contrário.

A gente pode entender a ancestralidade como sabedoria, que vem quando a gente sabe o que falar, o que argumentar, o que pensar, muitas vezes é parte da espiritualidade. A gente também pode ver e entender a ancestralidade como a força que nos impulsiona. Vamos considerar que hoje as mulheres estão conquistando cargos que antes eram só de homens, a gente vê ali a mulheres ancestrais, que lutaram antes delas para que isso fosse possível. Então entendemos que os nossos ancestrais trazem a força da mulher, e temos que captar essa força da melhor maneira possível para chegar onde quisermos hoje.

A ancestralidade também é herança, e um ponto bem importante nesse processo é a educação. A gente falou sobre se nutrir, então a gente é porque os outros foram, nós somos aquilo que eles foram. Então carregamos a herança dos nossos ancestrais das mais variadas formas. Nós temos sentimentos bons e ruins e cabe nós entendermos eles, e o que vamos nutrir, que memória vamos nutrir, para nos tornamos seres ancestrais. Levamos para cada dimensão das nossas vidas essa sabedoria e ensinamentos, para darmos o nosso melhor, colocando em prática algo que foi passado para nós. Devemos ser gratos à bagagem que temos como herança de ensinamentos e aprendizados, temos que entender que tudo que sabemos vem de outras pessoas, não nos pertence, foi doado e deixado como herança. A maior herança que podemos ter é esse tipo de carga, que a gente carrega e tem que entender de que maneira vamos nutrir isso, o que vamos escolher para colocar em prática e poder passar para os outros, para que os outros passem para outros e que os outros sejam melhores que a gente.

Nós falamos sobre mulheres, sabedoria, herança, afeto e ancestralidade, mas falar sobre espaço urbano também é muito importante. Para nós da Matriz Africana e para nossa ancestralidade, o espaço urbano dessa cidade [Pelotas] é sagrado e ele é sacralizado por nós todos os dias. Pelotas que nós vivemos, é sacralizada por nós, porque cada espaço tem a sua ancestralidade. A natureza para nós é a nossa ancestralidade maior, pois nós cultuamos o rio, o sol, a praia e as cachoeiras. Todos esses espaços têm um significado muito importante. Quando fazemos um rito na Matriz Africana, vamos nesses espaços. Então, o espaço urbano dessa cidade e de todas as cidades onde a Matriz Africana é cultuada são importantes.

Temos que falar do social também, no abraçar e no afeto as pessoas próximas. Na pandemia da Covid-19 praticamos o social e o trabalho que fizemos foi muito importante, na doação de alimentos, na elaboração de um cardápio, na preparação do alimento. Nós precisamos uns dos outros e juntos conseguimos transformar um pouco daquele sofrimento, as pessoas tinham medo de pegar a doença e por passar necessidades, mas nos dedicamos. A gente sabia que as pessoas não precisavam se preocupar com pelo menos uma refeição, que podiam vir aqui pegar. Este foi um momento muito importante para nós e para eles também, eles vinham aqui e saiam com uma satisfação muito grande por conta daquela refeição. Foi uma

ação que tomou uma proporção que não imaginávamos, porque um vizinho foi avisando o outro e quando nos demos conta estávamos distribuindo comida para 258 pessoas por dia.

Tem coisas que a nossa ancestralidade nos remete, no nosso viver do dia dia, viver a procura de não só nós melhorarmos, mas também a nossa família e nossos próximos, isso que a Matriz Africana procura fazer. Com a religiosidade nós podemos falar sobre a ancestralidade que temos no dia dia e também quando convivemos nos nossos rituais, com os preto velho, aquele amor que o Preto Velho tem nos passa quando ele chega na terra. Quando falamos inicialmente que nossos antepassados estiveram aqui, são os nossos Pretos Velhos, que trazem um significado daquele amor que é muito importante nas relações sociais e que sempre nos transmite uma indicação.

Ao falarmos de espaços urbanos e ancestralidade, podemos colocar como espaços muito importantes os cruzeiros, que nos transformam com a energia do Orixá, nos transformam na vida e nos dão oportunidade. Os cruzeiros, onde o nosso Orixá é representado, são transformadores e nós temos que estar abertos para poder sentir e nos transformar também. Temos que lembrar que esses lugares urbanos são lotados de memórias, são memórias urbanas. Quando se fala dessa história dos negros, da escravidão, da resistência, se fala dos cruzeiros, da natureza e dos locais. Esses caminhos transportam muita sabedoria e muita história, e esses caminho também nos remetem também a Matriz Africana, a nossa religiosidade, que não distingue pessoas, a Matriz Africana é a única religião que acolhe todo o ser humano, independente de cor, raça, sexualidade, a nossa religião é acolhedora e tudo isso nos remete a um caminho.

RAÍZES DA CIDADE 4

**¿VALORACIÓN O “ENVEJECIMIENTO SOCIAL” DEL PATRIMONIO?
MIRADA DESDE UNA CIUDAD INTERMEDIA DE ARGENTINA¹¹**

Dr. Andrés Pinassi

Departamento de Geografía y Turismo, Universidad Nacional del Sur, CONICET
andres.pinassi@uns.edu.ar

El patrimonio entendido como proceso, como construcción sociocultural, permite emerger de la mirada tradicional y dominante del término, que lo define como la herencia o el legado de una sociedad. Esta perspectiva alternativa, posibilita enfatizar en el estudio de los actores sociales, las relaciones, mecanismos y tensiones que se activan en torno a la preservación de ciertas obras o manifestaciones.

Desde la academia se ha focalizado en gran medida en las patrimonializaciones inducidas desde ciertos agentes hegemónicos, ya sean de carácter político, económico o científico, quedando una vacancia de aquellos estudios que propenden un abordaje de los actores con un rol subalterno, marginal o secundario en este tipo de iniciativas.

En este marco, la presente ponencia pretende indagar la mirada del residente, del habitante común de una ciudad intermedia de Argentina, Bahía Blanca (Buenos Aires), en relación con ciertos bienes culturales. Para ello se plantean como interrogantes de la investigación: ¿Qué lugar ocupan los componentes históricos en el espacio vivido de los bahienses? ¿Existe una valoración o un “envejecimiento social” de este legado? ¿Qué lugares se visibilizan y cuales se marginan en los espacios subjetivos?

En virtud de lo expuesto, cabe precisar algunas cuestiones teóricas que permitirán comprender mejor el abordaje y el caso propuesto, en vinculación con los debates conceptuales contemporáneos.

En coincidencia con Naveiro (2015), partimos del supuesto de que la ciudad no constituye una única realidad en sí misma, como entidad homogénea y uniforme, sino que estructura “la suma de múltiples realidades”. Ello permite pasar del estudio de la base física del espacio urbano a la esfera de los espacios subjetivos. En este contexto, el espacio vivido (Lefebvre, 2013 [1974]), como categoría geográfica de análisis, constituye un ámbito fecundo para explorar las representaciones y valoraciones construidas en torno a la urbe en general y a los componentes histórico-culturales en particular.

En este sentido, adquiere protagonismo lo que Milton Santos (1996) denomina como “envejecimiento social” de las formas del espacio geográfico, haciendo referencia al “desuso o desvalorización” de las mismas. Interesa aquí enfatizar en el segundo proceso que plantea el autor, dado el carácter inmaterial asociado. Podemos pensar

¹¹ Fala transcrita e adaptada por Milena Behling Oliveira com base no Raízes da Cidade, realizado no evento, no dia 3 de junho de 2022, às 18h. A fala na íntegra está disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=kk4vLIplvFo&feature=youtu.be>>.

entonces a la desvalorización en un sentido ambivalente, parafraseando a Choay (2007), cuando caracteriza a la valorización del patrimonio como concepto. En este sentido, implica una pérdida de valor tanto en términos sociales (de reconocimiento, identificación, aprehensión por parte de la comunidad), pero también de carácter económico.

En la presente investigación, ponemos foco en la valoración social, constituida por el vínculo entre los componentes históricos y la sociedad, preguntándonos si podemos referenciar la existencia de un “espacio vivido patrimonial” (Pinassi, 2017, 2019) en los individuos que habitan la ciudad. Es decir, un conjunto de representaciones sociales compartidas en torno a la historicidad y cultura local.

Con relación a los aspectos metodológicos, el trabajo se presenta con un enfoque mixto y un alcance explicativo. Se plantea una triangulación, dada por técnicas de corte cuantitativo articuladas con las cualitativas.

En primer lugar, se parte de una segmentación geográfica de la ciudad de Bahía Blanca, a partir de las Delegaciones Municipales que la integran, para luego aplicar una segunda delimitación por grupos poblacionales. Así se identifican: niños, adolescentes, adultos y adultos mayores. En todos los casos, residentes del espacio urbano.

Para cada uno de ellos se emplean diferentes técnicas:

- Niños (de 6 a 11 años): aplicación de mapas mentales o cognitivos en el ámbito escolar.
- Adolescentes (de 12 a 18 años): cuestionarios, reconocimiento de imágenes históricas y mapas mentales en el ámbito escolar.
- Adultos (de 19 a 59 años): cuestionarios en el espacio público.
- Adultos mayores (más de 59 años): entrevistas en profundidad y técnica de afloramiento de significados en “centros de jubilados”.

Como forma de síntesis de los resultados obtenidos, se construyó cartografía temática, dando cuenta de los componentes valorados, según segmentos etarios y sectores de la ciudad.

Como primera aproximación a los resultados y conclusiones del trabajo, que son profundizadas en la presentación, podemos aseverar que el grado de reconocimiento y valoración social de los componentes culturales por parte de los residentes de Bahía Blanca, determinan la configuración de un espacio vivido estructurado sobre filamentos contemporáneos más que aquellos de carácter histórico.

En términos generales, se puede manifestar que la apreciación de este legado resulta acotada y está en relación directa con la edad de los residentes. El reconocimiento de los bienes históricos se restringe a referentes específicos de la ciudad, principalmente de carácter monumental y con fuerte peso simbólico. Asimismo, su conocimiento no resulta exhaustivo, por el contrario, es superficial y en gran parte equívoco. Por otro lado, se evidencia una nula valoración de ciertos sectores, como los

espacios ferroviarios o las expresiones del patrimonio cultural inmaterial.

El segmento etario de los grupos poblacionales indagados presenta una relación de causalidad directa con la apreciación de los bienes culturales: a mayor edad, mayor es el conocimiento y valoración que se tiene acerca de los mismos. Si bien los resultados de la investigación dan cuenta de ello, dicho saber resulta acotado, confuso y, a veces, erróneo.

Como se mencionara, esta carente apreciación se traduce en la configuración de un espacio vivido estructurado por experiencias personales que guardan mayor vínculo con la contemporaneidad que con la historicidad local. El peso de la historia, cultura e identidad, con base en los espacios patrimoniales, se desvanece, dando lugar a un “envejecimiento social” de estas formas del espacio, en relación a las representaciones y valoraciones que entran en juego.

REFERÊNCIAS

CHOAY, F. **Alegoría del patrimonio**. Barcelona: Gustavo Gili. 2007.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros. 2013.

NAVEIRO, M. **La inclusión de los mapas cognitivos en los sistemas de evaluación**: Revista de Geografía e Ordenamento do Território, v. 7, n. 1, p. 251-270, 2015.

PINASSI, A. **La configuración de un nuevo espacio turístico-recreativo a partir de la valorización del patrimonio cultural**: El caso de Bahía Blanca (Argentina). Tesis de Doctorado en Geografía. Universidad Nacional del Sur. 2016.

PINASSI, A. **Patrimonio cultural, turismo y recreación**: El espacio vivido de los bahienses desde una perspectiva geográfica. Bahía Blanca: Ediuns. 2017.

PINASSI, A. **Espacio vivido patrimonial**: una mirada alternativa del patrimonio cultural desde la Ciencia Geográfica. *Ería*, Revista Cuatrimestral de Geografía, n. 1, p. 99-107, 2019.

SANTOS, M. **Metamorfosis del espacio habitado**. Barcelona: Oikos Tau. 1996

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

POSSIBILIDADES DE ENVELHECIMENTO NA MODERNIDADE COM BASE NA TRADIÇÃO AFRODESCENDENTE¹²

Mestre Guto Obafemi

Eu venho falar e trazer um olhar sobre possibilidades de envelhecimento na modernidade baseado na cultura e na tradição afrodescendente. Vamos conversar sobre as ancestralidades, os territórios urbanos e os territórios rurais que também estão fazendo parte desse processo.

A modernidade se estabelece, dentro de um conceito mais histórico, a partir do século XV e XVI, quando acaba a Idade Média e inicia a Idade Moderna, que traz toda uma série de conceitos e valores, que passam a ideia de que o moderno é o novo. Então, novas formas de viver em sociedade e novas formas de se relacionar surgem junto com a expansão marítima. Depois vem o iluminismo, com a ideia da ciência, sobrepujando o saber, digamos assim, mais empírico, o saber mais popular. Essa modernidade traz o reflexo para a contemporaneidade, com a Revolução Industrial e o capitalismo que já começou na Idade Moderna, com o mercantilismo, que se instaura cada vez mais. E isso, vai afetar profundamente as comunidades que têm a tradição, o território coletivo e a comunidade como base.

O que é ser um ancestral dentro desse espaço todo? A ancestralidade nas culturas de matriz africana, nas culturas dos povos originários e outras culturas de povos que trabalham, dialogam com essa possibilidade, entendem a ancestralidade como um espaço como as pessoas alcançam um fazer cultural, um estilo de vida, que é merecedor de honraria por ser ancestral. Não é todo mundo que se torna ancestral. A ancestralidade passa pelo nosso tema, que é o envelhecimento.

Pessoas jovens não são “ancestralizadas” porque não tiveram a sabedoria acumulada a partir dos anos de existência para se tornar uma pessoa ancestral. É preciso receber os rituais, receber todas as honrarias, e a pessoa torna-se referência para aquele coletivo ou para aquele grupo social.

O envelhecimento pode ser compreendido de três formas. Tem gente que entende o envelhecimento de formas mais ampliadas, considera a questão biológica e fisiológica. Alguns teóricos dizem que ela inicia a partir dos trinta e cinco anos, quando nossas células morrem mais do que se renovam, e aí começa o processo de envelhecimento. Outras pessoas dizem que a partir do nascimento já começa o processo de envelhecimento. O envelhecimento pode ser entendido a partir do campo psíquico ou do campo do social, que envolve a capacidade de sociabilidade, socialização, de estar em interação com outras pessoas e em interação também com esse mundo que está aí agora. Um mundo cada vez mais tecnológico, onde tudo está sendo muito rápido, e pessoas mais idosas, até algumas pessoas mais jovens, têm dificuldades com essas questões. E se agrega também a isso, o que seria um quarto elemento, a questão do

¹² Fala transcrita e adaptada por Lara Emmile Evangelista Valença e Gabriela Pecantet Siqueira, com base na Palestra de Encerramento no evento no dia 3 de junho de 2022, às 19h30min. A fala na íntegra está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MAxHNeK2TNI&list=PLk693KW7SoeIXYTGXfw7uninMntLqB9oK&index=6>>.

envelhecimento emocional. Outras pessoas associam o envelhecimento emocional junto ao psíquico. A questão das emoções e das perdas, afeta muito as pessoas mais velhas. Então, já temos até aqui três conceitos. Modernidade. Ancestralidade. Envelhecimento.

Mas quando eu falo da tradição afrodescendente, que tradição é essa que eu estou falando? Com certeza, muitas pessoas podem pensar que falar em tradição afrodescendente é muito ampla. Eu vou tentar ousar falar de um elemento comum que está presente em todas essas tradições. Alguns pesquisadores, teóricos, pessoas do movimento social negro, educadores engajados, educadoras engajadas, fizeram uma síntese de alguns princípios que estão presentes em todo o continente africano. Então, são cinquenta e quatro países, milhares de idiomas, de línguas e de culturas, diferentes formas de interpretar o mundo, mas que tinham esse eixo comum. Quando nós falamos de matriz africana no Brasil, nós falamos de três grupos especificamente. Os Nagôs e Iorubás, que foram trazidos principalmente no último momento da escravidão no Brasil, quase pouco antes da proibição do tráfico negreiro. Depois os Bantos, que é a base da cultura afro-brasileira, que foi o maior número de pessoas trazidas desde o início do processo de construção desse país. Então, quando se fala em Brasil, se fala nos povos Bantos, e quando se fala nos povos Bantos, se fala na época do grande reino do Congo. Angola fazia parte desse reino, então nós temos Angola, Congo, Moçambique, e aí Benguela... E outros países, que não eram países na época, outras nações foram trazidas nesse momento.

Está na hora de começarmos, na medida do possível, a nominar teoricamente quais são as matrizes que formam o povo brasileiro. Esses grupos culturais, principalmente os grupos Bantos, foram os que mais deixaram legado na cultura. A capoeira, que é o meu lugar de fala, o samba, o maculelê, as congadas que nós temos aqui em Osório-Maçambique, de Osório, as congadas lá em Minas Gerais, o jongo, o maracatu, o samba de roda, tudo são culturas Bantos, do povo Banto.

Todas elas culturas têm eixos que vão fazer com que eu possa trazer uma nova possibilidade, uma possibilidade mais positiva de envelhecer na modernidade, que é poder envelhecer a partir da e na cultura afrodescendente, na cultura Banto e na cultura do terreiro, que é a cultura da tradição dos orixás, porque tem os mesmos elos de comum, de forma de interpretar o mundo.

A cultura de matriz africana no Brasil pode ser uma grande possibilidade de um novo viver em sociedade mais humanizada. Um novo viver em sociedade, uma nova forma de construção social baseada no ser e não no ter, para podermos pensar na modernidade, envelhecimento e ancestralidade, porque quando se fala em modernidade se fala em capitalismo também, se fala em produção e em meios de produção. Dentro de uma sociedade, que precisa de mão de obra produtiva, às vezes essa pessoa que já está mais envelhecida, que já não tem a mesma capacidade de produção, pode ser relegada, deixada de lado. Nos espaços urbanos, nós vemos muitas pessoas velhas abandonadas, em situação de rua.

Eu estou trazendo esse lugar para poder pensar na cultura de tradição, e aí eu vou falar especificamente da capoeira, onde o mais velho tem lugar e, além de ter lugar, ele é venerado, ele é honrado, ele é valorizado, porque são culturas de processos iniciáticos, que passam por uma relação de memória, de geracionalidade, de transgeracionalidade, onde aquela pessoa mais velha, se for mais velha de idade, mais velha no campo iniciático naquela cultura, ela é reconhecida e valorizada pelo novato, pela pessoa que está se apresentando.

Até eu entrar na capoeira, eu já vinha sensibilizado sobre a presença das pessoas mais velhas, da importância das pessoas mais velhas, porque eu venho de uma comunidade quilombola do Maquiné, da costa da prainha do Maquiné, onde a relação da comunidade com o mais velho, da família extensiva, é muito presente.

Quando eu vim para Porto Alegre, eu fiquei uns três anos morando com a minha avó. Em Porto Alegre, a relação do trabalho era baseada no tempo do patrão, a hora de ficar em casa, a hora de chegar, a hora para sair era a do patrão. As pessoas mais velhas, nesse contexto, que já não conseguem trabalhar, começam a ficar dentro de casa. Quando eu entro na capoeira e começo a entender o papel da ancestralidade, o papel do mais velho, o papel da oralidade, começo a entender toda essa africanidade, esse jeito de ser africano, que no Brasil foi através da violência, através da estabilização, através da desconstituição de tudo que é positivo em relação a isso, foi tirado do povo africano ou do povo afrodescendente.

Na cultura, eu passo a me resgatar enquanto um indivíduo, um indivíduo vinculado a esse território, vinculado a essa família, e com isso eu passo a valorizar os mais velhos também. Conviver isso, entendo que o envelhecimento não é um problema. O envelhecimento, ao contrário, é sabedoria adquirida, conhecimento adquirido. Então, estamos aqui falando desse período, como pode ser as possibilidades de envelhecimento a partir da cultura de tradição afrodescendente. É um envelhecimento onde o mais velho ou a mais velha tem espaço, tem lugar.

A maioria dos terreiros tem uma cadeira específica para os mais velhos. Os mais velhos já fizeram tanta coisa pela comunidade, que a gente vê que já são um ancestral vivo, o Orixá já está ali, por isso já recebe a mesma honraria, o mesmo respeito, o mesmo prestígio do próprio Orixá. Porque são pessoas que têm ali de iniciação no terreiro, quarenta, cinquenta anos. Eu mesmo tenho de iniciação desde 1991, são mais de trinta anos de iniciação, mais do que uma rapaziada que tem de idade, lá no terreiro. Isso faz com que nós tenhamos esse lugar de prestígio, mesmo sabendo que esse lugar de prestígio também tem que ser feito com cuidado e moderação. Porque a gente também não pode, só pelo fato de ser uma pessoa mais velha dentro desses grupos culturais, dessa tradição afrodescendente, deixar de ter o seu papel de educador, de educadora, de transmissor das informações daquela comunidade, porque é o mais velho que sabe.

Por exemplo, hoje, se pode buscar informações sobre o candomblé, sobre o batuque em diversos lugares na internet. Isso acaba criando um certo tensionamento, porque a pessoa faz o seu tema, faz a pesquisa e depois chega a questionar os mais velhos. Pode até ter acesso a mais informação, mas informação não é sabedoria. Ao buscar informações específicas sobre aquela comunidade, sobre aquele Iguibé, revela-se a importância do território. A importância na cultura popular, de ter um território e ter uma comunidade.

Numa sociedade que privilegia o individualismo e coloca a individualidade em um lugar de extrema valorização, o resultado frequentemente é a solidão. A solidão é diferente da solidão; enquanto a primeira envolve estar consigo mesmo de forma saudável, o individualismo muitas vezes leva ao isolamento, criando a ilusão de autossuficiência – até que ela se mostre insustentável. Numa sociedade que privilegia muito o individualismo, muitas pessoas se iniciam, mas não têm esse tempo, essa paciência para ficar num grupo maior, de ficarem naquele grupo, entendendo os processos.

A gente tem uma frase, é um provérbio africano antigo, que sozinho a gente anda rápido, mas acompanhado a gente vai mais longe. As pessoas se atrapalham nisso e querem abrir o seu espaço cultural, o seu grupo de capoeira, o seu terreiro, o seu grupo de jongo, o seu grupo de samba de roda, para não cumprir as etapas de iniciação, de tempo, um processo onde vai dar a sua maturidade. E aí rapidamente acaba constituindo um grupo que dá um entusiasmo muito grande no início e logo depois não se sustenta. Nós precisamos dessas raízes, nós precisamos dessa maturidade. Nós estamos fazendo isso para que possamos envelhecer com qualidade.

Então, o que eu venho falar aqui como um mestre de capoeira, iniciado no terreiro desde de 1991. Hoje sou um dos mais velhos lá do terreiro do Babadiba, sou um educador físico, estou fazendo agora uma mestrada em educação. O meu lugar de fala, faz eu me refletir e ficar pensando muito sobre mim mesmo, sobre como eu estou me preparando para o envelhecimento no meu campo biológico, no meu campo emocional, psíquico e social.

Hoje nós estamos com o maior momento de longevidade, pelo menos da história que tem registro. Hoje as pessoas estão alcançando tranquilamente 80, 90 anos, algumas pessoas chegando a 100. Existe ainda um grande grupo de pessoas, um número bem menor, mas um grupo expressivo que está passando a casa dos cem anos.

Como é que nós estamos nos preparando? A cultura de tradição afrodescendente te prepara no campo social e emocional. Numa cultura fora da cultura da modernidade, a cultura do trabalho, a cultura do capital, a cultura do neoliberalismo, se tu não tem, tu não é, se tu não produz, tu não tem valor.

Claro que envelhecer com grana e envelhecer sem grana tem suas diferenças. É lógico que a pessoa vai dizer, “mas eu prefiro envelhecer com grana”. Sim, eu também, eu prefiro envelhecer com dinheiro, ter conforto. Mas muitas famílias que têm capacidade financeira, elas acabam não ficando muito com seus idosos, colocam numa clínica sob a justificativa de que a clínica a pessoa ficará mais bem cuidada. Então, a pessoa pode até fisiologicamente, biologicamente, estar em processo de um envelhecimento saudável, ter acesso a bons remédios, a um bom atendimento, mas o emocional se fragmenta.

Nas culturas de famílias mais empobrecidas, dentro de uma sociedade de classe, muitas vezes a incapacidade financeira de botar num abrigo, acaba criando a possibilidade de se criar um vínculo maior com aquele mais velho. Por um outro ponto de vista, atualmente a gente tem visto muitas famílias que estão sendo sustentadas pela aposentadoria da avó, em virtude dessa dependência financeira da pessoa mais velha, essa pessoa mais velha acaba se tornando também ainda atuante, positivando a sua relação e fazendo com que fiquem juntos.

Eu gosto da ideia da contemporaneidade, porque contemporaneidade pressupõe que nós estamos vivendo no mesmo ambiente, estamos todos juntos. As pessoas mais velhas, as pessoas mais jovens, mais jovens ainda, estamos todos nesse mesmo momento. Mas o conceito de moderno, valoriza as inovações. O sistema capitalista precisa sempre apresentar algo novo para mover a engrenagem, aquilo que é velho se torna descartável, se torna pesado, tem que dar lugar para outra coisa acontecer.

Ao mesmo tempo existe um grande mercado dentro dessa cultura do capitalismo e do liberalismo que, ao perceber que aumentou a longevidade, identificou o surgimento de um público consumidor composto por pessoas mais velhas, idosas, que também podem contribuir tanto no campo do cuidado da saúde, como no do lazer. Vemos, por exemplo, essas excursões que são feitas com as pessoas mais idosas, e eu acho maravilhoso, precisa ter mesmo, e talvez aí esteja uma pequena face positiva do capitalismo, que ao ver uma oportunidade de ter lucro e entrega um trabalho que faz bem para essas pessoas.

Mas o que nós estamos fazendo para o nosso envelhecimento no campo biológico, no campo social? Que tipo de relações eu estou construindo? Relações que são sementes plantadas para colher no futuro, ou são relações ruins, eu fico no meu canto, eu fico fechado e acabo não conseguindo criar laços de amizade? Porque a gente sabe também que as pessoas quando vivem bastante tempo, os laços familiares muitas vezes acabam ficando bem diminuídos. Para algumas comunidades africanas, viver por tempo demais pode ser visto até como uma espécie de maldição, pois a pessoa vê a partida de filhos, irmãos e amigos, e continuam ali enquanto todos ao redor se vão.

Então, tudo tem a sua medida, tudo tem o seu tempo e nós precisamos estar preparados. Para vocês que são mães, são pais e que estão aqui acompanhando minha fala: Que tipo de comportamento, que tipo de atitude que vocês têm perto dos filhos de vocês, das crianças, dos sobrinhos? Como isso vai ser bom para a sua velhice, bom para o relacionamento com esse menino, com essa menina, com a sua avó ou com o seu mais velho? Porque o sistema opressor é duro, ele é internalizando, ele vai se colocando na gente, vai introjetando os ideais dele.

Eu acredito muito que esse evento, a sexta edição desse Cidades em Transe, que traz esse tema da ancestralidade, está gerando muito conteúdo para que nós possamos pensar e tratarmos nossos mais velhos, inclusive não só os mais velhos, os mais jovens, de uma forma mais qualificada. Porque às vezes a gente não quer nem falar sobre velhice, né?

Antigamente, por volta dos sessenta anos, a pessoa já começava a “arrumar as malas”, preparando-se para uma fase de recolhimento. Mas hoje, existe até um termo para essa nova etapa, como se fosse uma nova adolescência para quem chega aos sessenta ou setenta anos e passa por uma espécie de crise. Fomos educados para, aos sessenta, “pendurar as chuteiras” e nos recolher, mas agora percebemos que temos qualidade de vida, a cabeça está bem, e, mesmo assim, ainda há uma pressão social para que nos acomodamos em casa.

Por outro lado, vemos um movimento oposto: pessoas acima dos sessenta que estão saindo, se divertindo, namorando e vivendo plenamente. Isso gera um conflito social – alguém vê uma pessoa mais velha namorando e estranha: “olha lá, o velho beijando na boca”. Esses conflitos fazem parte do que chamam de “evanescência”, uma transição interessante que também observamos no terreiro e, especialmente, na capoeira, onde o papel dos mestres é central.

Meu mestre está prestes a completar sessenta e três anos, mas vive próximo de outro mestre mais velho, porque entende que, em nossa cultura tradicional, é essencial manter a presença de um mestre. Para nós, o mestre é sempre alguém mais velho, com mais tempo de vivência e experiência. Meu Babalorixá, Babadiba de Iemanjá, está sempre cercado dos nossos

“velhinhos”. Recentemente, nossa Ialorixá, dona Tira, faleceu com quase noventa anos, mas até então o Babadiba sempre estava com ela e com outros mais velhos.

Isso acontece por dois motivos: tanto o meu mestre, mestre René, quanto o Babadiba e todos que seguem nossa cultura e tradição, sabem que os mais velhos possuem axé acumulado. Não é apenas sabedoria; é a energia espiritual que se acumula ao longo dos anos. Quando um mestre respeitável chega, sua presença é de grande importância e respeito, pois carrega e compartilha esse axé.

Costumamos pensar que, ao chegar aos sessenta ou setenta anos, já temos o trabalho da vida feito, sem muito mais a realizar. No entanto, isso ignora as pluralidades e diferenças de como envelhecemos na atualidade, na modernidade e na contemporaneidade. E o que eu trago para vocês é a ideia de que, dentro das culturas, o envelhecer é visto de maneiras diversas.

Talvez vocês pensem: “Guto, pelo jeito que fala, parece que você acha que envelhecer é bom e quer ficar velho?” Mas a questão não é essa. Não tenho o poder de decidir se quero ou não envelhecer. O envelhecimento é um processo natural, algo que está além da nossa escolha. O que eu posso, sim, é decidir como lidar com a velhice que está chegando e de que maneira vou me relacionar com ela. Posso me preparar e vocês também podem. O envelhecimento é inevitável; ao invés de tentar evitá-lo, podemos adotar práticas saudáveis para esse processo, cuidando do nosso bem-estar social, psíquico e emocional.

Na cultura de tradição, a pessoa mais velha permanece ativa e envolvida, pois somos uma comunidade em que todos contribuem. Talvez minha irmã mais velha de Orixá já não consiga fazer o acarajé, mas ela pode estar ali para me orientar e corrigir, e sua presença é fundamental para manter a dinâmica e o espírito da comunidade vivos.

Agora, se deixarmos de lado a prática de pedir à nossa mãe uma receita de chá, como aconteceu com uma menina que passou por isso conosco, surgem outras dinâmicas. Ela teve um filho e, enquanto sua mãe estava ansiosa para ajudar – afinal, era o primeiro neto e ela queria estar presente – a jovem preferiu buscar conselhos em um grupo de novas mães no Facebook. Ali, outras mulheres compartilhavam dicas sobre chás para cólica e outras questões. Assim, a mãe foi substituída pela rede de apoio online. Essa situação gerou um grande conflito entre elas: a mãe, que esperava desempenhar um papel de suporte, se viu desconsiderada. Para ela, tornar-se avó era uma oportunidade de finalmente ter o tempo e a experiência para ajudar, quase como um rito de passagem para se realizar como mãe novamente. Por isso, dizem que uma mãe só entende plenamente a maternidade quando se torna avó, e o pai só se torna verdadeiramente pai ao virar avô.

Então, pessoal, agora vou falar um pouco sobre os valores comunitários, muitas vezes chamados de “civilizatórios”, mas preciso dizer que essa palavra me incomoda. Esse termo “civilizatório” traz aquela carga histórica problemática de quando justificavam a imposição de uma cultura sobre outra, marcando certos povos como “atrasados” ou “selvagens” que precisavam ser “civilizados” – uma ideia que sustentou a opressão, a escravidão e tantas outras injustiças.

Falando aqui sobre as comunidades afrodescendentes, e especificamente das práticas que conheço, como a capoeira, o samba e o terreiro, vemos valores muito fortes de relação

comunitária e de prática vivencial. É um saber que não se aprende só na teoria. Se você faz parte de um grupo de capoeira, por exemplo, não adianta ter doutorado ou várias pesquisas publicadas. Você precisa colocar a mão no chão, treinar e participar ativamente da roda. A teoria, ali, vem só depois da prática. Como diz o mestre René, “teoria sem prática é uma conta que não fecha.”

Há um grande valor dado à transmissão oral. As músicas, por exemplo, são aprendidas diretamente nas rodas de capoeira, a música é aprendida durante o jiri ou no samba. Nunca vi alguém parar uma roda para dizer: “Espera aí, vou cantar uma música que aprendi no YouTube.” Mesmo que alguém aprenda pela internet, na roda, essa música vai ser compartilhada como parte de uma vivência, como algo ensinado por um mestre ou por alguém próximo – não só um conteúdo online. Não, isso não acontece no terreiro, nem em espaços de transmissão cultural como esses. O que é valorizado é dizer: “Aprendi com alguém mais velho, fui na casa do Mestre X ou da Mestra Y, e eles me passaram esse fundamento, como a gente diz.” Há uma reverência aos mais velhos, uma valorização da senioridade – reconhecemos que essa pessoa carrega um axé acumulado, uma experiência de valor que merece respeito.

Em uma roda de capoeira, por exemplo, há uma hierarquia de respeito. Sou mestre de capoeira, mas ainda jovem na mestria. Fui reconhecido como mestre em 2019, e logo em seguida veio a Pandemia da Covid-19, o que limitou minha atuação. Mas, se um mestre mais antigo, como o Mestre Mano, está presente, tenho a responsabilidade de passar a condução para ele. Mesmo que a roda seja minha, digo: “Mestre, tome conta da roda,” ou “Mestre, estou conduzindo aqui; se o senhor achar que algo precisa ser corrigido, por favor, me avise.” Isso é um fundamento essencial na capoeira.

Como o Mestre René também fala, o pai dele dizia que é um conceito: “Enquanto o mais velho está vivo, todos são filhos, ninguém é pai”. Mesmo eu sendo mestre, se meu mestre chega, volto a ser discípulo, aluno. Naquele momento, não existe Mestre Guto, porque o respeito coloca o mais velho na posição de quem conduz. Esse princípio se mantém no terreiro também. Mas hoje em dia vemos crianças discutindo com suas avós, falando mais alto que elas, algo que reflete uma perda desse respeito fundamental. Existem muitas questões que, sem criticar o presente, merecem mais atenção.

O Estatuto do Idoso, no artigo 22, por exemplo, estabelece que o processo de envelhecimento deve ser ensinado nas escolas, incluindo o ensino superior. No ensino superior, essa abordagem aparece mais nas disciplinas voltadas para a área da saúde, onde há uma ou duas cadeiras sobre o tema. Mas o envelhecimento, assim como a finitude, raramente são temas amplamente discutidos. Parece que evitamos o assunto, como se, ao não falar sobre isso, não precisássemos lidar com essas realidades. No entanto, são processos inevitáveis.

Além disso, há muitos estudos sobre os benefícios da convivência intergeracional – crianças pequenas convivendo com pessoas idosas – que demonstram as vantagens para ambos. Essa interação ajuda as crianças a desenvolver uma compreensão mais ampla do ciclo da vida, reconhecendo desde cedo as limitações que podem enfrentar com a idade. Para as pessoas idosas, essa troca também é enriquecedora, ajudando-as a se sentirem valorizadas e úteis.

Um exemplo é o “cuidado compartilhado”, trazido ao Brasil, que traz a concepção de que ao cuidar de crianças os idosos também são beneficiados. Eles se sentem valorizados e

socialmente reconhecidos, enquanto ajudam a liberar o tempo dos pais para outras atividades importantes para o coletivo.

Já mencionei a importância da intergeracionalidade, ou seja, a transmissão de conhecimentos e valores de geração em geração. Existe uma circularidade nisso – não é uma troca linear, mas sim um fluxo onde poder, saberes e energia circulam. Nesse processo, quem cuida também é cuidado, quem ensina também aprende. Esses valores já estão presentes nos terreiros, na capoeira, muito antes de serem teorizados por Paulo Freire.

Edgar Morin, francês e educador, no seu livro *Os Sete Saberes*, também aborda essa questão. Ele viveu um tempo em países africanos e quando eu li o livro, percebi: isso já está nos terreiros e na capoeira há milênios. Isso mostra que é importante buscar o conhecimento onde está mais próximo da gente.

A memória nesse processo é um valor essencial. É ela que guarda e perpetua histórias. Veja o caso do projeto *Africanamente*, que existe desde 2003 e fará vinte anos no próximo ano. Nesse tempo, muitas pessoas já passaram por ali. Recentemente fizemos um evento e uma das primeiras alunas, que hoje não treina mais, foi prestigiar. Foi incrível para ela ver quem agora mantém o projeto vivo, assim como para os novos alunos foi importante conhecer alguém que esteve lá no início. Todos contribuíram, direta ou indiretamente, o que gera uma sensação de pertencimento e reciprocidade.

O território também é fundamental, especialmente para os mais velhos, que sofrem quando perdem o espaço onde construíram suas memórias. Elementos como ancestralidade, corporalidade e ludicidade estão presentes em todas as culturas de tradição afrodescendente.

Fiz essa fala para dizer que as culturas e tradições são instrumentos bem importantes para nós possamos envelhecer com mais dignidade ou amenizar os problemas de envelhecimento. Toda essa troca cultural e tradicional é essencial para que possamos envelhecer com dignidade. Precisamos refletir sobre nosso próprio envelhecimento desde já, entendendo tanto o processo de envelhecimento quanto o que chamamos de “avosidade” – o papel dos avós –, que é um outro termo bem bacana também.

Também é importante pensar nas diferenças desse processo entre diferentes grupos sociais, para homens, para mulheres e pessoas de diferentes classes sociais. Envelhecer é inevitável para todos, mas vivenciado de formas distintas. Cuidar do nosso envelhecimento e do envelhecimento daqueles próximos a nós é essencial. Qual exemplo damos às crianças? Como reagimos, por exemplo, quando vemos uma pessoa idosa na televisão? Escuto comentários como “Que feio, que velho,” e me pergunto: será que esse tipo de comentário não afeta quem o faz? Todos envelhecemos. Um amigo meu sempre fala das “três peneiras”: é necessário? É importante? Vai ajudar em algo? Esse tipo de pensamento pode ajudar a evitar falas pejorativas sobre o envelhecimento.

Envelhecer em cidades grandes é difícil. Nas áreas urbanas, onde moram pessoas de uma classe social mais alta, predominam as famílias nucleares, formadas apenas pelo casal e filhos; onde moram pessoas de uma classe social baixa é mais comum ver famílias extensivas, com avós, tios e primos todos convivendo juntos, o que está muito presente nas áreas rurais também. A vida urbana e a lógica do consumo estimula que cada um tenha seu espaço próprio,

sua TV, sua casa, mas quem realmente ganha com isso? A estrutura da família nuclear isola e limita os laços comunitários, algo que se agrava em situações de crises de saúde, doença, depressão. E quem é que ganha com esse isolamento? No fim, o isolamento enfraquece nossas relações e nos adocece.

Claro que viver em famílias grandes tem seus desafios, mas podemos, por exemplo, dividir tarefas e aprender em coletivo. Fui falar um pouco, mas acabei me empolgando – essas questões realmente mexem com a gente. Muito obrigado!



ANAIS

CIDADES EM TRANSE:

Ancestralidades, envelhecimentos
e espaços urbanos

Organização:



Colaboradores:



Núcleo de Estudos
Afro-brasileiros e Indígenas - CMP